

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

MARIA CRISTINA BARROS MACIEL PELLINI

**INDICADORES DO MÉTODO DE RORSCHACH
PARA AVALIAÇÃO DA MATURIDADE EMOCIONAL
PARA PORTE DE ARMA DE FOGO**

**SÃO PAULO
2006**

MARIA CRISTINA BARROS MACIEL PELLINI

**INDICADORES DO MÉTODO DE RORSCHACH PARA
AVALIAÇÃO DA MATURIDADE EMOCIONAL PARA
PORTE DE ARMA DE FOGO**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a Dr^a Irai Cristina Boccato Alves

**SÃO PAULO
2006**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Pellini, Maria Cristina Barros Maciel.

Indicadores do método de Rorschach para avaliação da maturidade emocional para porte de arma de fogo / Maria Cristina Barros Maciel Pellini; orientadora Iraí Cristina Boccato Alves. -- São Paulo, 2006. 165 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Teste de Rorschach 2. Avaliação psicológica 3. Armas de fogo
I. Título.

BF698.8.R5

MARIA CRISTINA BARROS MACIEL PELLINI

**INDICADORES DO MÉTODO DE RORSCHACH PARA
AVALIAÇÃO DA MATURIDADE EMOCIONAL PARA
PORTE DE ARMA DE FOGO**

MARIA CRISTINA BARROS MACIEL PELLINI

BANCA EXAMINADORA

Tese defendida e aprovada em: ___/___/_____

Agradecimentos

À Profa. Dra. Irai Cristina Boccato Alves, agradeço pela paciência e pela exemplar orientação na execução deste trabalho, possibilitando chegar neste momento.

Às Profas. Dras. Maria Abigail de Souza e Anna Elisa de Villemor Amaral pelas sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

À Profa. Dra. Lúcia Maria Salvia Coelho e à Sociedade Rorschach de São Paulo, minha gratidão pela colaboração e por fornecer parte dos protocolos que foram usados nesta pesquisa. Agradecimentos especiais ao Sr. Manoel Salvia, que realizou o tratamento estatístico com dedicação e presteza.

Agradeço à amiga Dra. Hilda Morana, que esteve sempre ao meu lado e também forneceu protocolos de Rorschach para este trabalho, muito contribuindo para sua realização.

Meus agradecimentos especiais às minhas colaboradoras, que aplicaram e avaliaram os protocolos do Rorschach e fizeram parte de uma equipe empreendedora: Carla e Kazue. E à amiga Sandra Encinas, que cedeu o espaço para as aplicações e coleta de dados. Sem elas, este trabalho não teria sido possível. E os sujeitos da Guarda Municipal que compreenderam a importância de sua participação.

Estendo meus agradecimentos também à Profa. Dra. Myriam Augusto da Silva Vilarinho, que sempre me estimulou e apoiou.

Meus agradecimentos especiais às minhas amigas que colaboraram diretamente para que esse trabalho fosse possível:

À Mônica, que me ajudou na pesquisa bibliográfica e na digitação dos textos com paciência e dedicação.

À Helena, que com extrema competência e atenção foi interlocutora na discussão dos dados e na revisão criteriosa dos textos.

À Irene, pela paciência e compreensão de ter me ouvido nos momentos difíceis.

E a todos que tornaram esse momento possível.

Aos meus filhos, Amanda e Fernando, por terem me acompanhado nos momentos bons e nos críticos da realização deste trabalho.

Ao meu marido, Armando, com carinho e amor.

Aos meus pais, in memoriam.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iv
LISTA DE FIGURAS.....	ix
LISTA DE TABELAS.....	x
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xiv
I – INTRODUÇÃO	1
1. A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE	10
2. QUESTÕES RELATIVAS À AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA	14
3. O USO DAS TÉCNICAS PROJETIVAS E O MÉTODO DE RORSCHACH	18
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MÉTODO DE RORSCHACH, SEGUNDO ANÍBAL SILVEIRA	28
5. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE AS PESQUISAS COM O MÉTODO DE RORSCHACH	34
6. INDICADORES PARA O PORTE DE ARMA	74
II – OBJETIVOS	92
III – MÉTODO	93
a) Sujeitos.....	93
b) Material.....	95
c) Procedimento.....	95
d) Análise de Dados	96
IV – RESULTADOS	97

V – DISCUSSÃO	121
VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
VIII – ANEXOS	145
ANEXO A	146
ANEXO B	162
ANEXO C	163

LISTA DE FIGURAS

Figura

1. Participação em porcentagem das armas de fogo no total de óbitos. Brasil 1979/2003 6
2. Comparação das médias dos determinantes 127

LISTA DE TABELAS

Tabela

1. Taxas de Óbito por Armas de Fogo (em 100.000 hab.) População Total. Brasil, 1979/2003	5
2. Distribuição de freqüência por idade dos três grupos da amostra	94
3. Distribuição de freqüência por escolaridade dos três grupos da amostra	94
4. Estatísticas Descritivas de Impulsividade (IMP)	98
5. Comparação entre os grupos em relação à Impulsividade	98
6. Estatísticas Descritivas de %F ⁺ total para cada grupo	99
7. Estatísticas Descritivas de %V total para cada grupo	100
8. Estatísticas Descritivas de %A total para cada grupo	100
9. Estatísticas Descritivas de RMI total para cada grupo	101
10. Comparação entre %F ⁺ _T , %V _T , %A _T e RMI _T	102
11. Estatísticas Descritivas de %F ⁺ _{mono} para cada grupo	103
12. Estatísticas Descritivas de %V _{mono} para cada grupo	104
13. Estatísticas Descritivas de % A _{mono} para cada grupo	104

14. Estatísticas Descritivas de RMI_{mono} para cada grupo	105
15. Comparação de $\%F^+$, $\%V$, $\%A$ e RMI_{mono} entre os grupos ...	105
16. Estatísticas Descritivas de $\%F^+_{color}$ para cada grupo	106
17. Estatísticas Descritivas de $\%V_{color}$ para cada grupo	107
18. Estatísticas Descritivas de $\%A_{color}$ para cada grupo	107
19. Estatísticas Descritivas de RMI_{color} para cada grupo	108
20. Comparação de $\%F^+$, $\%V$, $\%A$ e RMI_{color} entre os grupos	108
21. Estatísticas Descritivas de CON_T	109
22. Comparação de CON_T entre os grupos	109
23. Estatísticas Descritivas de CON_{mono}	110
24. Comparação de CON_{mono} entre os grupos	110
25. Estatísticas Descritivas de CON_{color}	111
26. Comparação de CON_{color} entre os grupos	111
27. Estatísticas Descritivas de $\%F_T$	112
28. Comparação de $\%F_T$ entre os grupos	112
29. Estatísticas Descritivas de $\%F_{mono}$	113

30. Comparação de % F_{mono} entre os grupos	113
31. Estatísticas Descritivas de % F_{color}	114
32. Comparação de % F_{color} entre os grupos	114
33. Médias e desvios padrão de M, m e m' para cada grupo	115
34. Comparação de M, m e m' entre os grupos	115
35. Médias e desvios padrão de $M > m + m'$ para cada grupo ..	116
36. Comparação entre os grupos de $M > m + m'$	116
37. Médias e desvios padrão de FC, CF e C para cada grupo ..	117
38. Comparação de FC, CF e C entre os grupos	117
39. Médias e desvios padrão de $FC > CF + C$ para cada grupo.	118
40. Comparação entre os grupos de $FC > CF + C$	118
41. Médias e desvios padrão de L, C', I e I' para cada grupo	119
42. Comparação de L, C', I e I' entre os grupos	119
43. Médias e desvios padrão de $L + C' > I + I'$ para cada grupo.	120
44. Comparação entre os grupos de $L + C' > I + I'$	120

RESUMO

PELLINI, Maria Cristina B. M. *Indicadores do Método de Rorschach para avaliação da maturidade emocional para porte de arma de fogo*. São Paulo, 2006, 165 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

O objetivo deste trabalho é estabelecer indicadores do Método de Rorschach, avaliado segundo a proposta de Aníbal Silveira (1985), para a avaliação psicológica exigida na lei para a concessão do porte de arma de fogo. A amostra foi composta por 150 sujeitos do sexo masculino, de 19 a 51 anos, divididos em três grupos: um grupo controle (GC) extraído da pesquisa de Coelho (2000), um grupo normativo. O segundo grupo (GPA) constituiu-se de 50 candidatos ao porte de arma de fogo para o exercício da função na Guarda Civil de um município de São Paulo e o terceiro, por 50 presidiários (GPR) com histórico de violência e crimes praticados com o uso de arma de fogo e que fizeram parte da pesquisa de Morana (2003). Os protocolos de Rorschach destes três grupos foram comparados quanto aos índices: Impulsividade (IMP), Adaptação à Realidade (RMI), Índice Conativo (Con), Resposta de Movimento (RM) e Resposta de Cor (RC). Para IMP o grupo controle apresentou valores próximos ao esperado, enquanto que GPA e GPR apresentaram esse índice diferente e acima do GC. O RMI não apresentou diferenças significantes entre os três grupos, mas sim nos índices que o compõem (%F⁺, %V e %A), tanto no total das respostas quanto para as respostas às pranchas monocromáticas e coloridas. O Índice Conativo não diferenciou nenhum dos três grupos, seja no total como nos conjuntos mono e color. Para a RM não foram encontradas diferenças significantes entre GPA e GPR porém houve diferença entre o grupo controle e os outros dois grupos. Quanto a RC, não houve diferenças entre o GC e o GPA, sendo que ambos apresentaram diferenças significantes com o GPR. Concluiu-se que tais indicadores, exceto o índice Conativo, podem discriminar sujeitos mais violentos os quais, por questões emocionais, poderiam ser contra-indicados para a concessão do porte de arma de fogo, contribuindo assim para a avaliação psicológica exigida daqueles que buscam o porte de arma.

ABSTRACT

PELLINI, Maria Cristina B. M. *Rorschach Method's Indicators to evaluate emotional maturity of handgun license candidates*. São Paulo, 2006, 165 p. Thesis. Psychological Institut, São Paulo University.

The purpose of this work is to establish Rorschach Method's indicators, evaluated as proposed by Anibal Silveira (1985), for psychological evaluation, a law requirement to a handgun license. The sample was composed by 150 men, aged between 19 and 51 years old, divided in three groups: one control group (GC) extracted from Coelho (2000) research with normal men. The second group (GPA) was composed by 50 candidates to a handgun license as Civil Guards of a town in São Paulo State and the third (GPR), composed by 50 prisoners who committed armed crimes studied in Morana's (2003) research. The Rorschach protocols of these three groups were compared regarding the following indexes: Impulsivity (IMP), Adaptation to Reality (RMI), Conative Index (Con), Movement responses (RM) and Color responses (RC). The control group presented expected values for the IMP, while GPA and GPR's were higher. There were no significant differences between the three groups regarding RMI index, but they were found in the indexes that compose it (% F, % V and % A), either in total responses, as in responses to monochromatic and colored cards. There were no differences between the three groups in the conative index, in total and in mono and color sets. To RM, no significant differences were obtained between GPA and GPR, but a difference was found between the Control Group and the two other groups. There were no differences between GC and GPA in the RC, but both presented significant differences related to GPR. We concluded that these indicators, except for the conative index, can discriminate violent individuals, who should not be approved to obtain a handgun license for emotional reasons. We conclude also that these indicators can contribute to psychological evaluation of handgun license candidates.

I – INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a Avaliação Psicológica para porte de arma de fogo, pois não há no momento no Brasil definição de um perfil psicológico para que uma pessoa possa obter a licença para o porte de arma.

Para que se possa entender melhor esse problema é necessário se apresentar um histórico breve sobre a legislação brasileira vigente e relacionada à licença e ao porte de armas.

Segundo Bueno (2004), no Brasil, durante o regime militar, havia uma preocupação do governo com a concessão de licença para o porte de armas, devido ao receio da formação de forças paramilitares opositoras. Contudo não houve mudanças na legislação fundamental e o enquadramento legal de tais atividades era tratado no âmbito das severas leis de segurança nacional.

No Brasil as armas de fogo sempre foram direta ou indiretamente controladas pelo Exército. O primeiro documento a ditar as regras sobre fabricação e circulação de armas e munições foi o Decreto Presidencial 24.602, de 6 de julho de 1934, que foi mais tarde regulamentado pelos Decretos 1.246, de 11 de dezembro de 1936, 47.587, de 4 de janeiro de 1960 e 94, de 30 de outubro de 1961 (Dias, 2002).

O Decreto 24.602, assinado por Getúlio Vargas, era um documento bastante simples que proibia a fabricação de armas e munições de guerra por empresas particulares, permitindo somente a fabricação de armas e munição de caça, sem fazer qualquer menção às armas de uso civil.

O Decreto 24.602 foi revogado em 28 de janeiro de 1965 pelo Decreto 55.649, que tinha o nome de Regulamento para o Serviço de Fiscalização, Importação, Depósito e Tráfego de Produtos Controlados pelo Ministério da Guerra (SFIDT) – R105. É importante destacar que o verdadeiro objetivo do legislador na redação deste Decreto era de incentivar abertamente a indústria armamentista brasileira (Dias, 2002).

Somente em 1980 foi promulgada a primeira norma brasileira que trata especificamente da aquisição e registro de armas por civis. A Portaria Ministerial 1261, de 11 de outubro de 1980, estabelecia que cada cidadão poderia ser proprietário de no máximo seis armas de uso permitido.

Segundo Bueno (2004), a partir da década de 80, a preocupação mudou, passando a ter como questão central o controle social em função do aumento da criminalidade e dos níveis de violência. Os órgãos de segurança diagnosticaram a necessidade de atualização, melhor especificação e endurecimento da legislação. As primeiras discussões e projetos de aprimoramento dos controles surgiram no Congresso Nacional no final dos anos 80.

Após uma década de discussões e propostas, em 20/02/1997 o Congresso Nacional sancionou a Lei 9.437, de 20 de fevereiro de 1997 que criou o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, incumbido do cadastro de armas produzidas, importadas e vendidas no Brasil (Gomes, 1998).

A promulgação desta Lei foi um grande avanço no cenário do controle de armas brasileiras, pois foi a primeira lei a dispor sobre o uso de armas por civis e porque estabeleceu que tanto este controle, quanto o cadastro do que era produzido, vendido e importado seria exercido pelo Ministério da Justiça e não de

maneira pulverizada pelas autoridades policiais do país. Anteriormente, a propriedade e o porte de armas por civis eram direitos reservados àqueles poucos que pudessem ser considerados idôneos pelas autoridades policiais, tendo em vista que, mesmo após o término da ditadura militar, o Decreto 55.649 continuou vigorando e os registros e portes de armas para civis eram concedidos pelas autoridades policiais de seus estados. A Lei 9.437 veio então padronizar o processo de concessão de registro e porte para civis por meio da imposição de requisitos mínimos que valeriam para todos os cidadãos do país.

O Decreto 2.222, de 8 de maio de 1997, veio regulamentar a Lei supracitada que, além de estabelecer um prazo para recadastramento e regularização das armas que se encontravam irregulares, passou também a exigir, dentre outros requisitos já estabelecidos na legislação anterior, a avaliação psicológica para obtenção do porte de armas, como forma de restringir o acesso às armas. Entretanto, mesmo com essa regulamentação, ocorreu um aumento nos índices de violência e principalmente dos crimes realizados com o emprego de arma de fogo (Bueno, 2004).

Em pesquisa recente publicada pela UNESCO (2005), que mapeia os indicadores de violência no Brasil entre 1979 e 2003, foi constatado que as estatísticas sobre a quantidade de armas de fogo existentes no Brasil são imprecisas. Estima-se um número entre 10 e 20 milhões. O fato é que há armas em excesso. Elas são responsáveis por mais de 39 mil mortes ao ano, mais de 107 mortes por dia. Esta pesquisa mostrou que no Brasil há mais probabilidade de se morrer vítima de uma arma de fogo do que em países envolvidos em guerras.

Para o cidadão comum, inclusive para a maior parte dos especialistas, é necessário entender a exata dimensão desses números ou desse crescimento

vertiginoso que levou a 39.284 mortes por armas de fogo no ano de 2003. Na última década morreram por armas de fogo 325.551 pessoas, o que dá uma média anual de 32.555 mortes. Uma idéia do que esses números representam pode ser dada se compararmos os mesmos com o número de vítimas em diversos conflitos armados no mundo (Unesco, 2005).

Esse crescimento elevou a taxa de 6,0 óbitos por 100.000 habitantes em 1979 para 22,2 em 100.000 no ano de 2003, o que representa um aumento de 271% no período considerado. Liderando maciçamente esse crescimento, os homicídios com armas de fogo cresceram em um ritmo bem maior: 324,6%, enquanto os acidentes com armas de fogo diminuíram 44,5%. Já nos suicídios por armas de fogo, o crescimento foi baixo: 15,6%, conforme indica a Tabela 1 (Unesco, 2005).

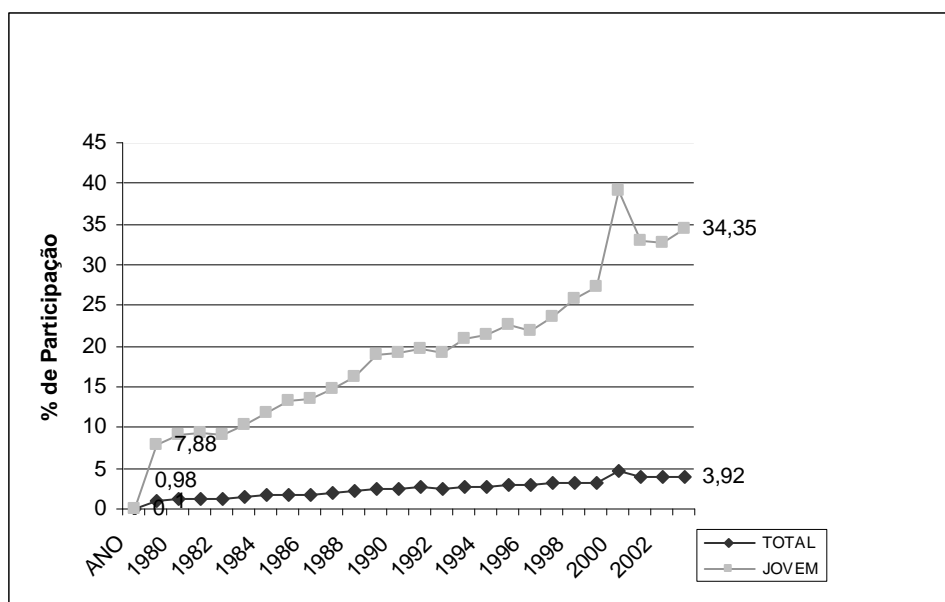
**Tabela 1. Taxas de Óbito por Armas de Fogo
(em 100.000) População Total. Brasil, 1979/2003**

ANO	ACIDENTES	HOMICÍDIOS	SUICÍDIOS	TOTAL
1979	0,3	5,0	0,7	6,0
1980	0,4	6,2	0,7	7,3
1981	0,5	6,5	0,7	7,7
1982	0,5	6,2	0,6	7,3
1983	0,6	7,1	0,9	8,6
1984	0,5	8,4	0,8	9,7
1985	0,6	8,8	0,8	10,2
1986	0,7	9,5	0,9	11,1
1987	0,6	10,2	0,9	11,8
1988	0,6	10,9	0,8	12,3
1989	0,6	13,0	0,8	14,4
1990	0,5	13,0	0,8	14,3
1991	0,9	12,9	0,8	14,7
1992	0,7	12,5	0,9	14,2
1993	0,4	13,7	0,9	15,0
1994	0,3	14,5	1,0	15,8
1995	0,4	15,7	1,1	17,2
1996	0,2	15,6	1,0	16,9
1997	0,2	16,2	1,0	17,4
1998	0,3	17,4	1,0	18,7
1999	0,6	17,6	0,8	19,0
2000	0,2	24,4	1,0	25,6
2001	0,2	20,4	0,9	21,5
2002	0,2	20,7	0,8	21,7
2003	0,2	21,3	0,8	22,2
Δ79/03	-44,50%	324,60%	15,60%	271,2%

FONTE: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informação Sobre Mortalidade - SIM

O ritmo de crescimento das mortes por armas de fogo no país é bem elevado, maior que as taxas de crescimento de sua economia no melhor período do milagre econômico. As mortes por armas de fogo na população total passaram de 1% em 100.000 habitantes, em 1979, para 3,9%, em 2003, isto é, cresceram 2,9 pontos. Já entre os jovens, essas taxas aumentaram de 7,9% para 34,4% em

100.000, o que representa um incremento de 26,5 pontos na escala conforme é visto na Figura 1 (Unesco, 2005).



FONTE: MS/SVS/DASIS – Sistema de Informação Sobre Mortalidade - SIM

Figura 1. Participação em porcentagem das armas de fogo no total de óbitos. Brasil, 1979/2003.

Diante da elevação dos índices de mortalidade por arma de fogo no Brasil, o Congresso Nacional, visando a Segurança Nacional, propôs modificações na Lei 9437 e o então presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) apresentou projeto de Lei 1.555/2003, que foi aprovado pelo Congresso Nacional e, em 23 de dezembro de 2003, foi sancionada a Lei 10.826 sob o título de Estatuto do Desarmamento.

A nova Lei trouxe importantes modificações, tais como a idade mínima de 25 anos, que antes era de 21 anos; o porte de arma passou a ser concedido apenas pela Polícia Federal e não mais pela Polícia Civil e o porte ilegal passou a ser considerado crime inafiançável.

Outra inovação da Lei se deve ao fato desta praticamente proibir o porte a todos aqueles que não façam parte das forças armadas, corporações policiais, empresas de segurança e transporte de valores, caçadores, que devidamente comprovarem residência rural e a necessidade de uso de armas longas e, em casos extremos, para cidadãos que demonstrarem efetiva necessidade para sua atividade profissional de risco, mediante prova formal de ameaça a sua integridade física.

O Decreto nº 5.123, de 01 de julho de 2004, regulamentou a Lei 10.826 de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre registro, posse, comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm e define tipos de crimes. Em seu capítulo II, seção II, artigo 12, inciso VII, define como necessário para obtenção do porte de arma de fogo: *“comprovar aptidão para o manuseio de arma de fogo, atestada em laudo conclusivo fornecido por psicólogo dos quadros da Policial Federal ou por esta credenciada”*.

Bueno (2004) comparou as políticas públicas relativas a armas de fogo de diversos países, incluindo o Brasil. Ele apontou vários elementos presentes em todos os países relativos ao controle de armas. Citou diferentes níveis de implantação e de rigidez quanto ao critério da capacidade da maturidade emocional para a posse de armas, entendendo este critério como elemento fundamental de controle. Verificou que nestes países, exceto no Canadá, não

existe preocupação quanto à realização da avaliação psicológica para a posse de arma de fogo.

Em relação ao Brasil, Bueno (2004) destaca que, após 2003, a nova legislação determina maior rigor na renovação dos certificados de registro e de porte de armas a cada três anos, indicando que devem ser introduzidas avaliações psicológicas periódicas do proprietário da arma e a necessidade de interação entre os sistemas que possam gerar, de forma mais atualizada e freqüente, informações criminais ou de estado psicológico que impeçam a continuidade da posse da arma pelo proprietário.

Atualmente, com o Estatuto, o Brasil é o país com a legislação mais avançada de controle de armas de fogo e munição, segundo Dias (2002), que estudou a legislação sobre o tema no Mercosul e nos países associados. Para essa autora, na Argentina, as leis e decretos são extremamente rigorosos com aqueles que desejam comprar armas, pois devem preencher uma série de requisitos e cumprir intermináveis trâmites burocráticos, bem como com os comerciantes que, da mesma forma, devem submeter-se a inúmeras sabatinas burocráticas. Contudo, verificou que o controle sobre a circulação ilegal das armas e munição ainda é precário.

A Bolívia é o país com a legislação menos rigorosa, pois não tem uma lei de controle de arma, mas uma resolução ministerial que vem sendo adaptada ao longo dos últimos vinte anos, que se preocupa com excessivo rigor com a importação de armas e não se preocupa com a compra e porte por civis.

Quanto ao Peru, este também tem legislação bastante precária, mas que ao menos impõe limites aos comerciantes, entretanto, segundo Dias (2002), permite

que quem consegue a autorização para comprar a arma (registro) automaticamente esteja autorizado a transitar (porte) com ela.

O Paraguai, que costumava ser um exemplo de mau controle de armas de fogo publicou lei, em junho de 2002, mais rigorosa que as anteriores. A nova lei exige mais requisitos para aqueles que desejam comprar armas de fogo e acaba com a possibilidade de turistas comprarem armas. Contudo esta lei ainda não foi regulamentada e o avanço ainda não foi totalmente concretizado.

Finalmente, como prova de que a América do Sul não mostra só atraso, mas também avanços no sentido de um controle mais estrito e sério sobre as armas que circulam na região, Chile e Uruguai apresentaram recentes mudanças na legislação. O Chile, que embora tenha legislação até demasiada rigorosa com os comerciantes, incluiu a obrigatoriedade de civis realizarem teste psicológico a cada cinco anos para compra e manutenção da arma. O Uruguai tem legislação com certo rigor, mas descentraliza o controle entre polícia e exército, tem agora em seu congresso projeto de lei inspirado no Estatuto do Desarmamento brasileiro (Dias, 2002).

A partir do panorama apresentado serão feitas algumas considerações mais amplas sobre a questão da violência.

1. A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

A violência vem se tornando, ao longo das últimas décadas do século XX e atualmente, um dos fenômenos mais importantes em praticamente todas as sociedades, desde as mais desenvolvidas socialmente até as marcadas pela extrema desigualdade social. O tema da violência ocupa espaço crescente na mídia, nas Casas Legislativas, no Poder Executivo, nas Academias, na sociedade organizada e na mente dos cidadãos comuns.

Atribuir a questão da violência à pobreza, à família, ao desemprego ou à personalidade criminosa revela diferentes maneiras de interpretar o próprio contexto social. Cada uma dessas visões associa-se à forma de reagir às práticas, às ações e às iniciativas cuja realização depende de uma força política.

Existem pessoas favoráveis e também contrárias, por exemplo, ao endurecimento das penas, aos Direitos Humanos, à reavaliação dos sistemas penal, judiciário e penitenciário e, sobretudo, ao controle de armas que fazem do debate um emaranhado de imagens contrapostas. Quanto a este último aspecto, segundo Fonseca (apud Bueno, 2004), o controle e a restrição ou não do uso de armas de fogo por parte dos civis geram controvérsias, pois o grupo a favor do uso das armas e o grupo que deseja o controle, partem de premissas, valores e evidências radicalmente opostas para defender respectivamente a permissão e a restrição das armas.

Fonseca (apud Bueno, 2004) enfatiza que a questão do controle de armas envolve particularmente um conjunto de problemas controversos, tais como, por um lado, a noção de liberdade para o uso de arma em função de necessidades e, por outro lado, a (in)segurança coletiva, tendo em vista que portar arma implica

poder utilizá-la a qualquer momento. Assim, entra em jogo o próprio Estado de Direito Democrático, dada a premissa de que o Estado é o agente monopolizador da violência legítima, definição notabilizada, segundo Fonseca, por Max Weber. Se o papel do Estado, como instituição, é o de garantir a vida dos indivíduos, este pode ser questionado, se permitir o porte de arma, acarretando um perigoso retrocesso em termos históricos.

Para Bueno (2004), os modos para o controle de armas de fogo são: o institucional, o operacional e o jurídico. O institucional é visto sob a ótica governamental, sendo definido pelo conjunto de leis, normas e práticas que possibilitam aos órgãos estatais encarregados da segurança pública atuarem de forma administrativa para minimizarem os riscos do mau uso da arma. Este é considerado como perigoso e coloca facilmente em risco a segurança individual e pública, quando em mãos criminosas ou desequilibradas.

O segundo modo é o operacional, ou seja, consiste no sistema de registro, certificado de registro e sistema de licenciamento do porte, que o habilita.

O terceiro modo é o jurídico, em que o controle se dá pela imposição de cinco critérios: a *condição legal*, que está relacionada à situação jurídica como idade mínima, a ausência de antecedentes criminais, fatores que permitam ou não a alguém ter posse ou acesso a alguma arma. As *habilidades física e mental* atestadas por meio de exame, práticas, técnicas e entrevistas, visando assegurar que a pessoa de fato tenha a capacidade necessária para o manuseio e discernimento do momento e a forma apropriada para o uso da arma. A *restrição legal* é referente à estipulação de determinados ambientes (residência, local de trabalho, etc.) nos quais é possível possuir armas. O critério de *proibição* referente à arma, como determinados modelos que são proibidos, e o critério da *penalidade*

imposta por multa ou prisão são aplicadas como meio de coerção pelo Estado para fortalecer o controle.

Estes procedimentos evidenciam maior rigor no controle de armas de fogo, entretanto geram um cenário de oposição entre as pessoas que são a favor ou contra o controle das armas. Entre aqueles que lutam por maior controle, estão as organizações não governamentais, organizações de vítimas ou parentes de vítimas da violência, pessoas sensibilizadas pelo problema, organizações de saúde que culpam a fácil disponibilidade das armas, o que permite que a arma acabe em mãos criminosas ou de pessoas desequilibradas.

Para aqueles que são contra o controle, possuir armas é uma questão de gosto e estilo de vida, usam as armas em práticas esportivas, apreciam as qualidades tecnológicas das mesmas. Para outros, possuir armas mostra a garantia do direito supremo e individual de autodefesa, eles identificam as armas como instrumentos apropriados para assegurar tal direito. Entre estes defensores, estão as associações e clubes de tiro, entidades de defesa de direitos individuais, colecionadores de armas, sendo que para este grupo o controle representa burocracia, pois se consideram como indivíduos equilibrados, garantindo que nunca farão mau uso da arma.

Neste contexto, uma estratégia possível para lidar com esta violência generalizada e incompreensível quanto às suas causas é modificar a realidade material, tornando a arma menos acessível.

A preocupação central deste trabalho dirige-se à avaliação psicológica, pois as novas exigências legais vêm preocupando pesquisadores, psicólogos e legisladores, dada a falta de pesquisas específicas sobre este assunto no Brasil.

Esta pesquisa pretende que a Psicologia e o psicólogo possam oferecer uma contribuição efetiva à sociedade, de modo a evitar que a posse e o porte de armas sejam permitidos para pessoas com condições psicológicas que contra-indicam esse porte.

2. QUESTÕES RELATIVAS À AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

No Brasil a profissão de psicólogo foi instituída pela lei 4119, de 27 de agosto de 1962 e regulamentada pelo Decreto 53.464 de 21 de janeiro de 1964. Define em seu § 1º, art. 13º, que:

“Constitui função privativa do Psicólogo a utilização de métodos e técnicas psicológicas com os seguintes objetivos:

- a) diagnóstico psicológico;*
- b) orientação e seleção profissional;*
- c) orientação psicopedagógica;*
- d) solução de problemas de ajustamento.”*

Muito antes da regulamentação da profissão, a Psicologia vinha sendo construída, enquanto ciência, para procurar compreender/explicar o comportamento humano. Nesta história, a avaliação psicológica desempenha um papel muito importante.

Numa perspectiva histórica, pode-se situar a avaliação psicológica de forma mais sistematizada no final do século XIX e início do século XX, período caracterizado pelo surgimento e uso das primeiras medidas psicológicas voltadas principalmente para as diferenças individuais e a avaliação da inteligência (Coutinho, 2001).

Mais precisamente em meados do século XX, a avaliação psicológica teve sua trajetória de ascensão, crise e retomada de novas reflexões. Nessa trajetória de idas e vindas, a avaliação psicológica foi influenciada pelas principais correntes

de pensamentos que, segundo Cunha (2000), salientaram a primazia do comportamento, do afeto e da cognição, na organização e no funcionamento do psiquismo humano.

Coutinho (2001, p. 48) aponta um percurso retrospectivo dos diferentes momentos da avaliação psicológica associando-a a quatro períodos, tomando como critério o enfoque teórico predominante de cada um deles, caracterizados de acordo com os quatro momentos descritos a seguir:

“Início do século: Avaliação Psicológica ancorada no enfoque quantitativista.

Décadas 20-40: Avaliação Psicológica baseada no enfoque subjetivista.

Décadas 50-60-70: Crise da Avaliação Psicológica. Debate sobre o antagonismo versus a complementação dos fundamentos quantitativistas e subjetivistas.

Décadas 80-90-00: Debate sobre o indivíduo, sociedade e homem contextualizado, trazendo os fundamentos da perspectiva Psicossocial Analítica Participativa para a Avaliação Psicológica”.

Durante esta caminhada a avaliação psicológica foi sendo conceituada por diversos autores e conseqüentemente assumindo diferentes concepções. Para Alchieri e Cruz (2004, p. 24):

“a avaliação psicológica se refere ao modo de conhecer fenômenos e processos psicológicos por meio de procedimentos de diagnóstico e prognóstico e, ao mesmo tempo, aos procedimentos de exame propriamente ditos para criar as condições de aferição ou dimensionamento dos fenômenos e processos psicológicos conhecidos”.

Estes autores enfatizam que, para garantir uma avaliação adequada dos fenômenos e processos psicológicos, é necessária a clareza na escolha dos instrumentos, pois estes devem satisfazer certos critérios técnicos fundamentais na realização da avaliação.

Outra conceituação de Avaliação Psicológica é a apresentada por Wechsler (1999) como sendo um processo de coleta de dados, estudo e interpretação de informações a respeito das dimensões psicológicas do indivíduo, realizado por meio de técnicas e instrumentos, que permitem um conhecimento de capacidades cognitivas e sensório-motoras, componentes sociais, emocionais, afetivos, motivacionais, aptidões específicas e indicadores psicopatológicos. Segundo esta autora este processo possibilita um diagnóstico e um prognóstico visando orientar a tomada de decisão, de acordo com os objetivos a serem atendidos.

Estas duas definições pontuam que para a realização de uma avaliação psicológica com qualidade é de extrema importância a escolha das técnicas e dos instrumentos. A este respeito as técnicas utilizadas na Avaliação Psicológica têm suscitado questionamentos na sociedade e na própria comunidade científica, tanto no que se refere à qualidade dos instrumentos quanto ao manuseio por parte dos psicólogos, bem como em relação aos resultados da avaliação.

Os questionamentos apresentados pela sociedade frente aos resultados de avaliações psicológicas em seleção de pessoal, concursos públicos e privados, carteira de habilitação e, mais recentemente, a avaliação para porte de arma, levam a pensar sobre os aspectos envolvidos na atuação profissional do psicólogo referente à avaliação psicológica.

Segundo Noronha e Alchieri (2002), atualmente esta prática voltou a ter importância e status na atuação do psicólogo, não se questionando mais sua utilidade como prática privativa do psicólogo, entretanto a emergência hoje está centrada na discussão da elaboração de indicadores, critérios e instrumentais cada vez mais específicos e dirigidos às necessidades cada vez mais distintas.

Desta forma é possível visualizar a Avaliação Psicológica como um tema recorrente, tanto no plano acadêmico, em que se desenvolvem estudos e pesquisas, como no plano sócio-político, em que é requisitada como instrumento para subsidiar decisões ou diminuir dúvidas acerca das habilidades, comportamentos, potencialidades, traços de personalidade, de indivíduos ou grupos.

Quando, por exemplo, busca-se a partir da Avaliação Psicológica, definir se uma pessoa está “apta” ou “inapta” para portar arma de fogo, está sendo criado um novo campo de estudos. Como menciona Cruz (2002, p. 17):

“Definir o campo disciplinar de uma área de conhecimento não é tarefa fácil, mas necessária à estruturação de corpo de conhecimentos que possam, de forma integrada, responder às demandas sociais e científicas”.

Este trabalho pretende contribuir com essa tarefa melhorando a qualidade das avaliações psicológicas enquanto um serviço prestado pela Psicologia à sociedade.

3. O USO DAS TÉCNICAS PROJETIVAS E O MÉTODO DE RORSCHACH

As técnicas projetivas incluem-se entre os instrumentos disponíveis para realização de uma avaliação psicológica, sendo que o Método de Rorschach ocupa um lugar de destaque entre essas técnicas, podendo ser utilizado na avaliação para porte de arma de fogo.

O termo “técnica projetiva” foi proposto em 1939, por L.K. Frank (apud Anzieu, 1978), que publicou um artigo intitulado: “*Os métodos projetivos para estudo da personalidade*”. Seu objetivo era caracterizar o elo existente entre um grupo de testes, a saber: o Teste de Associação de Palavras de Jung (1904), o Teste de Rorschach (1921) e o Teste de Apercepção Temática – TAT (1935). Ele afirmava que estes métodos formavam o protótipo de uma investigação dinâmica e global da personalidade, sendo esta abordada como uma estrutura em evolução, cujos elementos constitutivos encontram-se em constante interação.

Ao apresentar este artigo, Frank precisou os limites destas técnicas, apontando que, em sua essência, uma técnica projetiva é um método de estudo da personalidade, que confronta o sujeito com uma situação, à qual responderá, segundo o que esta situação significa para ele. Destaca que o caráter essencial de uma técnica projetiva está no que evoca no sujeito, de diferentes maneiras, o que ele é, a expressão de seu mundo e dos processos de sua personalidade.

No âmbito psicanalítico, Freud falou do termo projeção em alguns momentos de sua obra, e em perspectivas diferentes. A primeira noção foi escrita em 1896, em “*Estudos sobre a histeria*” para designar um mecanismo de defesa contra a angústia que estava sendo estudada em um caso de uma paciente paranóica.

Em 1911 aprofunda este mecanismo e o define como: *“Uma percepção interna é reprimida e, substituindo-a, seu conteúdo, após sofrer certa deformação, chega à consciência sob a forma de uma percepção vinda do exterior”* (Freud, 1911, apud Anzieu 1978, p. 20).

Em *“Totem e Tabu”* (1913) Freud declara que a projeção não foi criada com o propósito de defesa, pois ela também ocorre onde não há conflito. Neste momento a projeção foi definida por ele como *“o simples desconhecimento por parte do sujeito de desejos e emoções não aceitos por ele como seus, dos quais é parcialmente inconsciente e cuja existência atribui à realidade externa”* (Anzieu, 1978, p. 20).

Nesta última definição encontram-se conceitos que contêm a essência das técnicas projetivas e a projeção é compreendida no seu sentido amplo de localização no mundo exterior de características pertencentes ao próprio sujeito. Portanto as técnicas projetivas referem-se à sua capacidade de revelar a estrutura psicológica dos indivíduos, tornando palpáveis suas ações, reações, produções e criações.

Desta forma, Rapaport (1959, p.153) considera que todo teste projetivo deve reunir quatro características básicas: *“estimular, tornar observável, resgatar e tornar verbalmente comunicável a estrutura psicológica do sujeito”*.

A *estimulação* não deve ocupar tempo demasiado, deve ser independente de toda relação transferencial, limitar-se a um segmento da conduta e deve ser padronizada. A *observação* deve se basear nos materiais apresentados nas provas objetivamente, como pontos de partida para os processos mentais a serem estimulados.

O *registro* deve ser textual, sem nenhuma seleção por parte do aplicador. Deve haver *comunicabilidade* das respostas que podem ser sistematizadas de forma objetiva e serem capazes de expressar a sua qualidade em termos quantitativos, facilitando assim comparações inter e intrapessoais.

Segundo Rapaport (1959, p.153) “*a necessidade de um sistema de avaliação se baseia no fato de que para descrever a estrutura de uma personalidade deve se indicar o gênero a que pertence, no momento que se destacam os traços diferenciais que o convertem em um ‘indivíduo’ específico*”.

Assim, a técnica projetiva abrange não só os procedimentos estritamente projetivos, isto é, aqueles em que o sujeito atribui a alguma coisa a interpretação ou manipulação lúdica que são as suas próprias; mas, também envolve processos expressivos, isto é, aqueles nos quais o sujeito revela, em parte, seu modo de perceber e reagir à determinada situação (Gonçalves, 2001). Portanto, no estudo das técnicas projetivas é importante esclarecer a diferenciação que existe entre os aspectos expressivos e os projetivos.

Nas técnicas projetivas é possível analisar três aspectos: o adaptativo, o expressivo e o projetivo, pois elas se baseiam em respostas livres, sendo que o material apresentado é definido e padronizado (Van Kolck, 1984).

O comportamento expressivo diz respeito ao estilo particular da resposta de um indivíduo; o adaptativo é determinado pelo material oferecido ao indivíduo e pela tarefa proposta; enquanto que no aspecto projetivo o indivíduo atribui as próprias necessidades e qualidades a situações e objetos exteriores ou a pessoas, sem que necessariamente tenha consciência desse fato.

Segundo Gonçalves (2001), os movimentos expressivos como aspectos de motricidade possuem traços suficientemente distintos para diferenciar um indivíduo do outro. O movimento expressivo se apresenta como consequência de um reflexo do campo cerebral; portanto quando a personalidade é organizada o movimento expressivo é harmonioso e vice-versa.

As técnicas expressivas que se baseiam nos movimentos expressivos são: o Psicodiagnóstico Miocinético (PMK) e o Teste Palográfico. As técnicas de desenho como o Teste da Árvore, da Figura Humana e o HTP abrangem aspectos expressivos e projetivos.

Entre as técnicas projetivas encontramos os testes projetivos temáticos, como por exemplo, o Teste de Apercepção Temática – TAT, e os testes projetivos estruturais, como o Teste de Rorschach. Ambos têm se mostrado particularmente úteis como instrumento clínico, fornecendo mais informações do que os testes objetivos (Lowenstein, 1987, apud Alves, 2004).

Para Proshansky (apud Coutinho, 2001), é no campo da pesquisa social, ao estudar grupos problemáticos ou questões problemáticas, que o uso dessas técnicas se torna fundamental, devido aos estímulos ambíguos e diretos, que facilitam a comunicação, evitando possíveis distorções que comumente ocorrem quando se utiliza a comunicação do ponto de vista formal. Coutinho (2001, p.52) aponta que:

“Face às características ambíguas e pouco estruturadas, as técnicas projetivas despontam como instrumentos excelentes para revelar elementos latentes, que se acham presentes no aparelho psíquico. Elas permitem obter informações acerca dos diversos conhecimentos dos indivíduos, seja

do nível cognitivo, afetivo, emocional, seja sobre suas modalidades de defesas, suas fantasias, adaptação em relação ao meio ambiente e os controles em nível interno e externo. Nesse caso, são considerados instrumentos de acesso a representações pessoais, uma vez que estas últimas possuem também elementos associados à esfera inconsciente. Assim, pois, elas permitem revelar as dimensões latentes que estruturam o universo semântico, específico das representações estudadas”.

Desse modo, o uso das técnicas projetivas torna-se imprescindível quando se deseja estudar determinados fenômenos, como o da violência, por exemplo, considerado um fenômeno social. Deste modo, quando se estuda fenômenos/comportamentos conflituosos, o uso dessas técnicas facilitará trazer a tona o que é complexo e gerador de conflitos. Assim como as técnicas projetivas permitem conhecer as características do inconsciente ou do comportamento, podem igualmente ser usadas para determinar se o indivíduo apresenta traços violentos.

Para ilustrar como a sociedade pode gerar comportamentos violentos será apresentado um exemplo do cotidiano, citado por Adorno (1998, p. 229) ao investigar a crise da violência urbana, na cidade de São Paulo:

“Bares parecem ser espaço privilegiado em que os homens se confrontam. Um olhar atravessado, um desafio lançado, uma opinião mal escolhida, tudo serve de pretexto para o desencadeamento de uma luta que pode – como de fato ocorre – convergir para um homicídio, ainda mais se apenas um dos contendores, estiver armado e encorajado por bebida alcoólica”.

Observa-se neste exemplo que, em geral, o processo de banalização da violência e do desprezo pela vida vêm se tornando coisas do dia a dia. Assaltos e outras formas de violência viraram rotina para milhões de pessoas.

Não se pode desconsiderar também que essa violência produzida na sociedade vem associada a diversas causas tais como: pobreza, baixa escolaridade, desemprego, falta de perspectiva e de oportunidade, exclusão social. Estas razões são consideradas responsáveis pela desorganização familiar, pela existência de menores de rua, pelo tráfico, jogo, prostituição e outros determinantes que geram o comportamento violento.

Eastman (apud Bueno, 2004) apresenta os fatores estruturais predisponentes e imediatos que produzem a violência, situando a disponibilidade de armas entre os fatores imediatos.

Tendo em vista que as técnicas projetivas permitem uma avaliação indireta da personalidade, o Método de Rorschach pode ser um instrumento adequado para avaliar se um indivíduo pode ter permissão para porte de arma de fogo, isto é, se ele apresenta maturidade e controle emocionais e não possui traços que indiquem comportamento violento. Rapaport (1959, p. 187) considera que: “*O teste de Rorschach é o instrumento mais poderoso que se conhece para o psicodiagnóstico*”.

O Rorschach é um método de investigação da personalidade, sendo sua principal virtude fornecer um padrão integrado de personalidade global e, em seguida, articular este padrão de maneira quantitativa específica, em numerosas dimensões da personalidade. Para Adrados (2004, p.169):

“O indivíduo, como se depreende da etimologia da palavra, é um ser único. O Rorschach investiga fundamentalmente dados referentes à parte mais profunda da personalidade, que não se manifesta diretamente na conduta. O Método, ao estudar a estrutura, torna compreensível a conduta”.

Esta avaliação mais profunda da personalidade tornou-se possível, até certo ponto, pela maneira como Rorschach sistematizou a proposta do Método. Seu interesse inicial era chegar à natureza das modalidades básicas de funcionamento subjacentes a toda atividade psíquica de um indivíduo. Ele foi bastante explícito, enfatizando que seu alvo era descobrir o “como”, mais do que “o que” a pessoa experimenta. Isso significava procurar não só os conteúdos específicos das preocupações, esperanças e temores, mas a maneira através da qual estes eventos psíquicos vêm à tona, se expandem, com ressonâncias vivas da atmosfera ao redor, ou como reações racionalmente controladas. Sua preocupação era mais com o aspecto formal ou funcional do que com o aspecto do conteúdo.

O Método de Rorschach fornece ao sujeito uma série de estímulos, sendo composto por dez pranchas com borrões de tinta pouco estruturados, que em si pouco ou nada significam. A resolução deste estímulo (sob a forma de percepção de pessoas, cenas, objetos, animais, etc.) deve-se mais à individualidade do examinando do que a outros fatores. Em função da morte prematura de Hermann Rorschach foram desenvolvidos vários sistemas de avaliação tais como os de Klopfer, Escola Francesa, Sistema Compreensivo de Exner, Aníbal Silveira, entre outros.

Nesta pesquisa será adotado o sistema de avaliação de Aníbal Silveira (1964/1985). Encontram-se no Anexo A os procedimentos relativos à aplicação, ao

sistema de codificação/classificação de respostas e à terminologia adotada por este autor.

De acordo com Silveira, o Método de Rorschach envolve um processo de construção e não de identificação de imagens. Na sucessão da apresentação dos dez cartões, verifica-se que os borrões de tinta são bastante diferentes entre si quanto ao nível de homogeneidade, presença de vermelho, presença de tons pastéis, equilíbrio na disposição espacial da mancha no cartão, simetria, dispersão, participando todas estas características de maneira mais ou menos expressiva na elaboração das respostas.

O aspecto que faz diferir os dois conjuntos de pranchas é a presença ou ausência de cor, compreendida como um estímulo relacionado aos aspectos afetivos das pessoas. Portanto, a maneira do examinando reagir frente às pranchas coloridas (Pr. II, III, VIII, IX e X) revela seu modo de lidar com as situações que o mobilizam nas situações de maior estimulação afetiva (seja no nível mais básico e instintivo ou mais socializado) e a ausência da cor, das pranchas monocromáticas (Pr. I, IV, V, VI e VII), nos indicaria a maneira de reagir frente às situações mais neutras, formais.

A ocorrência específica de desvios significativos nos conjuntos de pranchas, monocromáticas ou coloridas, por possível impacto diante da cor, revela o tipo de conflito dominante: se são decorrentes de impulsos afetivos intrínsecos (expressão afetivo-conativa) ou de ordem emocional (expressão afetivo-cognitiva). A concepção fundamental é que, na ansiedade diante desse impacto, percebe-se o conflito subjetivo não consciente.

A apresentação de uma prancha do Rorschach estimula diretamente a visão que integra as experiências por meio dos outros sentidos e que, conjuntamente com a audição, oferece ao examinando uma noção da realidade. Tudo o que acontecer a partir deste momento estará relacionado com as disposições próprias, internas e externas, do examinando: condições psicológicas, ambiente, interesse e motivação.

Até elaborar uma percepção o examinando formará uma impressão do estímulo baseada nas suas vivências anteriores mobilizando, ao mesmo tempo, a estrutura dos dados captados pela percepção atual e as experiências evocadas por estas impressões. Isto leva o sujeito a uma sensação em que já existe uma seleção de determinadas características por intermédio de um certo nível de interesse (afetividade) e estabilização da atenção (conação).

No entanto, a informação que é recolhida dos estímulos do ambiente é descontínua e a percepção de um determinado estímulo é possibilitada pelas funções cognitivas, que reúnem e integram tais fragmentos de informação. Como resultado final, a imagem é resultante da observação abstrata e da observação concreta. A idéia que é veiculada por essa imagem pode estar impregnada de reações afetivas, originando representações distorcidas devido à infiltração de fatores subjetivos na percepção. Existe, assim, um componente afetivo que também participa na construção da imagem e que pode sobrepor-se à elaboração. Há um componente principal que é isolado, sendo depois associado, estabelecendo-se um nexu intelectual.

A imagem construída entra num processo de elaboração que vai permitir a formulação de uma idéia ou de um pensamento. Nesta fase de reconhecimento da imagem, a afetividade desempenha um papel fundamental, possibilitando a

emergência de uma imagem subjetiva, que envolve, ao mesmo tempo, a reação emocional associada ao afeto, mobilizando, desta forma, a participação da memória. Segundo Coelho (1980, p. 110):

“a imagem subjetiva já implica em maior elaboração e participação das concepções intelectuais e reações afetivas do examinando, pois, no caso, exigem maior esforço criador e maior utilização dos recursos subjetivos do que o simples reconhecimento de um objeto externo familiar e bem definido”.

A reação emocional pode provocar o bloqueio da elaboração, a conação pode, então, fazer reduzir ou até inibir as reações afetivas do sujeito.

Na tarefa proposta o examinando terá que apresentar uma verbalização diante do estímulo, envolvendo nesta fase a participação da linguagem. Existe, então, um código da imagem e um código da linguagem, cabendo ao sujeito a tarefa de decodificar e codificar a informação de modo a transmiti-la adequadamente. Nesta fase deve-se, ainda, levar em consideração a relação examinador-examinando e a linguagem não verbal, para fazer diminuir ao máximo as interferências nesta comunicação. As reações apresentadas pelo examinando durante o teste serão examinadas pelo aplicador, a fim de determinar se elas se devem a fatores subjetivos presentes nesta relação ou a características do examinando.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MÉTODO DE RORSCHACH, SEGUNDO ANIBAL SILVEIRA

Aníbal Silveira (1964/1985) propôs uma teoria sistêmico-cognitivista, que constitui um modelo compreensivo para apresentar e explicar o processo de construção das imagens, presente nas respostas aos cartões do Rorschach. Para ele a estrutura da personalidade é constituída por um conjunto de funções subjetivas, hierarquicamente organizadas, inatas e coexistentes, ligadas ao funcionamento cerebral, o qual resulta da comunicação com o meio externo e interno. Para ele estas funções regem continuamente e de modo harmônico as disposições genéticas do indivíduo e as suas inter-relações com o ambiente físico e social.

Silveira (1985) apresenta um esquema que permite compreender melhor os aspectos estruturais e dinâmicos da personalidade, por meio da classificação de três esferas: afetiva, conativa e intelectual, sendo estas esferas estudadas a partir de funções psíquicas distintas.

A *Esfera afetiva* é considerada como um setor básico da personalidade que reúne as funções subjetivas: *instintos e sentimentos*, que estimulam o ser humano constantemente a satisfazer as necessidades da própria existência e a da espécie e que mantém ativo o interesse em ampliar suas relações interpessoais.

Coelho (1980, p. 52) define instintos como:

“conjunto de funções que estimulam todo o contato do indivíduo com a realidade externa e basicamente mantêm a sobrevivência individual e da

espécie. Os instintos correspondem ao correlato subjetivo das funções fisiológicas básicas, das quais depende a sobrevivência física do indivíduo. Portanto, são funções subjetivas que não diferem de outras funções afetivas, a não ser quanto ao fato de se relacionarem fundamentalmente com a individualidade, enquanto que as outras regem relações com o ambiente físico e social.”

A autora propõe como instintos de manutenção da vida, o instinto sexual e o nutritivo. O mais fundamental é o nutritivo, pois está ligado a todo o processo metabólico do organismo e até do próprio cérebro, centralizando e dirigindo todo o metabolismo visceral. O sexual busca a preservação da espécie. Os instintos expressam a individualidade biopsíquica.

Os *sentimentos* se relacionam com as funções de sociabilidade; manifestam-se nas relações interpessoais, sendo que sua expressão depende da formulação de concepções cognitivas sobre si próprio e sobre o outro. O indivíduo atua na realidade conforme sente e compreende o ambiente e assim se define como ser social.

Schachtel (1963, apud Coelho, 1980, p. 62) faz a seguinte distinção entre instinto e sentimento:

“os sentimentos estão sempre a serviço da sociabilidade, não atingem seu pleno desenvolvimento senão no plano social. Os atos provocados pelos sentimentos nunca possuem o caráter regular e quase mecânico encontrado nas atividades determinadas pelos instintos, os quais não são habitualmente orientados pelas funções intelectuais.”

Coelho (1980) e Schachtel (1963) concluem que todo indivíduo bem adaptado ao meio manifesta no comportamento tanto os impulsos referentes à sua individualidade quanto os sentimentos que se referem à sua sociabilidade.

No Método de Rorschach o estudo da esfera afetiva relacionada aos sentimentos é realizado pela análise minuciosa das Respostas de Cor e dos índices de impulsividade e de afetividade.

A *Esfera Conativa*, proveniente do latim *conatus*, significa “executo”, isto é, realiza a partir de uma intenção, de um objetivo. É o setor de funções que antecede o comportamento explícito e dirigem o trabalho mental (capacidade de perceber, adaptar-se e comunicar-se com o meio). Abrange os dinamismos que antecede e possibilitam as transposições de nossas disposições afetivas e elaborações intelectuais para o ambiente externo, resultando deste processo a ação explícita. Na esfera da conação há três funções básicas: *iniciativa*, elemento subjetivo que desencadeia a ação explícita ou estimula a percepção e o raciocínio; *manutenção*, que preside a estabilidade, mantém a atenção, quer dando continuidade aos atos, quer mantendo o raciocínio ou a observação; e *inibição* que seleciona as reações mais adequadas, refreando os impulsos não pertinentes.

Todas as funções conativas acham-se associadas a uma contração muscular: quando ela estimula, quando ela retém ou quando ela mantém. E graças a esta contração, o homem produz ou controla seus movimentos. Existe, pois, uma ligação entre a sensibilidade da musculação, o processo da memória e a participação das funções conativas neste processo.

Para que haja continuidade de ação e a atividade não se transforme em agitação incoerente, é indispensável que as funções (coragem e prudência:

estimuladora e inibidora) se desenvolvam sob a influência da perseverança. E, como toda a ação implica em uma motivação, estas funções seriam

desordenadas, se um sentimento preponderante, geralmente fundamentado no instinto de conservação, não intervesse para estimular a atividade. Além disso, intervém o ato da “vontade”, que representa, segundo Comte (apud Coelho, 1980), o último estágio do desejo, isto é, após a reflexão mental que informa sobre a conveniência ou não de exteriorização de um desejo. Portanto, é fundamental que exista harmonia conativa, ou seja, harmonia entre iniciativa, manutenção e inibição da ação.

O concurso das três funções, indispensável a todo comportamento, durante o processo de desenvolvimento das relações interpessoais (social) e de amadurecimento mental (biológico e constitucional), determina o caráter do indivíduo.

Portanto, quando o desenvolvimento das três funções é harmônico, tem-se um “bom caráter”, definido como caráter empreendedor, passivo, com disposição para agir, típico de indivíduos sociáveis, que assumem suas responsabilidades e demonstram autocontrole dos seus impulsos.

No entanto, quando, durante o desenvolvimento uma dessas funções torna-se preponderante sobre outras, aparecem os “transtornos de caráter”. Como exemplo pode se citar os retraídos, indivíduos que evitam intervir nas relações interpessoais (por excesso de prudência), podendo tornarem-se tímidos, apáticos ou mesmos tristes; ou os tipos expansivos, mas superficiais (por excesso de iniciativa), podendo chegar a reações precipitadas e impulsivas em suas reações (por falta de inibição dos impulsos).

O predomínio da manutenção (perseverança), associada à iniciativa (coragem), resulta em traços da personalidade como: teimosia, tenacidade, agressividade, paixão.

No Método de Rorschach o estudo da Esfera Conativa é feito pela análise minuciosa das Respostas de Forma, demonstrando o grau de maior ou menor objetividade na observação que o indivíduo faz da realidade. As respostas de Forma, de um modo geral indicam o quanto o indivíduo se volta para o meio para percebê-lo, se ele percebe o meio sem se envolver, estabelece um contato mais impessoal para compreender a realidade.

A *Esfera Intelectual* é o setor de funções psíquicas que estabelecem a *observação, a adaptação lógica e a captação dos fenômenos externos* e subordinam o trabalho mental às exigências da realidade externa. Promove os primeiros nexos subjetivos entre os dados do ambiente e a própria experiência e, na medida em que o indivíduo amadurece biológica e psicologicamente, estabelece ligações com a realidade através de concepções racionais, até adquirir a capacidade de simbolização abstrata, fundamental para a integração do indivíduo à sociedade. Segundo Coelho (1980, p. 72):

“a adaptação intelectual à realidade não decorre apenas da apreciação dos eventos externos e da assimilação dos valores do ambiente, mas fundamentalmente da capacidade humana de reelaborar, de modo original e criador, os dados coligidos e de comunicar o resultado das concepções e o estado subjetivo aos semelhantes”.

As funções intelectuais que presidem a captação dos dados da realidade são a *observação* (concreta - raciocínio indutivo e abstrata - raciocínio dedutivo), a

elaboração (por generalização e por sistematização) e *a comunicação* (mímica, gráfica ou verbal). Estas funções são interdependentes e indispensáveis ao objetivo final, ou seja, a adaptação do indivíduo.

A Esfera Intelectual se apresenta como Intrínseca e Extrínseca, sendo que o estudo da Esfera Intelectual Intrínseca é feito pela análise minuciosa das Respostas de Movimento que irão traduzir os aspectos relativos ao potencial intelectual do examinando propriamente dito, que ele utiliza para resolver logicamente as situações com as quais se depara. As Respostas de Perspectiva referem-se ao aspecto do uso do potencial intelectual em relação ao meio, que é estudado por meio da Esfera Intelectual Extrínseca.

5. REVISÃO DA LITERATURA SOBRE AS PESQUISAS COM O MÉTODO DE RORSCHACH

Para Portuondo (1965) o Teste de Rorschach enfoca a personalidade total do paciente de um ponto estrutural e dinâmico. Permite uma compreensão psicodinâmica e global da personalidade, englobando todas as características e modalidades básicas, integradas em um todo psicodinamicamente significativo.

Silveira (1985) concorda com Portuondo quando diz que a interpretação seria estéril se apenas se limitasse a descrever as características estáticas da personalidade. Portanto, deve-se estabelecer quais disposições estruturais o examinando mostra nas interações cotidianas e de que maneira recorre ao cabedal subjetivo de que dispõe.

De acordo com Carr (1984) os indicadores de um bom prognóstico no Teste de Rorschach são: as respostas de movimento humano, referentes à capacidade para identificar e relacionar-se com os outros; as respostas de movimento animal, relacionadas com a expressão dos impulsos; o uso adequado da boa forma baseado nas respostas relativas à capacidade de controle e contato adequado com a realidade; respostas de sombreado e cor adequadas, referentes à sensibilidade, à necessidade de afeto e à capacidade para responder de forma emocional ao ambiente. Todos estes indicadores sugerem as potencialidades da personalidade.

Este capítulo apresenta pesquisas com o Método de Rorschach relacionadas às características que devem ser avaliadas para obtenção do porte de arma, como o controle da agressividade. Uma apresentação resumida sobre a classificação das respostas do Rorschach pode ser obtida no Anexo A.

O Método de Rorschach destaca dois enfoques distintos que se referem à predição do comportamento agressivo por meio de índices deste instrumento. Em primeiro lugar, há aquele que procura relacionar os aspectos formais das respostas com o comportamento agressivo sem, contudo, considerar o conteúdo associado a elas.

Pesquisando a literatura a respeito deste tema, observa-se que, desde Hermann Rorschach (1967), algumas variáveis do Método estão comumente relacionadas à impulsividade ou até mesmo com outras características de personalidade que fariam parte da estrutura do indivíduo agressivo.

Já em 1921 para Rorschach (1921/1967) existia uma correspondência entre respostas características M e a impulsividade, ou seja, essas respostas indicam a capacidade do examinando para lidar com seus impulsos em um nível de fantasia e interiorização, sendo portanto consideradas como uma medida de controle dos impulsos. Desta forma, Rorschach (1967) e Bohm (1971) apontavam que a ausência ou relaxamento destas respostas em um protocolo implica em falhas no controle dos impulsos.

Entretanto, segundo Rorschach (1967, p.104) *“quanto mais coloração no teste, maior a instabilidade emocional do sujeito e quanto mais cinestesia, mais estável é a sua afetividade”*. Portanto, a sugestibilidade afetiva é representada pelas respostas CF, com ou sem M, FC ou C, porém com predominância absoluta ou relativa das CF.

Kahn (1959) considera que as respostas C refletem tendências do indivíduo para comportamentos destrutivos ou para atos impulsivos violentos e delituosos, tais como: homicídio, roubo, violência sexual dentre outros.

Ainda segundo Kahn (1959), a presença de %F elevada está freqüentemente relacionada com maior rigidez no controle intelectual dos indivíduos que cometem crimes considerados mais violentos, até hediondos, como os homicidas. A afirmação do autor baseia-se na confirmação de sua hipótese de que os homicidas são mais sensíveis às reações agressivas do que os ladrões e possuem personalidades que permitem maiores descargas impulsivas e explosivas, que, em geral, são controladas rigidamente, contudo, de forma ineficiente ou inadequada.

Segundo Adrados (1976, p. 58), no Rorschach para um indivíduo ser considerado socialmente adequado ele não teme a força dos seus impulsos, mas os efeitos que estes possam vir a ter no ambiente, o que leva a um controle extremamente vigilante. Este controle é cansativo e extremamente desgastante, levando o *“sujeito a agir com rigidez, perdendo sua capacidade de compreensão, o tato e a possibilidade de ter reações livres e espontâneas na sua esfera afetiva”*.

Desta forma se verifica que o grau de controle intelectual do sujeito não depende apenas do nível de impulsividade ou da força das emoções, mas sobretudo da forma como esses impulsos e emoções são experimentados pelo indivíduo. Portanto, o controle intelectual não é analisado apenas por meio da porcentagem das respostas formais, mas pela qualidade destas respostas.

Schafer (1954) adverte que não adianta o examinando possuir um mínimo satisfatório ou elevado de respostas formais, se estas são mal vistas (ou menos freqüentes), ou seja, se o examinando não consegue identificar a resposta com precisão, isto indica que sua capacidade crítica é ineficiente.

De acordo com Rorschach (1967), uma alta porcentagem de respostas F^+ depende de: habilidade de concentração; habilidade de formar imagens claras; habilidades de trazer tais imagens à consciência; capacidade de relacionar entre essas, a imagem mais apropriada ao estímulo. Isto implica em controle dos processos perceptivos e associativos e em interpretação crítica, sendo para Rorschach, condições essenciais para a inteligência. Este autor destaca que a capacidade de apresentar F^+ depende do retardamento do impulso, permitindo a crítica necessária para uma resposta apropriada à realidade.

Beck (1960) apresenta 83,91% como média de $\%F^+$ para sujeitos normais e o mínimo crítico para a saúde psicológica 60%. De maneira geral, verificou-se que a $\%F^+$ sobe desde cedo na infância, embora sofra uma queda na adolescência, provavelmente devido ao enfraquecimento do ego, durante este período de tensão emocional. Segundo este autor, durante a idade adulta, o nível é estável, caindo novamente ao avançar a idade. Para ele a porcentagem de F^+ é alta em adultos de inteligência superior e decresce para níveis mais baixos nos débeis mentais. Sendo assim, pode-se considerar que a forma tem função adaptativa, importante para o controle dos impulsos.

Beck (1960) aponta que os estudos mostram que com a melhora clínica há uma elevação geral na $\% F^+$. Em estados agitados e maníacos a $\%F^+$ é bem baixa. O indivíduo muito ansioso geralmente é menos capaz de integrar processos perceptivos e associativos e também tende a ter nível um pouco baixo de porcentagem de F^+ .

Silva (1987) observa que o exagero do uso da forma não torna as respostas mais individuais e brilhantes, mas pobres, comuns e repetitivas, resultando em um material com escasso nível de comunicação.

As pesquisas de Beckey, Willian e Hertzman (apud Scheldon e Korschin, 1960) relatam estudos experimentais que sugerem que as pessoas com percepção mais acurada da forma estão melhor capacitadas a agir sob tensão. Confirmam em estudos clínicos e da personalidade a interpretação da percepção da forma como índice de controle do ego.

A %F⁺ pode ser considerada um dos indicadores do funcionamento do ego, podendo indicar firmeza no teste da realidade. Desta forma influencia também a capacidade intelectual, mascarando problemas afetivos. Para Traubenberg (1970, p.62):

“As respostas de Forma, seriam ligadas a uma dupla interpretação: uma atitude intelectual ativa e uma adaptação ao real, o elemento cultural desempenhando importante papel. A utilização da forma supõe uma ligação estreita e dominante com a configuração do objeto, reduzindo ao mínimo a participação da imaginação criadora e a emergência de reações emocionais. Estas respostas não serão muito pessoais, arriscando mesmo a serem bastante convencionais ou simplesmente lógicas, mas sobretudo pouco carregadas afetivamente”.

Segundo esta autora, a %F estará elevada nos sujeitos sem espontaneidade ou, até mesmo, receosos de manifestá-la. Os examinandos prendem-se a características objetivas das pranchas para controlarem sua participação, distanciando-se dos aspectos afetivos, uma vez que apresentam dificuldades em manipular suas relações afetivas de modo simbólico. Desta forma ao mesmo tempo em que o indivíduo avalia de modo crítico seu papel no mundo, não consegue determinar o conflito intrapsíquico, enraizado na circunstância, conhecer seus desejos e emoções. As respostas de forma revelam ainda a

complexidade da estrutura psíquica do indivíduo, mais do que seu aspecto consciente objetivo.

Para Kahn (1959) resultados relativos às respostas de %F apresentam-se semelhantes em presidiários homicidas e são consistentes com a hipótese de uma maior rigidez no controle lógico presente neste grupo.

Tonelli (1986) realizou uma pesquisa com o objetivo de verificar as características de personalidade de sujeitos que tinham cometido crimes violentos e observou que as variáveis que mais se relacionaram com a violência intensa em “presidiários extremamente violentos” foram: tempo total elevado; % F elevada; %F⁻ estendida elevada; %H elevada, determinantes elevados; ausência na diversidade de conteúdos, maior síndrome de angústia, maior imaturidade afetiva; ausência de controle socializado da afetividade, assim como maior controle dos impulsos. Destaca que estes sujeitos apresentaram resultados significativamente mais acentuados de respostas de conteúdos agressivos.

Quanto às características de conteúdo, Tonelli (1986, p.45) menciona dois grupos distintos de estudiosos que relacionam estas categorias de conteúdo com o comportamento agressivo manifesto. O primeiro grupo, entre os quais se incluem Phillips e Smith (1953), considera que os conteúdos de agressão, indicam que o indivíduo é capaz de expressar seus impulsos agressivos de maneira socialmente aceitável, isto é não são, necessariamente, indicativos de impulsos agressivos.

Outro grupo, representado por Pittluck, Finney, Townsend e Towbin (apud Tonelli, 1986), considera que o conteúdo agressivo indica uma preocupação com este tema e apresenta o comportamento agressivo manifesto.

Towbin (1959) e Townsend (1967, apud Tonelli, 1986) encontraram aspectos relacionados à direção da agressividade, por meio da lista de conteúdos agressivos, que sugerem uma relação entre essas respostas e o comportamento agressivo manifesto no indivíduo. Towbin (1959, apud Tonelli, 1986, p. 46) sugere a seguinte lista de categorias de respostas com conteúdos agressivos: a) crítica às pranchas, que abrange desde a observação positiva até as imperfeições a respeito do material da prova; b) repostas agressivas, cuja direção e fonte da agressividade não são especificadas: armas, dentes, explosões; c) respostas agressivas de forma geral, como *“os símbolos culturais da agressão, objetos usados em ações agressivas e qualquer intenção agressiva: selvagem; máscara; bruxas; canibal; objetos quebrados; despedaçados; ser humano ou animal morto; ferido, esmagado ou queimado”*.

Tonelli (1986) constatou, no entanto, a partir dessas categorias, que a crítica às pranchas estava significativamente relacionada com a agressão manifesta, enquanto que as demais categorias, não.

Para Schafer (1954) a avaliação da natureza da agressividade por meio de respostas dos conteúdos projetados no Método de Rorschach é realizada a partir da Teoria Psicanalítica. Segundo este autor, o tema agressivo está relacionado com o estágio psicosssexual e seus conflitos específicos.

Kahn (1959) realizou uma pesquisa com o referencial Psicanalítico e a abordagem proposta por Schafer (1954), que teve como objetivo determinar se dois tipos de comportamentos anti-sociais (homicídio e um outro com crimes menos violentos) poderiam ser diferenciados com base nas configurações de fatores de personalidade, por meio do Rorschach e o histórico social. Concluiu que o grupo de sujeitos classificados como homicidas apresentaram os seguintes

resultados: controle emocional mais inadequado (%F⁻ estendida), maior rigidez no controle (%F), maior impulsividade (%C), menor variedade de conteúdos, o que sugere que eles possuem menos recursos para lidar com suas emoções. Quanto ao outro grupo, de crimes menos violentos, destaca uma diferença na forma de controlar a agressão. Assim, os grupos que cometem crimes distintos podem ser diferenciados por suas histórias sociais, padrões de habilidades intelectuais, bem como por meio de determinadas respostas ao Rorschach.

É importante destacar que na experiência cotidiana e, sobretudo, na interpretação dos estímulos do Rorschach, a palavra ou expressão que define uma categoria de conteúdo, não designa uma situação isolada, relativa a um objeto ou a um ser particular, mas ela se refere a uma classe de experiências identificadas pelo grupo social ainda que percebida e sentida no mesmo nível de uma consciência individual. O rótulo verbal oculta o significado particular que o mesmo evento assume para cada indivíduo.

Segundo Sommer e Sommer (1958, apud Tonelli, 1986, p.55), a melhor forma de avaliação do Rorschach é combinar os elementos formais com os conteúdos das respostas. Esses autores elaboraram uma lista de categorias de respostas coloridas com conteúdos agressivos e não agressivos, projetados nas pranchas e chegaram às seguintes categorias:

- “a) Respostas coloridas com conteúdos agressivos: vulcão, fogo, sangue, fenda, explosão, pus, incêndio, etc.;*
- b) Respostas coloridas com conteúdos passivos: flores, plantas, água, pôr-do-sol, sorvete, gelatina, etc.”*

Propuseram diferenciar a conduta de sujeitos que deram respostas coloridas com conteúdos agressivos dos que deram respostas coloridas com conteúdos passivos. Estes autores obtiveram os seguintes resultados: o grupo de sujeitos que apresentou respostas com conteúdos passivos teve média de 3,60%, enquanto o grupo com conteúdos agressivos teve média de 3,83%, não encontrando diferença significativa entre as médias dos dois grupos.

Em relação à agressividade física os sujeitos com conteúdos agressivos superaram os sujeitos com conteúdos passivos. E em relação à agressividade verbal, os dados de Sommer e Sommer não indicaram diferenças significativas. Os sujeitos com conteúdos agressivos apresentaram maior número de respostas C puro, enquanto que os com conteúdos passivos tiveram maior número de respostas FC. As respostas CF foram em número semelhante nos dois grupos. Sommer e Sommer concluíram que existe uma relação entre o comportamento agressivo manifesto e o tipo de resposta colorida com conteúdo agressivo.

Rorschach (1967, p.31) aponta que os dados relativos à cor variam extraordinariamente de um indivíduo para o outro, tanto em normais como em doentes. As pessoas depressivas apresentam nenhuma ou poucas respostas de cor, enquanto as eufóricas fornecem numerosas respostas de cor. Incluem entre os que dão pouca resposta de cor os portadores de depressões psicogênicas, os melancólicos e os arterioscleróticos. Os maníacos apresentam cores em abundância.

“Os que se caracterizam por afetos mais estáveis, além dos depressivos, os meticulosos, os indolentes e, entre os esquizofrênicos, sobretudo os estereotipados, não dão nenhuma ou muito poucas resposta cor. Os que se caracterizam por uma labilidade de afetos, ao lado dos que apresentam

perturbações eufóricas, os “nervosos”, “os artistas”, bem como “débeis mentais” e “imbecis”, esquizofrênicos incoerentes, epiléticos, orgânicos e maníacos todos produzem muitas respostas cor”.

Em seu trabalho, concluiu que “as respostas primárias de cor, as (C), são as representantes da impulsividade” (p.32).

Neste caso observa-se que a expressão da afetividade é puramente de descarga, pois não visa nem a relação com objetos, nem a adaptação afetiva. Esta descarga não precisa ser necessariamente agressiva. Pode expressar impulsos passionais ou necessidade de afeição ou medo de autodestruição.

Segundo Rorschach (1967) a maior parte destas conclusões foram estabelecidas por meio de dados estatísticos. Aponta que foi coletado o maior número possível de dados entre indivíduos das mais diversas categorias e estudados por meio de processos comparativos tomando como base diferentes fatores como: F⁺, M, FC, entre outros. Rorschach (1967, p.33) verificou que:

“os examinandos que deram maior quantidade de respostas primárias de cor, foram apenas os epiléticos, os maníacos, os imbecis, os parálíticos e os esquizofrênicos incoerentes. Entre os “normais” só os reconhecidamente coléricos, os agressivos, os “esquentados” e os imprevisíveis. Daí se conclui que o “valor sintomático” das respostas C é provavelmente o que constitui característica comum a esses indivíduos: a tendência à descarga impulsiva de afetos.”

As respostas de cor revelam, portanto, a excitabilidade do indivíduo, indicam dificuldades de adaptação nas diversas situações sentidas como ameaçadoras e perigosas.

Em pesquisa realizada com 36 sujeitos adultos, com estresse pós-traumático, Licsw (1996) verificou por meio de história de vida e do Método de Rorschach conseqüências de traumas tais como: comportamento grave no campo da cognição, da afetividade, da percepção, tendo como seqüelas: comorbidade, depressão, processo psicótico, desordens dissociativas. Estes traumas incluíram: acidentes graves, assaltos, armas de fogo, acidentes elétricos ou químicos.

Yazigi, Silva Neto e Ribeiro (1996) realizaram estudo de caso de um paciente com uma história de 30 anos com uso de crack, sem comorbidade psiquiátrica. Ao utilizarem o método de Rorschach como diagnóstico diferencial encontraram: número de respostas abaixo da média, perseveração de conteúdo de fumaça/fogo, poluição e anatomia, respostas de cor pura e CF, com forma pura e somente duas respostas de F⁺. O protocolo também apresentou comprometimento no processo cognitivo no campo perceptual e dificuldade em lidar com experiências emocionais, com quadro similar ao de problemas orgânicos.

Fazzani Neto, Costa e Weis (1996), em pesquisa com 40 protocolos de Rorschach com indivíduos toxicômanos, com uso freqüente de cocaína e crack, constataram que eles apresentavam preocupação constante com os obstáculos (E), necessidade de auto-afirmação, impulsividade acentuada (IMP acima da média), que se manifestava em alguns sujeitos no plano intelectual, prejuízo no contato com a realidade em função de distorção (%F⁺ abaixo da média) desta realidade; dificuldade em assimilar as regras sociais convencionais (%V abaixo da

média), em parte por desadaptação da realidade em situações de impacto afetivo (RMI abaixo da média nas pranchas coloridas). Quanto à dinâmica da personalidade, os sujeitos demonstraram impulsividade elevada; instabilidade em manter a capacidade intelectual (G abaixo da média, %F⁺ abaixo da média, ausência de respostas de movimento humano), em função de reduzida capacidade de relacionamento interpessoal (%H abaixo da média); imaturidade emocional (%A abaixo da média); egocentrismo acentuado (CF > FC), acarretando dificuldades de integração afetiva e ansiedade latente.

Em uma pesquisa realizada por Coelho, Abade e Fazzani Neto (1993), que teve como objetivo examinar o papel da percepção da representação, do julgamento e da atribuição de significados enquanto fenômenos cognitivos na determinação do processo emocional, os autores consideraram que, em particular, um tipo de distúrbio emocional se expressa como liberação intensa e incontrolável de um impulso afetivo, destrutivo, tendo como resultado o comportamento violento. A amostra foi constituída de sujeitos que cometeram crimes de extrema violência, em que manifestavam “frieza de sentimento”. Foram estudados 15 sujeitos que apresentavam características de distúrbio de caráter, sendo a maioria de homicidas de ambos os sexos, com idade variando de 17 a 55 anos.

Os autores utilizaram o Método de Rorschach com o objetivo de sistematizar índices deste instrumento, que permitissem a avaliação de processos psíquicos incluídos em paradigmas experimentais e em modelos teóricos sobre fenômenos psicológicos. Eles caracterizaram o comportamento violento dos examinandos de modo sintético como:

“a) liberação de agressividade ocorrida durante a vigília e facilmente evocável, que não acarreta sentimento de culpa e horror em seus autores;

b) atos brutais cometidos antes (espancamentos ou torturas) ou após a morte de suas vítimas (ingestão de vísceras do cadáver e extirpação dos testículos e esfacelamento do corpo, consumo de refeição colocada sobre o cadáver);

*c) agressões contra indivíduos indefesos (velhos, mulheres e crianças) ou impossibilitados de reagirem (atacados durante o sono ou pelas costas).
Dentre as vítimas, nove eram parentes próximos dos criminosos (mãe, pai, filho, sogros e esposa) e as demais eram parentes ou companheiros de trabalho. E, enfim, todos os crimes foram cometidos por motivos aparentemente fúteis e discrepantes com a intensidade do ato destrutivo” (Coelho, Abade e Fazzani Neto, 1993, p.65).*

Os resultados dos protocolos de Rorschach foram agrupados em três níveis de tratamento dos estímulos perceptuais: nível de captação dos estímulos e distribuição da atenção; nível de elaboração das imagens perceptuais e nível de categorização de significados.

Quanto ao nível de captação de estímulos e distribuição da atenção, obtiveram como resultado: a prevalência significativa das respostas de Gi (Global imediata), ou seja, verificaram que os sujeitos reagiram à impressão imediata do estímulo como um todo, resultando em associação por analogia das imagens evocadas com má percepção da forma, mais como um processo de reconhecimento do que como um processo de interpretação das imagens. Constataram rebaixamento significativo de F^+ , no conjunto de estímulos monocromáticos (pranchas I, IV, V, VI e VII), rebaixamento significativamente mais acentuado, no conjunto de estímulos coloridos (pranchas II, III, VIII, IX e X) e a presença de mecanismos como generalização apressada (PG) e, dentre as 21

ocorrências de PG, 11 delas foram detectadas nas pranchas I e VII e 10 outras no conjunto colorido, especialmente na prancha IX.

Quanto ao nível de elaboração de imagens, observaram que a capacidade de organização dos perceptos encontrava-se rebaixada, de modo geral, principalmente com elaboração arbitrária (Z_2 para Beck). Ainda em relação ao nível de elaboração, a utilização dos fatores determinantes se apresentaram com elevação de respostas de Cor (RC), com predomínio de CF, C e nC sobre as FC; as respostas de movimento (RM) foram significativamente inferiores, apresentando apenas respostas de movimento inanimado ou de bloqueio (m'), as respostas de Luminosidade (RL) e as de Perspectiva (RPs) não foram significativas. Verificou-se também a elevação do índice de impulsividade (IMP).

Quanto ao nível categorização dos significados, eles verificaram que as imagens, construídas a partir de percepções dos estímulos do Rorschach, revelaram caráter variável, embora mantivessem algumas características em comum, como: figuras humanas (H) descritas de modo genérico ou vago (“pessoas”, “gente”, “homem”) e percebidos de modo incompleto com predomínio de partes humanas (pH). As figuras de animais (A) prevaleceram na pesquisa, entretanto os autores destacaram que, quanto às atribuições particulares às figuras humanas ou de animais, se apresentaram com qualidade agressiva, disfórica ou estética. Os conteúdos de “força da natureza” e objetos agressivos também estavam presentes nos protocolos.

Coelho, Abade e Fazzani Neto (1993, p.72) concluem que o distúrbio fundamental observado pode ser caracterizado como falta de controle da atividade voluntária, a qual implica não apenas na mobilização do interesse afetivo e da focalização seletiva da atenção como também da capacidade de julgamento

refletido das circunstâncias ambientais, que permitem a formulação de projetos e de estratégias de ação. Neste caso, ocorre baixo limiar da mobilização afetiva, alteração na seletividade da ação e deficiência no julgamento crítico referentes a aspectos ambientais e individuais.

Becerra (2003) realizou um estudo para destacar o valor prognóstico do Psicodiagnóstico de Rorschach. O caso referia-se a um paciente do sexo masculino, 19 anos de idade, que em meados de 1976 foi atendido pelo Hospital Psiquiátrico de Havana, em companhia de sua mãe que se queixou de seu filho se comportar de forma muito estranha, não querendo sair, ir a festas, não possuir vida social e na sua infância tinha sido alegre, sociável e gostava de ir à praia e a festas.

Becerra (2003, p. 243) aplicou o Rorschach a pedido do psiquiatra de seu cliente e se surpreendeu quando:

“Na lâmina IV (lâmina paterna por excelência), seu paciente viu na lateral superior esquerda da lâmina um homem que está despencando de um precipício. De imediato faz a interpretação analítica correspondente (este rapaz tem em mente intenção suicida e este ato parece estar relacionado com a figura paterna)”.

Como o rapaz estava terminando o serviço militar, enviaram o relatório do atendimento ao psiquiatra da unidade militar, que não deu atenção à análise do Rorschach. Becerra (2003, p. 243) encerrou este caso quando o psiquiatra do quartel informou que estavam lá para atender os pacientes com *“afecções psiquiátricas verdadeiras e não para acompanhar casos em que o resultado de*

uma prova nada mais é do que a imaginação de quem a aplica, e que este soldado está apto para continuar na Unidade”.

O relato do caso foi concluído com a informação que o jovem, quando estava de guarda na unidade militar, efetuou um disparo mortal em sua cabeça. Tal fato mostra que o Rorschach foi sensível à problemática do rapaz, mas que muitos profissionais não levam em conta seu resultado.

Em trabalho realizado por Piccinelli e Ortiz (1985), estes destacaram que um psicodiagnóstico conduzido adequadamente poderá sugerir problemas de ordem neurológica. O Rorschach pode detectar características epiléticas da personalidade, bem como o PMK (Psicodiagnóstico Miocinético), que permite verificar distúrbios disrítmicos, inclusive os que não são acusados no EEG. Quando dados característicos desses quadros aparecem nesses testes exigem um encaminhamento para um neurologista para avaliar adequadamente a presença desses problemas.

Casado e Morana (2001) apresentaram estudos qualitativos de alguns aspectos da personalidade de agressores sexuais através de índices do Método de Rorschach referentes ao estilo perceptual (Perc) e a fatores e alterações psicodinâmicas envolvidos no processo de adaptação ao ambiente (RMI). A amostra estudada foi constituída de 14 sujeitos do sexo masculino, sendo 10 internos em uma penitenciária do Estado de São Paulo (1997-1998) e os demais, avaliados no Instituto de Medicina Social e Criminologia do Estado de São Paulo – IMESC (1996-1997). Alguns deste sujeitos cometeram delitos de natureza sexual (estupro e atentado violento ao pudor) e não sexual (furto, roubo, homicídios, lesão corporal de natureza leves, graves ou gravíssimas, tráfico de drogas e falsidade ideológica).

Os dados obtidos, referentes ao estilo perceptual (Perc) para as modalidades primárias (G, P, p) foram: elevação do Fator G para 71,40% (n=10), retração dos Fatores P para 78,54% (n=11) e p para 64,26% (n=9). Em relação às modalidades secundárias (E, GE, PG, GP), Casado e Morana (2001) verificaram a ocorrência de E em 64,26% (n=9) e GE em 42,84% (n=6). Concluíram que a percepção dos dados mostrou-se excessivamente genérica caracterizada por imediatismo e superficialidade (elevação de G, sendo $G_i > G_c$), evidenciando acentuada dificuldade em lidar com a realidade cotidiana a partir de dados que são evidentes, orientados por atenção aos aspectos negativos associados à superação de obstáculos externos que possam interferir na realização das intenções. A partir destes resultados, Casado e Morana (2001) concluíram que esses sujeitos mostraram uma orientação para aspectos secundários, contrários aos considerados pela maioria das pessoas, e dificuldade predominante de captar elementos concretos no ambiente.

Em relação à noção do real e à adaptação ao ambiente (RMI) observaram que o índice RMI_C (adaptação ao ambiente em circunstâncias de mobilização afetiva direta) mostrou-se dentro dos limites esperados para a população de referência, com discreta tendência a elevação (71,40% n=10).

Em relação à análise qualitativa dos fatores correspondentes do índice RMI ($\%F^+$, $\%A$, $\%V$), foi evidenciada a predominância de motivações egocêntricas na conduta, fator $\%A = 78,54$, o que indica que os sujeitos mantêm um tipo de controle no ambiente ou lidam com a realidade através de elementos afetivos mais individualistas. Segundo Casado e Morana (2001) a maioria dos autores também verificaram alterações no modo de julgar os fatos externos ($\%F^+ = 78,54$ n=11), quando os sujeitos se apresentaram diante dos estímulos afetivos apresentaram subjetivismo, decorrente de déficit de atenção ($\%F^+_C = 49,99$, n=7).

Para o fator %V, referente à utilização dos valores sócio-culturais, ou juízo de realidade, os desvios tornaram-se significativos e adquiriram visibilidade na mobilização afetiva direta. Observaram que 64,26% dos sujeitos revelaram não internalização dos padrões de conduta estabelecidos socialmente (retração V_C , $n=9$), 14,24% mostraram-se excessivamente convencionais (elevação V_C , $n=12$) e, em situações de menor intensidade afetiva, apenas 14,28% não mostraram utilização da lógica consensual (retração V_m , $n=2$). Concluíram que 85,72% ($n=12$) dos sujeitos em situações sociais formais são capazes de tomar decisões e de agir usando as regras sociais estabelecidas, embora, diante do estímulo afetivo, 78,54% ($n=11$) revelassem desvios na adaptação social.

Vaz, Barros e Conte (1985) efetuaram uma pesquisa com 22 pacientes hipertensos, na faixa etária de 40 a 70 anos de idade, de ambos os sexos, não portadores de doença mental e sem características de psicose e nem dependência alcoólica, utilizando o Método de Rorschach. Compararam a amostra com um grupo controle de 22 pessoas não-hipertensas, sem anomalias de personalidade e residentes na mesma área geográfica, quanto à média de Localizações, Determinantes, Conteúdos e Fenômenos especiais entre os dois grupos. Constataram que o grupo de hipertensos apresentou maior índice de conteúdos anatômicos e de animais, respostas de sombreado associados a baixo índice de movimento humano (M), menor índice de respostas cromáticas, maior índice de fenômenos específicos (mutilação e sentimento de incapacidade) do que os não-hipertensos. Tais dados indicam que os pacientes hipertensos são propensos a elevar o nível de ansiedade situacional, a se preocuparem com o próprio corpo e a investirem menos afetos e sentimentos no mundo externo, em relação ao grupo não-hipertenso.

Steiner (1985) realizou um estudo que teve por objetivo verificar a possível ocorrência de problemas na área de interação social, através da análise de vários dados de protocolos de Rorschach em 19 pacientes, de ambos os sexos, com idade entre 17 e 47 anos, portadores de Artrite Reumatóide. A autora analisou os conteúdos apresentados no teste: Humano (H), parte Humana (pH), e Animal (A), os determinantes Movimento (M, m, m'), Luminosidade (L, I, I', C') e o determinante Cor (FC, CF, C); o tipo de vivência (Eq) e as respostas Vulgares (V - populares). Observou que as reações interpessoais estavam prejudicadas (pH>H), com tendência para um envolvimento emocional imaturo, estreitamento da faixa de interesses e até certa estereotipia (%A acima do esperado). Quanto aos determinantes, verificou a ausência de respostas M (movimento humano) em grande parte dos protocolos e predominância de m e m'.

Destacou que o nível de imaturidade intrínseca é agravado pelos índices de dificuldade de uma adaptação emocional e de uma socialização insatisfatória. As respostas C' não estavam presentes em todos os protocolos, mas seu caráter era relativo à prudência dos pacientes nas manifestações mais espontâneas. Constatou total ausência de resposta de L, revelando dificuldade para captar os estímulos emocionais de maneira mais discriminativa e de reagir adequadamente aos mesmos.

A autora destacou ainda a baixa frequência de resposta de FC, isto é $CF+C > FC$, o que evidencia autocontrole diminuído e egocentrismo. As respostas V tiveram frequência baixa, acarretando dificuldades de não aceitação lógica ou de consenso grupal. Quanto ao tipo de vivência (Eq), verificou que 58% dos examinados são coartados, indicando pouca espontaneidade e pouco interesse social.

Coutinho e Dias (1985) estudaram a afetividade de jovens institucionalizados de ambos os sexos, por meio do Método de Rorschach. O grupo foi constituído de 15 mulheres institucionalizadas, sem delitos, e 30 homens com e sem delitos, na faixa etária de 11 a 17 anos. Selecionaram os seguintes indicadores do Rorschach: 1) número de respostas de determinante cromático (atribuídos às cinco pranchas cromáticas); 2) fórmula vivencial (Eq); 3) porcentagem de respostas às três últimas lâminas; 4) índice da realidade; 5) frequência total de conteúdo Humano associado à ausência de tal conteúdo na prancha III.

Ao confrontarem com os estudos da literatura, concluíram que os sujeitos apresentaram em relação aos itens selecionados: 1) baixa incidência ou nenhuma resposta de Cor, indicando inibição do afeto; 2) baixa frequência ou ausência do determinante cinestésico ($M\downarrow$ ou $M=0$); 3) baixa porcentagem de respostas nas três últimas pranchas, indicando dificuldade de adaptação; 4) baixa frequência de respostas banais ($V\downarrow$), com indicadores de conflitos internos; 5) baixa porcentagem de H ($H\downarrow$) e ausência deste conteúdo na prancha III ($H=0$), o que indica desvalorização do Humano e, como conclusão, a predominância do tipo de vivência coartado o que, segundo estes autores, confirma embotamento da vida interior e afetiva.

Caires, Morana e Martins (1996) fizeram uma pesquisa utilizando o Rorschach com 15 casos de sujeitos com transtornos de personalidade anti-social.

Concluíram que, em termos cognitivos, eles demonstraram reduzida produção associativa ligada à falta de recursos intelectivos, que levam à falta de criatividade e espontaneidade no contato com o ambiente, percepção da realidade de forma superficial (%F acima da média) e incapacidade de ação construtiva e criativa.

Um estudo realizado por Castro e Rocha Junior (2000) com o objetivo de apresentar uma análise sobre a organização intelectual em indivíduos avaliados pelo Rorschach, que cometeram delito de assalto e estavam cumprindo pena em regime fechado no Sistema Penitenciário de São Paulo. Os resultados indicaram dificuldade em sensibilizar-se frente aos estímulos afetivos do ambiente, com exceção dos estímulos provenientes de camadas mais instintivas e primitivas de suas personalidades, o que foi observado pela diminuição do índice de reação afetiva (Af) e aumento do índice impulsividade (IMP). Os sujeitos apresentaram controle racional excessivo com prejuízo de espontaneidade, tendendo à rigidez e controle severo, indicando dificuldade em analisar de forma lógica e coerente a realidade. Demonstraram também dificuldade de elaboração de forma mais consistente e organizada, aliada à baixa inteligência e pensamento estereotipado (elevação de % A).

Castro e Rocha Junior (2000) concluíram que, nesta amostra, os fatores intelectuais e cognitivos, entre outros, podem interferir na conduta delinqüencial desses indivíduos e assim devem ser investigados em outros estudos.

Autores como Endacott (1941), Pescor (1938) e Serebrinsky (1941) são discordantes frente a trabalhos realizados com o Rorschach, em relação à psicopatia e criminalidade. Ressaltam que é natural que a ação anti-social seja apenas um sintoma que pode surgir nos mais variados tipos de pessoas. Destacam que, no conjunto, o único traço mais ou menos constante dos protocolos de Rorschach é a presença de sinais de anormalidade, entretanto, às vezes, não são muito aparentes.

Por outro lado Sousa (1970), em dados obtidos na penitenciária do Estado de São Paulo, encontrou nos presidiários, ao utilizar o Método de Rorschach,

baixo nível intelectual, com tendência a coartação e %A dentro da média, ao lado de ansiedade em alguns casos. Todavia, Souza alerta que é necessário cuidado para generalizar esses dados, pois certos tipos de criminosos podem ser mais comuns no Brasil do que em outros países, bem como é importante considerar a amplitude de variações individuais.

Adrados (1982) apresenta índices que foram coletados em indivíduos com personalidade psicopática, destacando as seguintes características: fragilidade egóica, observada por %G rebaixada, respostas de Movimento Humano abaixo de três e %F⁺ abaixo de 75%, imaturidade afetiva, verificada por meio de baixa qualidade das respostas de cor, instabilidade emocional, evidenciada pela relação $M < FM$, reduzida capacidade crítica, a partir de %F⁺ rebaixada, ausência de angústia ou culpa, observada pela falta de respostas de sombreado.

Adrados e Figueiredo (1995) propuseram investigar o perfil psicológico dos portadores de síndrome de pânico, por meio do Rorschach. A amostra consistiu de 85 pacientes de nível superior ou equivalente, com idade entre 27 e 42 anos, sendo que 55 eram do sexo feminino e 30 do masculino. Os aspectos da personalidade estudados foram os seguintes: tipo de percepção, tipo vivencial, capacidade de crítica, controle, dinâmica afetiva-emocional e nível de ansiedade. Adrados e Figueiredo (1995) chegaram às seguintes conclusões:

- 1) Quanto ao tipo de percepção, os pacientes masculinos manifestaram maior tendência à abstração e síntese, já os femininos se mostraram mais interessados nos aspectos práticos da realidade imediata. Esses resultados são similares aos de sujeitos considerados normais. Quanto ao tipo de vivência, ambos os grupos apresentaram o tipo extroversivo.

2) Em relação à capacidade crítica (F^+ estendido), constataram que as situações extremamente traumáticas vivenciadas pelos pacientes durante as crises, não demonstraram afetar o controle do pensamento e a porcentagem do F^+ estendido se manteve a mesma nos dois grupos, com um total de 80%.

3) Quanto ao controle geral, definido como controle intelectual, interno, externo, social e um controle que engloba vários tipos de defesas, observaram que os pacientes do sexo masculino apresentaram 60% e os do feminino 58%. Em adultos “normais” este controle oscila entre 50 e 70%.

4) Em relação à dinâmica afetiva-emocional, comparando $M:FM+m$ e $FC:CF+C$, verificaram que a maioria dos pacientes masculinos apresentou relação de $M > FC$ (43%), demonstrando subordinar a necessidade de gratificação imediata a valores mais elevados, evidenciando maturidade. Nos femininos, o índice de impulsividade estava elevado, sendo $M < FM+m$ em 40%. Destacam as Respostas de Cor, principalmente de CF, indicam a possibilidade de que a impulsividade se traduza na conduta, enquanto os perceptos forma-cor (FC) significam que o indivíduo demonstra capacidade de emocionar-se e manter o controle pela razão de maneira objetiva, esforçando-se para se adaptar à realidade. Esta passividade intensifica-se quando o indivíduo se encontra dominado pela emoção que acompanha seu afeto. Isto se evidencia, no Rorschach, em frases tão conhecidas como: “fui levado pela emoção”, “tomado pelo ódio”, e tantas outras em que a passividade do paciente é evidente. Portanto as autoras destacam que o grupo em estudo estaria propenso a reações emocionais intensas e impulsivas.

O último aspecto estudado por Adrados e Figueiredo (1995) foi o nível de ansiedade, avaliado pelas respostas acromáticas e de claro-escuro. Verificaram

que no sexo feminino a ansiedade era mais intensa e por outro lado levaram em consideração que a soma dos perceptos de cor era em média 2,9 e as respostas claro-escuro, 6,3 concluindo que a amostra manifesta tendências depressivas.

Em suas conclusões apresentam o questionamento: a instabilidade afetivo-emocional e o índice de ansiedade encontrado poderiam ser causas atuantes do desencadeamento das crises ou foram as crises de pânico que determinaram as alterações? Mesmo considerando qualquer uma das hipóteses, observaram que o perfil de personalidade encontrado no psicograma pode ser considerado “normal”.

Passalacqua, Echenique, Herrera e Orcoyen (1996) na Argentina realizaram uma pesquisa com um grupo de suicidas em potencial, que estavam acompanhando desde 1988. Utilizaram o Rorschach como instrumento para detectar e prevenir as tendências suicidas e que pode permitir a realização de intervenção terapêutica que evite o suicídio. Consideraram que um ato suicida é como um ato com motivações inconscientes, que podem ser identificadas com bastante sensibilidade pelo Rorschach. O suicídio pode ser equiparado a um homicídio com intenso sentimento de culpa persecutória, traduzido pela impossibilidade de internalizar projetivamente sua ansiedade originada nos vínculos interpessoais. As autoras concluíram que o suicídio pode ser percebido como *‘a eminiscência do crime’* e produz junto ao incremento da projeção e ao mesmo tempo de sua inibição, a transformação dessa ansiedade persecutória e confusional, estando presente no desencadeamento da auto-agressão.

Foram sujeitos 10 pacientes com tendências autodestrutivas (suicidas) e 20 pacientes com inclinações suicidas, de ambos os sexos. Os resultados obtidos foram os seguintes: número de respostas reduzido em 75% dos casos; aumento das respostas de W (G) em 80% e redução de D (P); presença de mecanismos de

inibição e depressão; 80% dos casos não apresentaram respostas de FK, evidenciando porcentagem menor; 60% de respostas de FM e a presença de várias respostas de alguns outros determinantes como: C, K, m e C' e respostas de figura e fundo ou choque ao branco, presença de C puro e índice da realidade baixo. Observaram também que o grupo com tendências autodestrutivas são introvertidos e o grupo com inclinações suicidas são extratensivos.

Souza (1995), em pesquisa com objetivo de compreender o funcionamento psíquico relativo aos aspectos afetivo-relacionais, sócio-culturais, orgânicos e de produtividade, utilizou o Psicodiagnóstico de Rorschach e entrevista baseada na E.D.A.O. (Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada), em 34 sujeitos do sexo masculino, dependentes de maconha e/ou cocaína há mais de um ano, com idades entre 17 e 36 anos. Verificou que em relação aos aspectos afetivo-relacionais, os sujeitos apresentaram a proporção $FC < CF + C$, indicando que a impulsividade e a labilidade emocional prevalecem sobre a capacidade de contato e de adaptação; observou maior número de FE ($FE > EF + E$), destacando que os sujeitos demonstraram a existência de um certo nível de ansiedade, buscando uma adaptação tímida e cautelosa. Os sujeitos também apresentaram entre os determinantes cinestésicos, um número superior de K menores, o que indica um nível mais primitivo de organização da personalidade, ou seja, o Kp é expressivo de inibição, o Kob da explosividade pulsional e os Kan o reflexo de atitudes mais infantis e lúdicas.

Esta amostra de drogadictos apresentou $H\% = 15\%$, que está dentro da média. Entretanto a pesquisadora destacou que era mais importante verificar a proporção H:Hd, que neste grupo teve a proporção de 1,55:1,47, quando o esperado é de 2:1, desta forma, verificou que a capacidade de contato humano estava prejudicada.

Considerou os seguintes fatores de socialização: (A+Ad); nº Ban; H; (H); Hd; (Hd), FC; FE e D. Observou que os protocolos apresentaram maior incidência de respostas banais, o que indica que os sujeitos revelaram boa concordância com o pensamento socialmente aceito. Ressalta, entretanto, que outros fatores mostraram que esta adaptação era apenas formal, intelectual e desprovida de integração com a afetividade, uma vez que o número de FC é muito baixo, bem como a proporção $H > (Hd) + Hd + (Hd)$. A baixa proporção de H revela falta de interesse e preocupação genuína com as relações humanas, enquanto o Fe baixo indica falta de espontaneidade e integração adequada dos afetos.

Encontrou D% abaixo da média, o que revela dificuldades de adaptação aos aspectos práticos. Concluiu que, em relação ao processo de socialização, a adaptação intelectual é mantida com certo esforço, pois carece de espontaneidade e integração afetiva, e que as regras sociais não são devidamente assimiladas de modo harmonioso.

Souza (1995) ressalta, ainda, outros dados no Rorschach, a serem considerados em conjunto com os dados de transgressão social manifesto nas entrevistas. São os dados da manutenção do sentido da realidade (F+%) e da concordância com o pensamento coletivo (nº Ban). Ainda que mostrem adaptação intelectual satisfatória, a capacidade crítica, juntamente com o desenvolvimento afetivo é marcada pela fixação e regressão a posições primitivas, em que prevalece o ódio e a destrutividade. Esta combinação leva à realização de crimes hediondos, planejados com frieza e cuidado, sem que as pessoas próximas suspeitem do autor por algum tempo.

Eldstein e Carames (1985) também utilizaram a técnica de Rorschach para compreender a problemática do dependente de drogas. Foram 42 sujeitos, sendo

38 do sexo masculino e quatro do feminino, com idade variando entre 11 e 27 anos. Estes autores obtiveram os seguintes resultados: número de respostas abaixo da média esperada; reduzido número de respostas de movimento humano; com C puro aumentadas, fundamentalmente com conteúdo de sangue e outras cores cromáticas sem a percepção da forma; ausência de respostas sexuais; ausência de figuras parentais; personalidade pré-mórbida; objetos destruídos, partidos. Consideraram que não encontraram uma personalidade básica definida, mas identificaram nestes sujeitos neuroses graves e psicoses agudas.

Bell (1992), empregando o Método de Rorschach para investigar a dinâmica de personalidade de indivíduos que apresentavam transtorno de personalidade, verificou que os dados do Rorschach indicativos de psicopatias se caracterizam por: superficialidade, indicada por pobreza de respostas de movimento; fuga, demonstrada pelo afastamento de seus conteúdos por meio de respostas banais; explosividade, observada pelos tipos de conteúdos; respostas inacabadas e verbalizadas rapidamente; egocentrismo, revelado por auto-referência.

Vaz (1997) relatou as características observadas no Rorschach de indivíduos que apresentavam transtornos de personalidade anti-social que são: controle do ambiente, com F% dentro da média; labilidade afetiva, com a presença de cor forçada e cor arbitrária; busca ou necessidade de contato, apresentando $CF+C>FC$ e necessidade de controlar a situação do exame por meio da presença de linguagem vaga e envolvente.

Pellini, Rosa, Assumpção e Sousa (2005) realizaram estudo de caso de um adolescente infrator com 16 anos do sexo masculino, que praticou tráfico de drogas. No momento da avaliação estava recluso na Delegacia da Infância e Juventude à espera da aplicação de medida socioeducativa. Era originário de uma

família de quatro irmãos (sendo ele o segundo, com um irmão gêmeo), cujos pais se separaram. Relatou ter levado surras por parte do pai, o qual sofria de epilepsia. Tinha histórico de passagem pela Febem e abandonou a escola na 5ª série do Ensino Fundamental. Negou apresentar problemas de saúde.

As autoras utilizaram o Método de Rorschach e constataram que o sujeito revelou recursos intelectuais adequados, ainda que atualmente comprometidos pela busca de satisfação de necessidades afetivas egocêntricas ($FC < CF + C$). Sua necessidade de domínio e a ambição em impor sua vontade aos demais, interferiam no desenvolvimento da auto-afirmação produtiva e estável nas

relações interpessoais ($G \uparrow : M \downarrow ; M < m + m'$). Apresentou rigidez como mecanismo de defesa, entretanto, ineficaz, traduzindo falta de flexibilidade no julgamento, com dificuldade de integrar em seu psiquismo a noção de normas e regras sociais ($V\%$ abaixo da média). Revelou hipersensibilidade diante de situações de ordem afetiva, principalmente aos estímulos que o tocam no nível mais básico da personalidade, tornando-se impulsivo (CF acima do esperado). Demonstrou imaturidade afetivo-emocional, reagindo de modo instável, ora demonstrando condescendência aos sentimentos dos outros, ora de modo extremamente egocêntrico, com irritabilidade, hostilidade e explosividade em relação ao meio. As relações interpessoais se apresentaram insatisfatórias. Mostrou-se ansioso e culpa os outros pelas suas dificuldades (H visto em figuras ameaçadoras, monstros). Revelou perceber, em nível inconsciente, uma violência contida, não apresentando nítido controle sobre ela.

Souza, Soldatelli e Lopes (1999) investigaram o funcionamento intelectual de meninos agressivos, comparando sua produção no Rorschach com a avaliação dos educadores sobre o desempenho escolar dos mesmos. Atenderam 20

crianças do sexo masculino, de 9 a 11 anos de idade, em escolas públicas, em situação de psicodiagnóstico. Foi observado um paralelo entre o desempenho apontado como satisfatório nas entrevistas dos educadores com um fator do Rorschach (F^+), ao se considerar diversos fatores decorrentes da abordagem intelectual como nível de elaboração de G , $G\%$, $Dd\%$, $F\%$, $F+\%$, nº de k maiores e k menores, nº de Ban , $A\%$ evidenciando-se, em geral neste grupo, um bom potencial intelectual. Concluíram que estes meninos agressivos manifestaram dificuldades afetivas sob forma de intensa angústia, da qual procuram fugir através do "recurso à fantasia" e de outras defesas.

Rossetto, Skawinski, Coelho Pinto, Rossetto Júnior e Bolla (2000) avaliaram 80 estudantes do terceiro e quarto anos de um Curso de Medicina da Cidade de São Paulo, utilizando o Rorschach, segundo Silveira (1985), em uma Clínica Psicológica com o objetivo de estudar suas características psicológicas. Os dados obtidos neste grupo indicaram conflitos nas relações interpessoais ($\%H$), contato tenso ($\%A\uparrow$), ansiedade, irritabilidade com reações afetivas egocêntricas e impulsivas ($IMP\uparrow$, $CF > FC$). Demonstraram instabilidade da atenção, percepção subjetiva ($\%F^+\downarrow$) e julgamento parcial dos fatos.

Bellodi (1999) realizou estudo para caracterizar e comparar os traços de personalidade de residentes em Medicina das especialidades Clínica e Cirúrgica com os estereótipos associados a cada área, utilizando entrevistas e o Psicodiagnóstico de Rorschach. Os resultados mostraram que os clínicos tendem a escolher a especialidade progressivamente ao longo do curso, justificando a decisão pelo contato e visão global do paciente e por gostarem de atividades intelectuais. As características de personalidade observadas confirmaram os estereótipos de que eles são mais tranquilos, imaginativos, detalhistas (Dd) e oposicionistas (Dbl), interessados no contato interpessoal ($H\%\uparrow$) e menos

agressivos. Os cirurgiões, por sua vez, tendem a escolher mais cedo a especialidade, justificando a escolha por gostarem de uma intervenção prática com resultados imediatos e atividades manuais. Suas características de personalidade avaliadas pelo Rorschach confirmaram os estereótipos de que são mais rápidos, impulsivos ($A\% \uparrow$), extrovertidos (T.R.I. do tipo extrovertido), racionais, ambiciosos e agressivos, menos interessados no contato interpessoal ($H\% \downarrow$). Quanto ao sexo, constatou-se serem os homens e mulheres da mesma especialidade bastante semelhantes e que o sexo masculino foi o responsável pela maior parte das diferenças encontradas entre as especialidades. Os resultados obtidos, no geral, confirmaram dados obtidos de diferentes países do mundo, mostrando haver uma especificidade na escolha profissional de ser clínico ou cirurgião, pouco influenciada por questões sociais ou educacionais.

Rossetto e Luigi (2000) avaliaram a personalidade de um caso de necrofilia de um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, que se encontrava em processo de reintegração social. Utilizaram o Rorschach, segundo Silveira (1985), o teste projetivo HTP e o teste das Pirâmides Coloridas de Pfister de acordo com a metodologia proposta por Schaie e Heiss (1964). Os resultados sugeriram reações afetivas imaturas, egocêntricas e agressivas com comportamento compulsivo e persecutório. Evidenciaram-se traços psicóticos com possível influência de organicidade.

Donadi (2000) relatou alguns aspectos evolutivos e psicopatológicos relacionados à resposta de forma no Rorschach. Descreveu a percepção da forma como fator importante no processo evolutivo intelectual, ligado à aquisição do pensamento verbal, à capacidade de abstração e racionalização. Destacou que prejuízos na percepção da forma podem estar ligados a perturbações da personalidade e distúrbios no processo da identidade.

Schwarz (1999) estudou as manifestações do arquétipo paterno, através do Rorschach-Temático, utilizando o referencial teórico junguiano. A história elaborada em estudo de caso por um indivíduo adulto do sexo masculino, a partir das respostas dadas para a prancha IV, foi analisada pelo Método de Amplificação de Jung. Constatou que a prancha IV mobilizou o arquétipo paterno e que o Rorschach-Temático favoreceu a ampliação e a riqueza de informações sobre a estrutura e a dinâmica da personalidade e evidenciou a existência de uma relação negativa com o mundo patriarcal e de uma condição de aprisionamento e de indiferenciação em relação ao poder matriarcal.

Castro (2001), em estudo sobre a prática do trabalho de perito psicólogo e a especificidade do psicodiagnóstico nesta prática, realizou três estudos de caso utilizando o referencial teórico psicanalítico para a análise dos casos, bem como o Rorschach, de acordo com Chabert, e o T.A.T., segundo Shentoub. Obteve como resultado indicações de que os distúrbios próprios à paternidade são tão importantes quanto os distúrbios entre os membros do ex-casal na disputa de guarda e regulamentação de visitas.

Romaro e Loureiro (1997) utilizaram a técnica de Rorschach para a compreensão do Distúrbio de Personalidade Borderline, em seus aspectos dinâmicos e formas de expressão dos sinais e sintomas. Objetivaram comparar os dados obtidos por meio dos índices detectados através do Rorschach em dois momentos de avaliação com intervalo de cinco anos, de cinco pacientes psiquiátricos adultos, diagnosticados como Borderline, destacando os índices apontados pela literatura como característicos dos Quadros Borderline. Os resultados apontaram para uma estrutura estável de personalidade, marcada por perturbações nas relações objetais, utilização de mecanismos defensivos

primitivos, com falhas no processo de organização lógica de estruturação e representação das experiências psíquicas.

Nascimento (1998) realizou um estudo da personalidade de 15 pacientes bipolares, durante o período livre de sintomas, utilizando o Rorschach. Como parte deste estudo realizou uma análise de conteúdos, baseando-se no referencial teórico da psicanálise. Estudou as relações de objeto a partir das respostas H, levando-se em consideração a diferenciação das figuras [tipos de figuras humanas, ou seja, H, (H), Hd e (Hd)] e sua adequação (qualidade formal destas respostas). A análise mostrou uma dificuldade que os bipolares apresentaram em suas relações de objeto, o que indicou uma pobre integração emocional e uma organização precária e superficial da personalidade.

Guelli, Jacquemin e Santos (1996) analisaram os conteúdos dos protocolos do Rorschach de pacientes bipolares, utilizando o "Crivo de Representação de Si", a fim de avaliar a qualidade da representação de si e as modalidades de relação de objeto no grupo estudado. Investigaram uma amostra de 11 sujeitos com diagnóstico de transtorno afetivo bipolar, sendo 3 do sexo masculino e 8 do feminino, com idades variando entre 22 e 67 anos e nível intelectual entre Médio e Médio inferior. Analisaram os conteúdos, segundo as dimensões de integridade, vitalidade e caráter realista, os tipos de ação, a diferenciação de gênero e os

elementos qualitativos particulares, eventualmente introduzidos nas respostas. A análise pluridimensional dos conteúdos evidenciou, no grupo estudado, indicadores de uma representação de si comprometida do ponto de vista da integridade e vitalidade, de uma fragilidade na estrutura da identidade pessoal e de modalidades relacionais pouco satisfatórias, sendo marcante a agressividade nas relações interpessoais.

Fadden e Ribeiro (1998) investigaram os dinamismos psicológicos possivelmente envolvidos na etiologia da hipertensão arterial essencial, por meio da prova de Rorschach. A amostra foi constituída por 20 pacientes, de ambos os sexos, na faixa etária dos 27 aos 55 anos, com hipertensão arterial essencial como doença básica, sem patologia secundária. O grupo padrão de referência constituiu-se de 100 pacientes, não hipertensos. A amostra foi comparada com o grupo do estudo normativo apresentado por Silveira (1964). A investigação das condições psíquicas foi feita por meio da entrevista psicológica e do Método de Rorschach. Os resultados revelaram que, nas diferentes esferas da personalidade, predominaram os dinamismos mais imaturos e subjetivos, sobre as reações mais maduras e atuais, levando os pacientes à retração emocional, como defesa contra a inadequação afetiva. Concluíram que o bloqueio da expressão afetivo-emocional, assim como a presença de ansiedade subjacente, pode atuar sobre o sistema nervoso autônomo, favorecendo crises hipertensivas transitórias que, ao longo do tempo, podem transformar-se em crises permanentes.

Pereira, Gonçalves, Socorro, Lucas e Medeiros (2004) realizaram análise quantitativa do alcoolista por meio do teste de Rorschach, considerando o alcoolismo como uma enfermidade crônica e habitualmente progressiva, produzida pela ingestão excessiva de álcool etílico, em forma de bebidas alcoólicas ou como constituintes de outras substâncias. O trabalho teve como objetivo descrever algumas características psicológicas do alcoolista, tomando por base os indicadores do Rorschach. Estudaram quatro protocolos de pacientes com diagnóstico de alcoolista com idades compreendidas entre 30 e 50 anos, procedentes de atendimentos clínicos particulares. Os dados obtidos na análise foram os seguintes:

1) Quanto à distribuição dos indicadores em função da produtividade e dos tempos, encontraram para o R (respostas) como para T.t. (tempo total) e o T/R (tempo por respostas), valores acima do esperado, significando boa produtividade mental aliadas a lentidão na realização da tarefa, bem como na associação de respostas. Já o T.m.r. (tempo médio de reação) mostrou-se abaixo da média, apontando para uma rapidez em iniciar o processo de elaboração perceptiva.

2) Quanto à distribuição dos indicadores em função dos modos de apreensão, observaram que G% estava acima da média, sendo indicativo de um enfoque mental mais voltado para a apreensão da realidade global. O D% e o Dd% encontravam-se em torno da média esperada, significando ajustamento à realidade imediata e apego aos aspectos minuciosos das situações.

3) Em relação à distribuição dos indicadores em função dos determinantes, verificaram percentual de F% superior à média esperada, já o F+% apresentou-se abaixo da média, estes dados mostraram uma baixa capacidade de crítica e de concentração, porém com esforço para utilizar os recursos intelectivos, a fim de controlar os impulsos e emoções. Para os outros determinantes em ordem decrescente, obtiveram os seguintes resultados: FE, seguidos de Kob e K, Kan, em seguida FC e E, e para finalizar Kp, CF e C'. Esses elementos revelam um desejo excessivo na área das necessidades afetivas, uma superdependência de afeto, presença de conflitos internos, imaturidade, que entretanto indicam as possibilidades identificatórias e indicadores de controle pulsional e/ou tentativa destes com sinais depressivos.

4) Quanto à distribuição dos indicadores em função dos conteúdos e frequências, apresentaram um percentual de A% abaixo do esperado, sinalizando dissociação do curso do pensamento, enquanto o H% encontrou-se de acordo com a média, revelando a presença de interesse pelo humano. Os demais conteúdos, segundo sua ordem de maior incidência, foram os seguintes: Obj. Anat, seguidos de Geo, Nat e por fim os de Simb, Frag, PI e Abst. Esses conteúdos sugeriram, respectivamente, medo de castração, repressão da agressividade, sentimento de inferioridade, insegurança, timidez, defesa ou evasão contra a ansiedade, angústia, isolamento, separação e perda, narcisismo, submissão à autoridade e às regras sociais, indecisão, restrição geral nas áreas de participação social, imaturidade afetiva, dependência, passividade, nível de humor variando do bem-estar à hipomania. O percentual de Ban% apresentou-se abaixo do esperado, o que revela escassa participação no pensamento coletivo, com dificuldade de adaptar-se ao grupo de pares; quanto às Orig. revelaram uma imersão no mundo da fantasia, uma falta de senso comum.

5) Em relação à distribuição dos indicadores em função das fórmulas do psicograma, apresentaram um $G : K$ (aspiração e realização – K corresponde a M no sistema Silveira) com predomínio de G, demonstrando, respectivamente, um nível de aspiração bem acima do esperado e um potencial de realização em torno da média. No $K : C$ (tipo vivencial) obtiveram o tipo introversivo, direcionando a energia para o mundo das idéias. O RC% (porcentagem das três últimas lâminas) apresentou-se em torno da média, apontando para uma abertura aos estímulos externos, o que vem contrapor-se ao seu tipo vivencial. O $K : (Kan + Kob + Kp + Ka)$ (controle interno) revelou um predomínio de $Kan + Kob + Kp + Ka$, ou seja, apresentaram dificuldades em controlar as pulsões. FC : CF + C (controle afetivo) no geral mostrou uma ausência da representação da cor, ou seja, uma repressão ou bloqueio da afetividade. No FE : E + EF (controle da ansiedade) houve o

predomínio de E + EF, significando que exerce um controle sobre a ansiedade. Por último, o (H + A) : (Hd + Ad) (comportamento adaptativo) apresentou um predomínio de H + A, o que significa sinais evidentes de espontaneidade.

Pereira et al. (2004) concluíram que estes pacientes por meio do Rorschach apresentaram as seguintes características: produtividade mental adequada, lentidão na realização da tarefa e na associação de respostas, porém rapidez em iniciar o processo elaborativo; apreensão da realidade de forma global; capacidade lógica e elevada, mas precária; predominância de FE, seguidos de Kob, K, e Kan, reveladores de desejo excessivo na área das necessidades afetivas, conflitos internos, possibilidades identificatórias e imaturidade/infantilidade; A% baixo e H% mediano, indicativos de dissociação do pensamento e interesse pelo humano. Outros conteúdos predominantes: Obj, Anat, Geo e Nat, que sugerem, respectivamente, medo de castração, repressão da agressividade, sentimento de inferioridade, insegurança, defesa ou evasão contra a ansiedade, angústia; Ban% inferior, revelando escassa participação no pensamento coletivo; nível de aspiração elevado com potencial adequado; T.R.I. introversivo mas com abertura ao externo; controle interno, dificuldade de controlar as pulsões; controle afetivo, bloqueio de afetividade; controle da ansiedade adequado; nível de adaptação acrítico.

Pode-se observar, a partir desta pesquisa que estes estudiosos, ao destacarem que o consumo excessivo do álcool e a dependência física e mental, ao desenvolverem certas reações orgânicas (“delirium tremens”, náuseas) e psíquica, no sentido do indivíduo perceber-se incapaz de viver sem a bebida alcoólica, bem como a presença de sintomas depressivos são aspectos que contra indicariam o porte de arma de fogo.

A técnica de Rorschach pelo Sistema Compreensivo possui um índice de depressão, DEPI, composto por 14 variáveis condizentes com sintomas de um quadro depressivo. O ponto de corte é cinco, valores entre seis e sete pontos refletem um problema afetivo mais significativo (Exner, 1995,1999). Em 2001

Exner encontrou 5% de uma amostra de 600 não pacientes americanos, com índice DEPI com valor cinco. Em 2002, com uma amostra de 175 sujeitos não pacientes, foram encontrados 17% de casos com o mesmo índice (Exner, 2002).

No Brasil, estudos normativos de Nascimento e Güntert (2001, 2002) concluíram uma pesquisa com 200 não pacientes habitantes de São Paulo, verificando que 23,5% da amostra apresentou o índice DEPI positivo. As variáveis encontradas foram: COP < 2 (85%); EGO > 0,44 (72%); Σ Sh > FM + m (61%); Col-Shd Mistos > 0 (57%); e Afr < 0,46 (53%). Essas autoras concluíram que os dados evidenciaram dificuldades de relacionamento interpessoal, sentimentos ambivalentes e humor disfórico, auto-imagem depreciativa com baixa auto-estima, introspecção negativa e baixa reatividade emocional para sujeitos com DEPI positivo. Com base nesta pesquisa observa-se que casos de depressão são contra indicativos para a concessão do porte de armas.

Vagostello e Nascimento (2002) realizaram uma revisão segundo o Sistema Compreensivo de Exner, dos índices do Método de Rorschach sugeridos por Pellini (2000a) para a concessão do porte de arma de fogo. As autoras consideraram as características psicológicas estabelecidas pela legislação para registro e porte de arma de fogo: índice de impulsividade (IMP); adaptação à realidade (RMI); índice de conação (Con), relacionado à disposição para a ação; respostas de movimento (RM) e respostas de cor (RC). Destacaram no Sistema Compreensivo os índices que seriam considerados mais importantes, referindo-se

aos módulos de mediação cognitiva, processamento da informação, capacidade de controle e tolerância ao estresse, ideação, afetos e relacionamento interpessoal. Obtiveram os seguintes índices: a percepção adequada dos eventos e das pessoas (XA %, M⁻), a aceitação de normas sociais (Xu e P), a maneira pela qual o indivíduo habitualmente focaliza sua atenção (LAMBDA), a tolerância ao estresse e capacidade de controle frente a situações estressantes (D e AdjD), os recursos disponíveis para responder às demandas das situações (EA : es), o uso do pensamento (ou da atividade ideacional deliberada) para planejar cursos de ação deliberados, ou seja, demonstrar capacidade de enfrentar as situações de desafio diretamente e pensar intencionalmente quanto à melhor forma de enfrentá-las, não ficando à mercê das circunstâncias e da reflexão (M), a capacidade de utilizar a ideação de modo realista e voltado para a ação (Ma:Mp), capacidade de envolvimento em situações afetivas (Afr), impulsividade (FC:CF+C) e o nível de agressividade (AG:COP, S e S⁻).

Além desses índices, Vagostello e Nascimento (2002) verificaram que a presença de constelações que se referem a quadros patológicos, obtidos pelos índices de suicídio (S-CON), de hipervigilância (HVI), de percepção-pensamento (PTI) e de traços de psicopatia são certamente, contra-indicados para o porte de arma de fogo.

Vagostello, Silva e Nascimento (2004) apresentaram um estudo preliminar com 13 profissionais de segurança pública que portavam arma de fogo e trabalhavam no município de São Paulo. Destes 13 profissionais, onze eram do sexo masculino e dois do feminino, com idade entre 25 e 40 anos. O tempo de experiência profissional na função era de pelo menos 5 anos. A escolaridade variou de ensino médio à superior completo. As autoras partiram do princípio de

que os profissionais que portavam arma de fogo deveriam apresentar as seguintes características: controle emocional adequado ($FC > CF + C$); hostilidades e tendências oposicionistas moderadas (S); percepção adequada da realidade (WDA%); percepções positivas dos relacionamentos interpessoais ($GHR > PHR$ e $H > (H) + (Hd) + Hd$) e recursos internos (EA) que possibilitassem lidar com estressores externos e com tensões internas (es).

Compararam os resultados obtidos pelo grupo em cada variável (média, desvio padrão, moda, moda mediana, valor mínimo e valor máximo) com os resultados de um estudo normativo realizado para a população da cidade de São Paulo (Vilemor-Amaral, Pacheco e Silva Neto e Nascimento, 2004). Verificaram ao contrário do esperado que: os sujeitos apresentavam $FC < CF + C$ em elevada proporção (3:10), o que revelou uma tendência para ações impulsivas. Constataram que os valores de FC do grupo estavam compatíveis com os da população “normal”, porém os valores de CF e de cor pura (C) estavam significativamente acima. O número de resposta em branco (S) também estava acima do esperado. A adequação perceptiva do grupo (WDA%) estava discretamente abaixo da média, entretanto ressaltaram que esta diferença se apresentou em decorrência de dois casos em particular, em que a média do WDA% se mostrou em 0,46, sendo que o esperado era de 0,78. Realizaram novo cálculo, sem estes dois casos e obtiveram a média do grupo praticamente igual ao da população (0,77).

Observaram também que os profissionais apresentaram maiores níveis de estresse (es), entretanto, em contrapartida, apresentaram mais recursos de manejá-los. Quanto às representações humanas dos profissionais, as mesmas contrariaram as hipóteses preliminares, pois as figuras parciais e pára-humanas predominaram sobre as internas ($H < (H) + (Hd) + Hd$) e as representações

humanas pobres superaram as boas representações (PHR > GHR). Encontraram também um elevado número de sujeitos (seis) com o índice de depressão (DEPI) positivo chamando a atenção, em função de representar 46% da amostra. Destacaram que esta proporção estava significativamente acima da média da população de São Paulo, cujo percentual é de 24%. O número de respostas de raio-X e anatomia foi mais elevado do que o da população “normal”.

Embora Vagostello, Silva e Nascimento (2004) destaquem que este foi um estudo preliminar, realizado com uma amostra limitada, enfatizaram que os resultados merecem atenção e reflexão na medida em que esses sujeitos utilizavam arma de fogo no exercício de suas funções profissionais. Consideraram alarmante o número de sujeitos com vivências depressivas, como também o número elevado de repostas de anatomia e raio-X, podendo indicar preocupação com a própria integridade física, sendo que, constantemente esta integridade é colocada em risco durante a atividade profissional.

6. INDICADORES PARA O PORTE DE ARMA

Pelas pesquisas apresentadas, observa-se que os indicadores que mais se relacionaram com a questão de violência, da agressividade e de características de personalidade que podem ser contra-indicativas para o porte de arma de fogo foram: Impulsividade (IMP), Adaptação à Realidade (RMI), Respostas de Movimento (RM), Respostas de Cor (RC) e Índices Conativos Con), no sistema de avaliação proposto por Silveira (1985). Esses índices foram assim selecionados em pesquisa anterior (Pellini, 1999) para investigação enquanto indicadores de maturidade emocional para a concessão do porte de arma de fogo, que podem trazer informações indispensáveis à **contra-indicação** para o fornecimento do porte de arma. Os índices relativos ao RMI e a Conação também serão analisados em relação às pranchas monocromáticas e coloridas. A seguir são apresentados esses índices do Método de Rorschach:

Índice de Impulsividade e controle do comportamento impulsivo

O Índice de Impulsividade está relacionado à questão do controle da agressividade e da impulsividade. Entende-se por impulsividade a alta pressão dos impulsos primários que não são necessariamente expressos ao nível do comportamento explícito (o que está em jogo não é a impulsividade, mas o comportamento impulsivo). A impulsividade traduz a sensibilidade aos estímulos afetivos mais básicos, mais primários, primitivos, pouco elaborados, que, no entanto, são necessários porque estimulam as funções da individualidade e os instintos básicos da manutenção da vida, de aprovação, etc. (Silveira, 1985).

Rorschach (1921/1967, p. 105) definiu a impulsividade como:

“descargas de afeto acompanhadas de exteriorizações motoras imediatas, estabelecendo assim uma correlação da afetividade com a motilidade. Os impulsos representariam então o mais alto grau de labilidade afetiva, que só poderia ser contido através dos dinamismos implícitos nas respostas de movimento humano (M) e respostas de forma e cor (FC)”.

Rorschach, ao diferenciar o choque cromático do choque ao vermelho, assinala ainda a diferença entre as pranchas II e III e as pranchas VIII, IX e X, sendo que para ele as primeiras subentendem um estímulo mais biológico que social e permitem a manifestação da ação psicológica individual, enquanto as outras (VIII, IX e X) estimulam os sentimentos sociais.

Mucchielli (apud Coelho, 1980) salienta o contraste entre o negro intenso, o espaço vazio e o vermelho vivo da prancha II, observando ainda a sobreposição das manchas vermelhas e monocromáticas e indica que estes estímulos sugerem que a integridade e a racionalização do examinando ficam ameaçadas pela evocação dos impulsos afetivos arcaicos, temores primários ao vazio, à escuridão, ao sangue, à morte.

Loosli-Usteri (apud Coelho, 1980) acentua a agressão simbolizada na prancha II como um indício de estupor relativo à própria agressividade do examinando. Segundo Coelho (1980, p. 152):

“a prancha II evoca ou provoca sensações afetivas violentas e sentimentos de ameaça à harmonia psicológica do examinando. Ela representa um modelo situacional caracterizado pela presença de ameaça à integridade do eu, permitindo averiguar o grau de maturidade afetiva e do autodomínio do examinando em relação a estímulos primários”.

A prancha II apresenta áreas escuras e vermelhas, entretanto as partes vermelhas são mais nítidas e encontram-se isoladas das partes monocromáticas. O branco se apresenta no fundo da prancha. Esta prancha estimula respostas freqüentes de seres humanos, na área monocromática.

Klopper (apud Coelho, 1980) descreve vários tipos de fuga ao estímulo colorido. Para ele, as pranchas II e III são evitadas, porque o sujeito reluta em se envolver direta e afetivamente nas situações. Portanto, elas estimulam as funções mais primitivas (impulsos e instintos), apresentando um estímulo mais biológico do que social. Segundo Coelho (1980, p. 153):

“o caráter social dos sentimentos, das emoções e dos valores, evocados pelas cores menos intensas e mais matizadas das três últimas pranchas, assume essencialmente este aspecto na prancha VIII”.

A prancha IX representa situações em que o examinando deverá adaptar os sentimentos mais íntimos ao contato social, ou seja, aproximar-se dos impulsos da individualidade, porque esta prancha apresenta falta de nitidez em seus limites internos e pela mistura das cores. O próprio criador do método, Rorschach, já havia chamado a atenção para maior dificuldade geralmente encontrada na interpretação desta prancha cromática.

Tomchinsky (1966) destaca também o grau de desorganização do trabalho mental nas reações a esta prancha, como a freqüente inadequação ou inibição na capacidade de análise dos dados objetivos (deturpação ou ausência de respostas de determinante forma), com acentuado grau de subjetivismo (predominância de resposta de determinante não formal).

Diante desta exposição, é importante salientar que, embora diversos autores, inclusive o próprio Rorschach, tenham assimilado a natureza diversa dos estímulos coloridos apresentados nas pranchas II, III, VIII, IX e X, foi Aníbal Silveira, em seu trabalho “Impulsividade e modos de dominá-la” (1970) quem propôs o índice impulsividade (IMP). Para Silveira (1970), as respostas às pranchas II e III podem derivar de reações afetivas mais primitivas, as quais se superam com a maturação psicológica, ao passo que as provocadas pelas pranchas VIII, IX e X se ligam a tendências socialmente mais aceitas. Ao comparar os níveis de reatividade aos estímulos afetivos das pranchas II e III com os das pranchas VIII, IX e X, Silveira propôs um índice de impulsividade que chamou de IMP. O raciocínio para este índice é o mesmo para Af. Se as respostas obedecerem a impulsos primitivos e pouco elaborados ou a sentimentos mais aceitáveis socialmente, isso levará a um nível mais elevado ou mais baixo do índice IMP. Portanto o índice proposto para avaliar a impulsividade consiste na seguinte relação:

$$\text{Imp} = \frac{R (\text{II} + \text{III})}{R (\text{VIII} + \text{IX} + \text{X})}$$

Sendo R o número de respostas às pranchas indicadas pelos algarismos romanos. O valor médio desse índice obtido por Silveira em uma população de adultos normais foi de 0,57 com desvio padrão de 0,24 (portanto: 0,33 a 0,71). Para Silveira (1985, p. 219):

“o estímulo das manchas vermelhas provoca freqüentemente reações em indivíduos impulsivos, seja no sentido de utilizar os fatores C e CF, seja aumentando a produção de associações, seja ainda como fenômeno de choque afetivo”.

Coelho (1972) realizou uma pesquisa em que investigou 50 protocolos de Rorschach, selecionados da seguinte forma: 10 examinandos ajustados emocionalmente ao ambiente, 10 alcoolistas, 10 psicóticos, 10 delinquentes e 10 epiléticos. Tais indivíduos apresentavam em comum apenas comportamento impulsivo manifesto, segundo a sua história de vida. Os resultados indicaram desvios significativos para o grupo como um todo, independentemente dos distúrbios psíquicos de cada subgrupo. Em relação ao índice de impulsividade, o valor médio obtido foi o de 0,61, sendo que apenas em três casos este índice se encontrava dentro da faixa normal. Dentre vários fatores investigados nesta pesquisa, o índice IMP foi o que revelou ser mais preciso e estável.

Quando o índice impulsividade está na média, indica que as disposições afetivas do examinando obedecem a impulsos mais aceitáveis socialmente. Assim, se este índice estiver fora da faixa de normalidade, outros indicadores do Rorschach deverão ser verificados para analisar os recursos do examinando para lidar com sua impulsividade.

O índice de Impulsividade (IMP) é sensível para a avaliação do comportamento impulsivo, mas não exclusivo. Quando esse índice está em desvio, ou seja, acima ou abaixo da média, constitui uma condição necessária para o comportamento impulsivo, mas para que se torne suficiente será necessária também ausência de recursos de controle, que podem ser apresentados através de três grupos de fatores:

- 1) Desvio do índice conação (Con) tanto no sentido de elevação exagerada quando de rebaixamento. Segundo Silveira (1985), nos casos de elevação da conação, encontrados em pacientes com neurose obsessiva e com deficiência de iniciativa, ocorre a dependência excessiva das condições do ambiente. Os casos

de rebaixamento encontrados em pacientes com neurose compulsiva e carência de autodomínio indicam dependência excessiva dos impulsos primários.

De acordo com Silveira (1985, p. 193) "*o desvio acentuado corrobora quanto à direção e ao nível o distúrbio da psicodinâmica suspeitado pelo conhecimento clínico*".

2) Presença de F^+ demasiadamente baixo, que significaria insuficiência de controle motor, ou F^+ igual a 100%, indicando rigidez excessiva.

3) Desvios no nível de observação, avaliados pela reação imediata aos dados concretos do ambiente - $P \uparrow$ (resposta de pormenor primário elevado), com qualidade negativa, ou $G \uparrow$ (resposta global elevada), com qualidade negativa do tipo imediata (G_i), que indica incapacidade de reflexão detida nos pormenores e de visão mais ampla e abstrata do contexto da situação (G_c).

A avaliação desses aspectos deve ser considerada para a concessão do porte de arma de fogo.

Adaptação à realidade externa - R.M.I.

A adaptação à realidade refere-se à conformidade, ao comportamento social e à resistência à frustração. Silveira (apud Coelho, 1980), baseando-se nos dinamismos psicológicos envolvidos no processo de adaptação à realidade e nos fatores do psicodiagnóstico, que representam basicamente tais dinamismos, construiu um índice capaz de aferir o modo como o indivíduo se adapta às injunções da realidade externa. Ele denominou esse índice de *relação com a média intelectual* (RMI), uma vez que considerou a maneira pela qual o indivíduo

se integra intelectualmente na realidade externa. O RMI envolve o processo de adaptação à realidade e é composto por três fatores que correspondem às funções relativas aos três setores da personalidade, necessariamente presentes em toda ligação cognitiva com o ambiente: afetivo, conativo e intelectual. O RMI é obtido pela fórmula:

$$\text{RMI} = \frac{\% F^+ + \% A + \% V}{3}$$

em que F^+ são as respostas de forma bem vistas, A , as respostas de conteúdo animal e V , as respostas vulgares. Para melhor compreender este índice, são apresentados cada um dos índices que compõem a fórmula:

$$\% F^+ = \frac{F^+}{F^+ + F^-} \times 100$$

$$\% A = \frac{(A + pA)}{R} \times 100$$

$$\% V = \frac{V}{R} \times 100$$

Sendo F^- respostas de forma menos freqüentes, pA , respostas de conteúdo de partes de animal e R , o número total de respostas.

A faixa média esperada para o índice RMI é de 44% a 52%; para a porcentagem de F^+ é de 78% a 89%; para a porcentagem de A , de 33% a 42% e para V , de 17% a 29% (Coelho, 2000).

As respostas de conteúdo animal (A) exprimem a ligação afetiva com a realidade objetiva, que se acha representada pela porcentagem de A (%A), a qual expressa a ligação emocional mais espontânea com o ambiente. Esta ligação emocional mais primária e freqüente na população média é aquela traduzida, no Método de Rorschach, pelas respostas de figuras animais, que é uma categoria de conteúdo que reflete um tipo de interesse específico pelo ambiente.

As respostas vulgares (V) são aquelas cujo conteúdo é muito freqüente, no mínimo de 1:6 de escolha na população média (Pereira, 1987). A participação do raciocínio lógico no contato cognitivo com a realidade é representada pela porcentagem de V (% V).

Segundo Coelho (1980), Silveira não tinha o objetivo de avaliar com o R.M.I. o nível mental ou a capacidade de elaboração intelectual, mas a utilização lógica no plano social dos padrões convencionais do pensamento. Por isso emprega V e não os determinantes representativos do trabalho intelectual (séries M e Ps) ou o índice de elaboração de Beck. Portanto a % V corresponde à integração cognitiva das normas e valores sociais no psiquismo.

A porcentagem de F^+ (% F^+) rege o controle da atenção e o julgamento imparcial dos fatos, pois o interesse afetivo requer esforço da atenção e a utilização das experiências anteriores, elaboradas subjetivamente, bem como a focalização seletiva e adequada dos eventos ambientais.

O RMI avalia, basicamente, o processo de adaptação à realidade, se o examinando aceita os limites impostos pela realidade externa e, além disso, permite verificar que dinamismos/recursos o indivíduo utiliza para se adaptar à realidade. Nesse sentido, entram em jogo os três fatores que indicam:

% F⁺ = capacidade de lidar com a realidade (força do ego), atenção e julgamento objetivo.

% A = contato emocional com a realidade.

% V = assimilação e integração do pensamento às normas e padrões sociais.

Segundo Coelho (1980, p. 176):

"Além dos desvios apurados em cada um dos fatores do índice, este nos auxiliará a elucidar a patogênese dos distúrbios que interferem no ajustamento do indivíduo às injunções do ambiente".

Quando o RMI está dentro da faixa média (44% a 52%) e, portanto, os fatores que compõem a fórmula estão harmônicos, existe adaptação. Entretanto, se algum desses índices encontra-se em desvio, compensado por outro(s), haverá interpretação da dinâmica dessa adaptação. Assim, se houver rebaixamento da % A, isto indica falta de espontaneidade, pois o interesse mais fundamental para o ser vivo diminui. O rebaixamento de F⁺ indica que o indivíduo não consegue mais fixar a atenção na realidade, prevalecendo o juízo de valor, levando à deficiência de autocontrole e incapacidade de objetivação. O rebaixamento da % V revela dificuldade em aceitar as normas e padrões sociais, o que deve prejudicar sua adaptação ao meio.

Ao contrário, na elevação de % A os indivíduos buscam o familiar como forma de segurança, na medida em que se envolvem intensamente e de modo afetivo com as situações. Na elevação de % F⁺ ocorre atenção excessiva e concentração, traduzindo exigências de autodomínio impostas pelo próprio examinando. A elevação da % V revela conformidade e, em casos excessivos, pouca restrição ao que é imposto.

Portanto para considerar o sujeito apto ao porte de arma ele deve, não apenas apresentar o nível adequado de adaptação à realidade, como também esse processo deve ocorrer de modo harmônico, isto é, os fatores cognitivos, afetivos e conativos devem estar integrados na sua personalidade.

Índices Conativos - Con

Os índices conativos são indispensáveis para a avaliação da coordenação motora e manutenção da atenção bem como relacionamento intrapessoal. Segundo Coelho (1980), a conação não se confunde com a ação explícita, mas corresponde à disposição subjetiva relativa à ação. O índice de conação, portanto, fornece uma informação quantitativa da liberdade subjetiva do examinando para agir no meio externo.

O ser humano extrai as qualidades específicas e enriquecedoras dos eventos em busca da sua adaptação à realidade. A partir deste esforço intencional de concentração da atenção, o indivíduo seleciona, associa e fixa uma determinada imagem e, recorrendo à memória, busca uma relação adequada entre as imagens ou experiências anteriores e a atual. Esse processo traduz a participação das funções conativas. Desta forma, o homem concentra seus

esforços para impor ordem e estabilidade aos dados externos, mantendo e fixando estruturas definidas através desse processo dinâmico.

Segundo Coelho (1980), esse tipo de trabalho mental permite manter a estabilidade do comportamento explícito e a continuidade do raciocínio. Um adulto deve ser capaz de julgar, a partir da observação e da análise das condições externas, o momento adequado para expressar seus afetos ou opiniões ou para contê-los. Esses dinamismos fazem parte das funções conativas da personalidade, constituídas no Rorschach pelas respostas de forma.

Silveira (1985) observa dois itens da inteligência no determinante forma: um que traduz o aspecto quantitativo, outro o aspecto qualitativo. O aspecto quantitativo baseia-se na % F, obtida pela soma de todas as respostas formais dividido pelo número total de R. Tal índice exprime o grau de contato com o ambiente e se faz pela comparação do determinante “forma” com os demais determinantes. O aspecto qualitativo considera a relação porcentual das respostas

de F^+ , pela qual é observado o tipo de contato com o meio externo, determinando qual o dinamismo subjetivo refletido nessa reação: julgamento objetivo, estabilidade da atenção, adequação dos afetos e construção mental adequada ($\%F^+$); ou subjetivismo no julgamento, bloqueio provocado pela repercussão afetiva intensa ou rebaixamento de habilidades de integração racional dos fatos causados por lesões cerebrais, ou por deficiência intelectual. Tais aspectos são decorrentes da comparação entre as respostas de F^+ e F^- . Segundo Coelho (1980, p. 127):

“O índice % F^+ não deve ser muito elevado pois o indivíduo mentalmente sadio não mantém sua vigilância constante na observação da realidade,

mas pode voluntariamente dela se afastar pelo devaneio e no interesse de expressão de sua afetividade e de imaginação”.

Em suma, o índice Conação é obtido através da fórmula:

$$\text{Con} = \%F^+ - (100 - \%F)$$

Na medida em que as respostas de forma revelam o interesse pelo meio (% F) e a capacidade de atenção e concentração (% F⁺), possibilitando a organização da ação explícita. A faixa média esperada para o índice Con é de 44% a 55% e para a porcentagem de F é de 57% a 72%.

Os índices conativos são indispensáveis para a avaliação da coordenação motora e manutenção da atenção como fatores ligados ao controle e expressão motora (deficiência da conação). Os desvios do índice conação têm significados específicos, quer no sentido de elevação exagerada (Con ↑), denotando indivíduo que traduz ação demasiadamente subordinada aos estímulos do meio, quer no sentido de rebaixamento (Con ↓), revelando subjetivismo interno, que bloqueia ou desgasta a ação prática, implicando reduzida disposição para agir no meio, com dificuldade de organizar as atividades práticas.

É importante neste índice levar em conta a % F⁺ e % F como variáveis independentes; os desvios de % F⁺ indicam incapacidade de controle motor, julgamento imparcial da realidade e seletividade da atenção, enquanto os desvios de % F indicam ou dependência exagerada e inespecífica (não há seletividade) aos fatores externos (% F⁺ ↑), ou subjetivismo exagerado e afastamento do ambiente.

A interpretação deste índice, bem como dos demais, não deverá basear-se apenas em seu resultado numérico, mas principalmente nos dinamismos responsáveis pelo seu equilíbrio ou desvio. Por isso é importante utilizar este índice para a avaliação do porte de arma de fogo, pois além de indicar se há a possibilidade da mobilização dos recursos subjetivos para a ação, indicará se esta ação deverá ser norteadada pelo julgamento de realidade.

Respostas de Movimento – RM

As respostas de Movimento Humano indicam o grau de maturidade psicológica e auto-afirmação, autocrítica; são importantes ainda para a avaliação de eventuais desajustes emocionais e o relacionamento interpessoal.

As respostas de Movimento (M, m, m'), de modo geral, indicam capacidade intrínseca de elaboração intelectual do indivíduo, resultante da interpretação das noções estabelecidas, segundo concepções ou fantasias peculiares do indivíduo, portanto mais ligadas à sua constituição e a seu temperamento do que às exigências do meio, caracterizando a estrutura constitucional de personalidade do indivíduo e traduzindo características pessoais próprias do examinando.

As concepções objetivas e amadurecidas se desenvolvem a partir das primeiras relações interpessoais não refletidas do ser humano. O desenvolvimento do pensamento lógico, da empatia, da auto-afirmação, autocontrole (representadas pelo M) é que permitem o estabelecimento de relações interpessoais amadurecidas refletidas. O processo de amadurecimento psíquico pode ser avaliado no Método de Rorschach pela ocorrência dos três níveis de expressão dos fatores determinantes.

No presente é utilizada a proporção: $M : m + m'$. Para se aferir essa proporção é necessário explicar cada um destes níveis em relação às respostas de movimento.

As respostas de Movimento Humano (M), de modo geral, revelam capacidade criadora, percepção dos fatos de maneira peculiar, reconstrução das próprias experiências de modo original. Revelam ainda compreensão intelectual amadurecida de cada situação nova, quando, em vez de agir impulsivamente, o indivíduo que apresenta este tipo de resposta procurará guiar-se pelas próprias concepções sem, no entanto, deixar de considerar a realidade objetiva.

As respostas de Movimento Animal (m) indicam tendência à ação ou à fantasia menos integrada à realidade objetiva, atitudes básicas da infância. É importante que ocorram no protocolo, pois indicam riqueza de vida interior, fantasias frente à vida, que mobilizam o indivíduo em busca de concretizá-las, desde que tenha recursos para isso, que só ocorre quando o número de respostas de Movimento Humano (M) é maior que o número de respostas de Movimento Animal (m), isto é, $M > m$.

As respostas de emprego subjetivo do Movimento (m') são avaliadas quando o movimento ocorre em objetos, figuras da natureza, figuras que sofrem ação da natureza – ex: “caindo”. Elas indicam sentimento de impotência, insegurança, o indivíduo sente-se à mercê dos outros, da realidade, passível de ser manipulado. Indicam também que, embora o indivíduo sinta-se impotente, busca lutar, resistir contra forças externas (movimento bloqueado). Traduzem ainda inteligência superior, sendo necessário neste caso verificar outros índices do protocolo. A presença de m' sempre revela conflitos inconscientes. Se projetado em figura humana ou animal, refere-se a conflitos mais conscientes.

Assim, as respostas de M (movimento humano) refletem o nível manifesto da realidade, enquanto que as respostas m (movimento animal) refletem um nível latente. Segundo Piotrowsky (1957), as respostas m, por revelarem traços menos integrados da personalidade, manifestam-se em estados de reduzida integração e/ou de menor consciência (ex. por álcool, intoxicação ou estresse, situações de autocontrole insuficiente).

Quando o examinando apresentar a proporção $m > M$, este revela imaturidade psicológica. Segundo Pereira (1987, p. 68):

“Fantasias infantis interferem no desenvolvimento de papéis adequados à convivência social na medida em que são desligadas das exigências da realidade e restringem a auto-afirmação e a localização objetiva no meio”.

Não é suficiente que $M > m + m'$, mas que as figuras percebidas em M, quer sejam reais quer de ficção, possuam uma conotação positiva, no sentido de executar atividade de cooperação ou de afirmação social (ex. homem regendo uma orquestra), verificando assim a capacidade de autonomia do examinando e o modo de construção de seu self.

Respostas de Cor – RC

As respostas de Cor devem ser analisadas, levando-se em conta a expressão amadurecida dos afetos, afetividade, vida interior e ansiedade. Elas traduzem as exteriorizações das reações afetivas do examinando e são classificadas como: FC, CF, C.

A proporção FC : CF + C caracteriza a exteriorização das reações afetivas. No Método de Rorschach a expressão dos instintos e dos sentimentos é aferida pelas respostas cromáticas. A expressão dos sentimentos corresponde a um comportamento intersubjetivo, a uma interação entre o indivíduo e o grupo social, entre determinados indivíduos, ou mesmo entre o indivíduo e si mesmo.

Rorschach (1967) definiu as FC como respostas indicadoras do tipo de afetividade que facilita a boa adaptação aos outros. A presença de respostas de FC implica que o sujeito passou por um processo de socialização apropriado das atitudes emocionais. As respostas de CF revelam atitudes emocionais que são autocentradas e lábeis, indicando tanto uma capacidade de entusiasmo como também sugestibilidade, irritabilidade, egoísmo, oportunismo, ausência de compaixão e egocentrismo.

Nas respostas C puro, Rorschach (1967) via um sinal de forte impulsividade, de ser dominado pelas emoções, uma tendência para atitudes imediatas e imprevisíveis de medo, aversão, entusiasmo, simpatia antipatia, brutalidade.

De acordo com Rorschach (1967), o grau de controle exercido sobre os impulsos emocionais pode ser visto indiretamente a partir da relação de FC com a soma de CF e C.

As respostas FC traduzem o amadurecimento psicológico no plano intrinsecamente afetivo, em que a consideração afetiva formal dos sentimentos alheios antecede e ao mesmo tempo converge para as próprias reações afetivas. Nas respostas CF ocorre o inverso, isto é, a afetividade egocêntrica denota maior

intensidade que os sentimentos sociais. As respostas C puras representam reações instintivas primárias e ainda não socializadas. Espera-se que as FC estejam associadas com as reações emocionais bem controladas, enquanto que as CF e C indicam uma tendência para reações emocionais autocentradas e impulsivas, sendo que a relação $FC : CF + C$ serve como uma “medida” do grau de impulsividade ou controle emocional.

Portanto as Respostas de Movimento (RM) e as Respostas de Cor (RC) são fatores indicativos de maturidade do desenvolvimento psíquico.

Neste caso o que se avalia é a expressão dos afetos primários e dos sentimentos sociais em situações de mobilização direta dos impulsos. Esse fator será importante, levando-se em conta as situações de frustração que poderão atuar no desencadeamento de expressões diretas de afetividade. Por exemplo, quando o indivíduo está com a arma de fogo e está frustrado por algum motivo, para que ele possa lidar com esta situação de frustração é necessário que o indivíduo seja afetivamente maduro.

O amadurecimento psíquico envolve a expressão adequada dos sentimentos (FC), auto-afirmação e capacidade de decisão nas relações interpessoais (M). As Respostas de Movimento e as Respostas de Cor relacionam-se a graus diversos de amadurecimento psíquico e são analisadas de acordo com a seguinte proporção: $M : m + m'$ e $FC : CF + C$.

Silveira (1985) e Coelho (1980) estabeleceram os parâmetros normativos para o seu sistema de avaliação com uma amostra composta de pessoas normais que revelaram integração psíquica adequada ao ambiente, sem desvios graves de conduta ou de personalidade, quer de ordem dinâmica, quer de ordem estrutural.

O tempo de observação mínimo desses examinandos foi de 10 anos. Por meio da investigação feita com indivíduos normais estudados por Silveira (1985) e Coelho (1980), foram encontradas as seguintes proporções:

$$M : m : m' = 3,5 : 2 : 1 \text{ e } FC : CF : C = 3 : 2 : 0$$

As respostas de cor (RC) de um modo geral refletem fatores motivacionais. Para aprofundamento de tais motivações seria interessante, ainda, verificar a proporção dos conteúdos explícitos primários, a saber: alimento (al); anatomia (an); sexo (sx), fogo (fg); sangue (sg) ou de objetos (obj) que podem ser utilizados como armas.

A resposta FC expressa o desejo de adaptação e as CF e C revelam o montante de impulsividade emocional autocentrada; podendo, até revelar um desejo de adaptação adequada, mas quando superam as FC ($FC < CF + C$), a impulsividade é muito grande e torna o indivíduo autocentrado.

Pelos dados apresentados, as respostas de cor são importantes como critérios para concessão de porte de arma de fogo.

II - OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi comparar três grupos de sujeitos: um grupo constituído de pessoas que buscam o porte de arma de acordo com as exigências da legislação vigente, outro grupo de sujeitos que cometeram crimes com arma de fogo e estão cumprindo pena, e um grupo controle, extraído da pesquisa de Coelho (2000), para verificar a possibilidade de estabelecer indicadores do Método de Rorschach para a realização da Avaliação Psicológica para a concessão do porte de arma de fogo.

No Brasil, não há definição de um “perfil psicológico” para que se possa considerar uma pessoa “apta” para o porte de arma. Portanto, diferentes questões são suscitadas: qual seria o perfil psicológico “adequado” ou “desejável” para que uma pessoa possa portar uma arma de fogo?

Considerando que não é possível definir a “aptidão psicológica” mencionada na lei, deve-se estabelecer critérios para contra-indicar, por meio da presença de fatores patológicos ou de uma imaturidade emocional, esse porte.

A hipótese levantada é a de que os índices em desvio acima ou abaixo do esperado: Impulsividade (IMP), Adaptação à Realidade (RMI), Índice Conativo (Con), Resposta de Movimento (RM) e Resposta de Cor (RC), obtidos por meio do Método de Rorschach, possam servir como indicadores confiáveis deste teste.

Assim, espera-se que os índices em desvio devem estar presentes no grupo de sujeitos cumprindo pena e não nos outros dois grupos. Esta pesquisa pretende verificar se existem diferenças estatisticamente significantes entre os grupos.

III - MÉTODO

a) Sujeitos

A amostra foi constituída de 150 sujeitos do sexo masculino com idade entre 19 e 51 anos, divididos em três grupos.

GRUPO CONTROLE (GC) : 50 sujeitos extraídos da amostra da pesquisa de Coelho (2000) cujos resultados revelam integração psíquica ao ambiente, sem desvios de conduta ou de personalidade, tanto de ordem dinâmica quanto estrutural, sendo este o grupo controle.

GRUPO DE PORTE DE ARMA (GPA) : 50 sujeitos em busca do porte de arma de fogo, tendo em vista a necessidade do exercício da função, provenientes da GCM – Guarda Civil de um Município situado no interior do Estado de São Paulo. Eles foram submetidos ao processo de Avaliação Psicológica para o porte de arma, com uma das psicólogas credenciadas pela Polícia Federal, de acordo com a legislação vigente.

GRUPO DE PRESIDÁRIOS (GPR) : 50 sujeitos provenientes de avaliações feitas pelo Sistema Judiciário, com histórico de violência e crimes praticados com o uso de arma de fogo, que fizeram parte da pesquisa de Morana (2003). Os crimes praticados por estes sujeitos foram: homicídio, estupro, atentado violento ao pudor, furto, roubo, lesão corporal e tráfico de drogas.

A distribuição de freqüência da amostra por idade é apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de frequência por idade dos três grupos da Amostra

Idade	GC	GPA	GPR	Total
19 – 28	34	11	32	77
29 – 38	12	29	12	53
39 – 51	4	10	6	20
Total	50	50	50	150
Média	27,02	33,52	28,48	29,67

Como pode ser observado na Tabela 2, a amostra tem maior concentração de sujeitos na faixa de 19 a 28 anos, com média de 29,67 anos e desvio padrão de 7,2.

A Tabela 3 mostra a distribuição de frequência dos três grupos por escolaridade.

Tabela 3. Distribuição de frequência por escolaridade dos três grupos da amostra

Escolaridade	GC	GPA	GPR	Total	%
Analfabeto	0	0	6	6	4,0
Ensino Fund.	2	7	38	47	31,3
Ensino Médio	9	34	4	47	31,3
Superior Inc.	18	3	1	22	14,7
Superior Comp.	21	6	1	28	14,7
Total	50	50	50	150	100

A amostra total apresenta uma freqüência similar dos níveis de escolaridade fundamental, médio e superior (incompleto e completo), embora haja certas divergências na distribuição dos três grupos.

b) Material

O material utilizado foi o Método de Rorschach que consiste em um conjunto de dez pranchas, cronômetro, folhas de localização, duas canetas de cores diferentes e folhas sulfite para registro.

As instruções de aplicação e a definição da classificação das respostas são apresentadas no Anexo A.

c) Procedimentos

O Método de Rorschach foi aplicado de acordo com os critérios estabelecidos por Aníbal Silveira (1985), sendo que os mesmos critérios foram empregados com os sujeitos já avaliados. Antes da aplicação foi solicitado aos participantes que lessem e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com a Resolução do CNS nº 196/96. Este termo de consentimento é apresentado no Anexo B.

A aplicação do Rorschach do grupo controle (GC) foi realizada anteriormente. Este grupo fez parte da amostra da pesquisa normativa de Coelho (2000). A aplicação foi individual e, entre os sujeitos que participaram desta pesquisa, foram sorteados 50 protocolos do sexo masculino.

Para o grupo de porte de arma (GPA), o Rorschach foi aplicado pela pesquisadora juntamente com outras duas psicólogas, em um grupo de guardas

municipais, que foram previamente convidados à época em que estavam sendo avaliados por uma psicóloga credenciada na Polícia Federal.

As aplicações do grupo de presidiários (GPR) foram realizadas em indivíduos que estavam cumprindo pena por crimes com o uso de arma de fogo, em diversos estabelecimentos prisionais do Estado de São Paulo e fazem parte da amostra de Morana (2003). Essa amostra foi obtida de forma aleatória, por sorteio, sendo excluídos os casos de patologia psiquiátrica de natureza psicótica, orgânica e demencial.

d) Análise de Dados

As respostas do teste foram classificadas de acordo com a nomenclatura de Aníbal Silveira. Após a classificação, as respostas foram inseridas na ficha de dados de um programa especialmente desenvolvido para este fim, que fornecia o psicograma quantitativo completo de cada sujeito. O modelo da ficha de cálculos é apresentado no Anexo C. A partir destes psicogramas, foram extraídos os dados para o tratamento estatístico.

IV – RESULTADOS

Para o tratamento estatístico dos dados inicialmente foi verificado se cada variável do Rorschach tinha distribuição normal, ou seja, se sua distribuição atendia os requisitos de uma curva de Gauss. Para isto foi feito o teste de "goodness to fit". Neste teste, os dados de um grupo são sobrepostos aos dados de uma curva de Gauss. Se esta sobreposição atender aos requisitos deste teste, que tem uma confiabilidade de 95% ($\alpha=0,05$), isto indica que os dados são ou tendem a se distribuir de uma maneira normal. Neste caso, a distribuição é identificada como "Normal". Se não atender a estes requisitos a distribuição é considerada "Não-Normal".

Este procedimento foi usado em cada um dos três grupos para as variáveis estudadas nesta pesquisa. A comparação entre os três grupos foi feita usando o teste t de Student, que é um teste paramétrico, quando os grupos apresentavam distribuição normal.

Quando um ou os dois grupos comparados não eram "normais", foi usado o teste não paramétrico Mann-Whitney U. O nível de significância adotado nos dois tipos de teste foi de 0,05. No caso do t de Student, o t crítico é de 1,960 e no caso do Mann-Whitney, o Z crítico é 1,645, quando o teste é unicaudal. O t crítico é 1,985 e o Z é 1,960, quando a variável é bicaudal. Os resultados que indicaram diferenças significantes são acompanhados de um asterisco (*). Pode-se concluir que existem diferenças entre os grupos, quando o t ou o Z obtidos são maiores do que os valores críticos.

A Tabela 4 apresenta as estatísticas descritivas do índice de impulsividade (IMP) para os três grupos estudados e a Tabela 5, a comparação entre os três grupos.

Tabela 4. Estatísticas Descritivas de Impulsividade (IMP)

	GC	GPA	GPR
Média	0,53	0,76	0,90
DP	0,24	0,40	0,60
Máximo	1,40	2,00	3,00
Mínimo	0,18	0,22	0,22
Mediana	0,47	0,63	0,73
Curtose	7,08	5,01	8,27
Assimetria	1,72	1,47	2,20
Distribuição	N.normal	N.normal	N.normal

O índice IMP (impulsividade) nos grupos GPA e GPR apresentou-se significativamente superior ao do grupo controle (GC), sendo ainda mais elevado no grupo GPR.

Tabela 5. Comparação entre os grupos em relação à Impulsividade

	Z
GC x GPA	3,721*
GC x GPR	4,615*
GPA x GPR	1,174

* significante a 0,05

Pelas Tabelas 4 e 5 pode-se concluir que não houve diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de porte de arma (GPA) e o grupo de presidiários (GPR). O grupo controle mostrou-se diferente dos outros, que tiveram um índice de impulsividade maior. O grupo de porte de arma apresenta média ainda dentro do intervalo de normalidade estabelecido pela média e desvio-padrão do grupo controle (0,29 a 0,77).

O RMI (Relação para com a Média Intelectual) é um índice que avalia a adaptação à realidade. O cálculo do RMI envolve outros índices: %F⁺, %V, %A. A Tabela 6 apresenta as estatísticas descritivas em relação ao índice %F⁺ total em cada grupo.

Tabela 6. Estatísticas Descritivas de %F⁺ total para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	83,33	73,25	72,32
DP	6,67	14,19	17,34
Máximo	100,00	100,00	100,00
Mínimo	64,00	27,27	16,66
Mediana	84,00	75,00	73,22
Curtose	3,97	4,26	4,01
Assimetria	-0,49	-0,60	-0,90
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

A Tabela 7 apresenta a percentagem média de respostas vulgares (%V total), para cada grupo.

Tabela 7. Estatísticas Descritivas de %V total para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	20,08	17,78	22,16
DP	5,35	7,64	12,58
Máximo	32,50	46,66	76,90
Mínimo	11,80	4,34	6,25
Mediana	19,40	17,32	19,23
Curtose	2,41	5,81	9,01
Assimetria	0,46	1,15	1,84
Distribuição	N.Normal	N.Normal	N.normal

A Tabela 8 apresenta as estatísticas descritivas de respostas de conteúdo animal (%A total), para cada grupo.

Tabela 8. Estatísticas Descritivas de %A total para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	36,22	51,92	47,26
DP	8,95	18,53	16,32
Máximo	55,30	94,44	93,33
Mínimo	18,00	15,00	18,75
Mediana	35,00	50,00	45,83
Curtose	2,34	2,53	3,47
Assimetria	0,36	0,32	0,54
Distribuição	Normal	Normal	N.normal

A Tabela 9 apresenta a média obtida por cada grupo para o RMI total. Observa-se que os valores são bastante próximos, não havendo diferenças entre os grupos. Isso poderia indicar que todos possuem o mesmo grau de adaptação à realidade, dado pelo RMI total. Porém, ao se analisar os índices que compõem o RMI, observam-se diferenças.

Tabela 9. Estatísticas Descritivas de RMI total para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	46,45	47,65	47,22
DP	3,97	9,17	8,77
Máximo	53,70	69,99	62,42
Mínimo	38,80	27,85	20,14
Mediana	46,25	48,81	47,25
Curtose	2,32	3,16	3,54
Assimetria	-0,04	0,14	-0,56
Distribuição	Normal	Normal	N.normal

A Tabela 10 mostra a comparação entre os grupos do RMI total e dos índices que o compõem.

Tabela 10. Comparação dos índices %F_T⁺, %V_T, %A_T e RMI_T entre os grupos

	%F _T ⁺	%V _T	%A _T	RMI _T	
	Z	Z	t	Z	t
GC x GPA	4,333*	2,165*	4,605*	0,845	
GC x GPR	3,351*	0,093		3,644*	0,807
GPA x GPR	0,176	1,621		1,296	0,097

* significante a 0,05

Pelos resultados da Tabela 10 pode ser observado que o GC e o GPA tiveram diferenças significantes em %F_T⁺, %V_T, %A_T, mas não no RMI_T. O GC diferiu do GPR apenas na %F_T⁺ e na %A_T e o GPA e o GPR não mostraram diferenças significantes.

Portanto, embora não tenha sido encontrada diferença significativa entre os três grupos no RMI, o grupo controle apresentou % F⁺ maior do que os outros dois grupos, que por sua vez tiveram % A maior do que o grupo controle. Portanto o valor dentro da média do RMI total é obtido, nos grupos GPA e GPR, por menor objetividade (%F_T⁺↓) e ligação com o meio mais impulsiva e imatura, ou por falta de controle ou por tensão emocional (%A_T↑).

Em relação à %V_T foi obtida diferença significativa entre os grupos GC e GPA, mas não houve diferenças nas outras duas comparações, sendo que o GPA teve média mais baixa que o GC, mas não diferiu do GPR.

Também pode ser constatado que os grupos GPA e GPR apresentam desvios padrão bem maiores do que o GC para $\%F^+_T$, $\%A_T$ e RMI_T . Quanto à $\%V_T$, apenas o GPR teve um desvio padrão maior que os outros dois grupos. Este resultado indica maior variabilidade de respostas nesses índices.

A mesma análise foi feita para as respostas às pranchas monocromáticas e às pranchas coloridas para cada grupo e para cada índice que compõe o RMI.

A Tabela 11 apresenta as estatísticas descritivas de porcentagem de F^+_{mono} , a Tabela 12, a porcentagem de V_{mono} e a 13, a porcentagem de A_{mono} , para cada grupo.

Tabela 11. Estatísticas Descritivas de $\%F^+_{mono}$ para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	86,03	78,26	76,94
DP	6,69	19,15	19,89
Máximo	100,00	100,00	100,00
Mínimo	70,00	16,66	33,33
Mediana	87,05	80,00	80,00
Curtose	2,87	3,83	2,23
Assimetria	-0,27	-0,88	-0,52
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

**Tabela 12. Estatísticas Descritivas de %V_{mono}
para cada grupo**

	GC	GPA	GPR
Média	23,74	24,27	26,44
DP	9,28	12,69	15,35
Máximo	41,70	57,14	60,00
Mínimo	6,90	6,25	0,00
Mediana	23,80	21,42	24,04
Curtose	2,11	2,96	2,46
Assimetria	0,14	0,84	0,23
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

**Tabela 13. Estatísticas Descritivas de % A_{mono}
para cada grupo**

	GC	GPA	GPR
Média	41,70	62,23	56,82
DP	12,83	21,53	20,37
Máximo	77,80	100,00	100,00
Mínimo	15,40	15,38	22,22
Mediana	41,15	60,77	57,74
Curtose	3,55	2,23	2,92
Assimetria	0,39	0,03	0,45
Distribuição	Normal	Normal	N.normal

A Tabela 14 apresenta as estatísticas descritivas do RMI_{mono} para cada grupo.

Tabela 14. Estatísticas Descritivas de RMI_{mono} para Cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	50,50	54,92	53,41
DP	6,01	11,95	11,82
Máximo	62,00	76,66	76,18
Mínimo	39,00	27,22	27,78
Mediana	50,95	56,90	53,33
Curtose	2,21	2,30	2,37
Assimetria	0,00	-0,23	-0,30
Distribuição	Normal	Normal	N.normal

A Tabela 15 mostra a comparação entre os grupos para o RMI_{mono} e para as variáveis que compõem esse índice.

Tabela 15. Comparação de %F⁺, %V, %A e RMI_{mono} entre os grupos

	%F⁺ m	%V m	%A m	RMI m		
	Z	Z	Z	t	Z	t
GC x GPA	1,973*	0,372		4,921*		2,123*
GC x GPR	1,973*	0,835	4,066*		1,668	
GPA x GPR	0,237	0,921	1,245		0,501	

* significante a 0,05

Pela Tabela 15 pode ser constatado que o GC mostrou diferença significativa em relação ao GPA em $\%F^+_m$, $\%A_m$ e RMI_m e em relação a $\%F^+_m$ e $\%A_m$, na comparação com GPR. Na comparação entre GPA e GPR nenhuma diferença foi significativa.

Observa-se que o GPA apresenta RMI_m superior ao GC, mas não difere do grupo GPR. A $\%A_m$ é maior nos GPA e GPR do que no grupo GC. A $\%F^+_m$ é mais alta no grupo GC do que nos outros dois e a $\%V_m$ não difere entre os três grupos.

Concluiu-se que o resultado do RMI dentro da média não é suficiente para discriminar os grupos. É necessário equilíbrio, ou seja, que cada um dos índices que compõem o RMI também esteja dentro do esperado.

As Tabelas 16 a 19 apresentam as estatísticas descritivas dos índices $\%F^+$, $\%V$, $\%A$ e RMI para as respostas às pranchas coloridas de cada grupo.

Tabela 16. Estatísticas Descritivas de $\%F^+_{color}$ para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	81,25	69,28	71,19
DP	10,02	19,11	22,90
Máximo	100,00	100,00	100,00
Mínimo	53,90	25,00	0,00
Mediana	81,20	66,66	75,00
Curtose	3,50	2,48	4,00
Assimetria	-0,60	-0,15	-0,93
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

Tabela 17. Estatísticas Descritivas de % V_{color} para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	17,26	13,65	16,37
DP	6,53	9,54	10,84
Máximo	32,10	37,50	40,00
Mínimo	1,00	0,00	0,00
Mediana	17,10	12,50	14,29
Curtose	2,81	3,37	2,91
Assimetria	0,04	0,69	0,60
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

Tabela 18. Estatísticas Descritivas de % A_{color} para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	32,89	44,82	40,32
DP	12,36	20,18	22,35
Máximo	60,90	90,90	100,00
Mínimo	14,30	12,50	10,00
Mediana	30,25	41,15	38,18
Curtose	2,68	2,36	2,67
Assimetria	0,68	0,42	0,57
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

Tabela 19. Estatísticas Descritivas de RMI_{color} para cada grupo

	GC	GPA	GPR
Média	43,87	42,58	42,61
DP	5,54	11,15	8,89
Máximo	54,30	75,00	61,11
Mínimo	29,70	24,99	25,60
Mediana	43,75	42,50	42,05
Curtose	2,63	3,33	2,63
Assimetria	-0,03	0,48	0,28
Distribuição	Normal	Normal	Normal

A Tabela 20 mostra a comparação entre os grupos para o RMI_{color} e os índices que o compõem.

Tabela 20. Comparação de $\%F^+$, $\%V$, $\%A$ e RMI_{color} entre os grupos

	$\%F^+ c$	$\%V c$	$\%A c$	$RMI c$
	Z	Z	Z	t
GC x GPA	3,433*	2,607*	3,011*	0,732
GC x GPR	2,288*	1,203	1,424	0,851
GPA x GPR	0,837	1,319	1,193	0,015

* significante a 0,05

A Tabela 20 indica diferenças significantes entre os grupos GC e GPA para $\%F^+_c$, $\%V_c$ e $\%A_c$, mas não para o RMI_c . Entre o GC e o GPR foi encontrada diferença significativa para a $\%F^+_c$, mas não para as demais variáveis. O GPA e o GPR não mostraram diferenças significantes em nenhuma das variáveis.

Observa-se que o RMI não difere nos três grupos, porém nos grupos GPA e GPR isso ocorre às custas de rebaixamento na %F⁺ e elevação na %A, para o RMI_{Total}, RMI_{color} e RMI_{mono}. Portanto não é o valor do RMI que deve ser investigado, mas é importante verificar a qualidade da adaptação. Quando há essa adaptação, os três índices que compõem o RMI deveriam estar também dentro da média. Isto não ocorreu nos grupos GPA e GPR.

A Tabela 21 apresenta as estatísticas descritivas em relação ao índice de conação total (CON_T) e a Tabela 22, a comparação entre os três grupos.

Tabela 21. Estatísticas Descritivas de CON_T

	GC	GPA	GPR
Média	47,10	42,01	42,35
DP	9,13	21,38	21,53
Máximo	64,01	85,00	83,71
Mínimo	26,20	-0,51	-19,57
Mediana	48,50	46,45	48,62
Curtose	2,96	2,52	3,52
Assimetria	-0,58	-0,24	-0,78
Distribuição	N.normal	Normal	N.normal

**Tabela 22. Comparação de CON_T
entre os grupos**

	Z
GC x GPA	1,331
GC x GPR	0,486
GPA x GPR	0,358

Pelas Tabelas 21 e 22 pode-se concluir que não houve diferenças estatisticamente significantes entre os três grupos. Este resultado permite concluir que o Índice de Conação não pode ser considerado como um indicador em relação ao porte de arma.

A Tabela 23 apresenta as estatísticas descritivas em relação ao índice de conação (CON_{mono}) e a Tabela 24, a comparação entre os três grupos.

Tabela 23. Estatísticas Descritivas de CON_{mono}

	GC	GPA	GPR
Média	58,63	57,23	53,53
DP	16,30	23,91	26,45
Máximo	92,31	100,00	95,65
Mínimo	0,50	-5,56	-21,54
Mediana	57,30	63,41	58,92
Curtose	6,93	3,26	3,08
Assimetria	-1,37	-0,71	-0,63
Distribuição	N.normal	Normal	N.normal

Tabela 24. Comparação de CON_{mono} entre os grupos

	Z
GC x GPA	0,141
GC x GPR	0,491
GPA x GPR	0,645

Portanto para a Con_{mono} também não foram encontradas diferenças significantes entre os grupos.

A Tabela 25 apresenta as estatísticas descritivas em relação ao índice de conação (CON_{color}) e a Tabela 26, a comparação entre os três grupos.

Tabela 25. Estatísticas Descritivas de CON_{color}

	GC	GPA	GPR
Média	38,99	33,98	33,21
DP	11,99	27,66	25,35
Máximo	62,50	100,00	71,42
Mínimo	13,75	-31,38	-29,55
Mediana	39,25	34,52	35,89
Curtose	2,86	2,71	2,97
Assimetria	-0,19	0,12	-0,59
Distribuição	N.normal	Normal	N.normal

Tabela 26. Comparação de CON_{color} entre os grupos

	Z
GC x GPA	1,075
GC x GPR	1,034
GPA x GPR	0,134

O índice Conaço_{color} também não apresentou diferenças significantes entre os três grupos.

As Tabelas 27, 29 e 31 apresentam as estatísticas descritivas da % F_T, %F_{mono} e %F_{color} e as Tabelas 28, 30 e 32 mostram a comparação para estes índices, entre os três grupos.

Tabela 27. Estatísticas Descritivas de % F_T

	GC	GPA	GPR
Média	64,76	70,19	68,28
DP	9,84	14,84	17,18
Máximo	84,40	100,00	100,00
Mínimo	42,20	35,71	30,43
Mediana	65,50	70,90	68,59
Curtose	2,49	2,70	2,54
Assimetria	-0,08	-0,19	-0,18
Distribuição	Normal	Normal	Normal

Tabela 28. Comparação de % F_T entre os grupos

	Z
GC x GPA	2,158*
GC x GPR	1,261
GPA x GPR	0,594

* significante a 0,05

A Tabela 28 indica que só foi obtida diferença significativa entre o GC e o GPA para a %F_T sendo que o GC apresentou média menor.

Tabela 29. Estatísticas Descritivas de % F_{mono}

	GC	GPA	GPR
Média	72,91	78,97	73,49
DP	16,92	16,19	23,12
Máximo	100,00	100,00	100,00
Mínimo	6,70	33,33	16,66
Mediana	76,10	81,81	78,57
Curtose	7,36	3,44	2,66
Assimetria	-1,51	-0,83	-0,81
Distribuição	N.normal	N.normal	N.normal

Tabela 30. Comparação de % F_{mono} entre os grupos

	Z
GC x GPA	1,977*
GC x GPR	1,028
GPA x GPR	0,698

* significante a 0,05

Em relação à %F_{mono} só ocorreu diferença significativa apenas entre o GC e o GPA, sendo que o GPA teve média maior.

Tabela 31. Estatísticas Descritivas de % F_{color}

	GC	GPA	GPR
Média	56,57	63,22	60,04
DP	13,88	20,05	20,96
Máximo	88,00	100,00	100,00
Mínimo	20,82	0,00	0,00
Mediana	59,20	61,32	62,50
Curtose	2,99	3,72	3,11
Assimetria	-0,24	-0,24	-0,41
Distribuição	Normal	N.normal	N.normal

Tabela 32. Comparação de % F_{color} entre os grupos

	Z
GC x GPA	1,691
GC x GPR	1,262
GPA x GPR	0,514

Não houve diferenças entre os três grupos em relação à %F_C.

A Tabela 33 apresenta as médias e desvios padrão das respostas de movimento: M, m e m' de cada grupo e a Tabela 34 mostra a comparação entre os grupos destes valores.

Tabela 33. Médias e desvios padrão de M, m e m' para cada grupo

	M		m		m'	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
GC	3,02	2,20	1,60	1,40	0,52	1,00
GPA	0,94	1,10	1,88	1,57	0,78	0,96
GPR	0,58	0,73	1,24	1,48	0,50	0,91

Tabela 34. Comparação de M, m e m' entre os grupos

	M	m	m'
	Z	Z	Z
GC x GPA	5,636*	0,861	1,901*
GC x GPR	6,821*	1,518	0,345
GPA x GPR	1,513	2,351*	1,872*

* significante a 0,05

Os resultados da comparação indicam que ocorreram diferenças entre os grupos GC e os outros dois, em relação a M, entre GPA e GPR em relação a m e entre GPA e os outros dois grupos em relação a m'. As respostas M foram mais freqüentes no grupo GC e as respostas de m e m' foram mais freqüentes no GPA.

A Tabela 35 apresenta as médias e desvios padrão da proporção: $M > m + m'$ obtidas em cada grupo e a Tabela 36 mostra a comparação entre os grupos destes valores.

Tabela 35. Médias e desvios padrão de $M > m + m'$ para cada grupo

	Média	DP
GC	0,58	0,50
GPA	0,00	0,00
GPR	0,06	0,24

Tabela 36. Comparação entre os grupos de $M > m + m'$

	Z
GC x GPA	-6,359*
GC x GPR	-5,546*
GPA x GPR	-1,750

* significante a 0,05

A Tabela 36 indica que houve diferenças significantes entre o GC e os outros dois, GPA e GPR na proporção de respostas de movimento, sendo que estes não diferem entre si. O grupo GPA não teve nenhum sujeito que apresentasse a proporção esperada e no GPR, apenas 3 em 50.

A Tabela 37 apresenta as médias e desvios padrão das respostas de cor: FC, CF e C de cada grupo e a Tabela 38 mostra a comparação entre os grupos destes valores.

Tabela 37. Médias e desvios padrão de FC, CF e C para cada grupo

	FC		CF		C	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
GC	2,64	1,60	2,10	1,83	0,10	0,30
GPA	1,68	1,66	0,42	0,75	0,24	0,48
GPR	0,80	0,99	0,72	0,92	0,66	1,18

Tabela 38. Comparação de FC, CF e C entre os grupos

	FC	CF	C
	Z	Z	Z
GC x GPA	3,063*	5,688*	1,701*
GC x GPR	5,869*	4,347*	3,215*
GPA x GPR	2,706*	1,761*	1,791*

* significante a 0,05

As diferenças entre os três grupos foram significantes nos três tipos de respostas de cor. As respostas FC e CF foram mais freqüentes no GC do que nos outros. As respostas C (Cor pura) foram mais freqüentes no GPR.

A Tabela 39 apresenta as médias e desvios padrão da proporção: $FC > CF + C$ obtida em cada grupo e a Tabela 40 mostra a comparação entre os grupos destes valores.

Tabela 39. Médias e desvios padrão de $FC > CF + C$ para cada grupo

	Média	DP
GC	0,50	0,51
GPA	0,48	0,50
GPR	0,16	0,37

Tabela 40. Comparação entre os grupos de $FC > CF + C$

	Z
GC x GPA	-0,199
GC x GPR	-3,597*
GPA x GPR	-3,413*

* significante a 0,05

A Tabela 40 indica que não houve diferenças entre o GC e o GPA e houve diferenças significantes entre GC e GPR e entre GPA e GPR.

A Tabela 41 apresenta as médias e desvios padrão das respostas de luminosidade: L, C', I e I' de cada grupo e a Tabela 42 mostra a comparação entre os grupos destes valores.

Tabela 41. Médias e desvios padrão de L, C', I e I' para cada grupo

	L		C'		I		I'	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
GC	0,80	1,00	1,16	1,30	0,42	0,70	0,26	0,30
GPA	0,66	1,12	0,54	0,90	0,00	0,00	0,02	0,48
GPR	0,30	0,58	0,68	1,04	0,12	0,30	0,06	1,18

Tabela 42. Comparação de L, C', I e I' entre os grupos

	L	C'	I	I'
	Z	Z	Z	Z
GC x GPA	1,211	3,021*	N/A	2,675*
GC x GPR	2,842*	2,363*	2,532*	1,907*
GPA x GPR	1,514	0,577	N/A	1,716*

* significante a 0,05

N/A : não aplicável, uma das variáveis é igual a zero.

Os resultados indicaram diferenças significantes entre GC e GPR para as quatro variáveis, entre GC e GPA para C' e I' e entre GPA e GPR, para I'. O grupo GC teve médias maiores do que o grupo GPR em todas as variáveis e GC foi maior do que o GPA, em C' e I'. O grupo GPA teve média menor que o GPR em I'.

A Tabela 43 apresenta as médias e desvios padrão da proporção: $L + C' > I + I'$ obtida em cada grupo, e a Tabela 44 mostra a comparação entre os grupos destes valores.

Tabela 43. Médias e desvios padrão de $L + C' > I + I'$ para cada grupo

	Média	DP
GC	0,60	0,49
GPA	0,56	0,50
GPR	0,46	0,50

Tabela 44. Comparação entre os grupos de $L + C' > I + I'$

	Z
GC x GPA	-0,403
GC x GPR	-1,395
GPA x GPR	-0,995

As médias relativas à proporção $L + C' > I + I'$ são muito próximas e não houve diferenças estatisticamente significantes entre os três grupos.

V – DISCUSSÃO

Os protocolos de Rorschach dos três grupos investigados nesta pesquisa foram comparados quanto aos índices: Impulsividade (IMP), Adaptação à Realidade (RMI), Índice Conativo (Con), Respostas de Movimento (RM) e Respostas de Cor (RC).

Para IMP o GC apresentou valores próximos ao esperado, isto é, a média esperada é de 0,57 e o desvio padrão é de 0,24, enquanto que o GC teve média 0,53 e desvio padrão de 0,24. O GPA e o GPR apresentaram esse índice acima do GC, sendo média de 0,76 para o GPA, com desvio padrão de 0,40 e média de 0,90 para o GRP, com desvio padrão de 0,60.

O índice IMP foi significativamente superior tanto no grupo de candidatos ao porte de arma quanto no grupo de presidiários, sendo ainda mais elevado neste último, indicando maior impulsividade. Isto confirma as colocações de Rorschach (1967) de que este índice faria parte da estrutura do indivíduo agressivo, bem como as de Silveira (1970) ao propor que quando o IMP é elevado, indica maior reação diante dos estímulos das manchas vermelhas (Pr. II e III), associada a indivíduos impulsivos.

Conforme o exposto por Coelho (1972), além de se avaliar o IMP, é importante verificar a ausência de recursos de controle em outros dados, como a %F⁺, que se mostrou rebaixada nos dois grupos e ainda mais baixa no grupo de presidiários, revelando a dificuldade no controle do impulso, conforme afirmaram Rorschach (1967) e Beck (1960). Para Coelho (1972), este índice implica também na incapacidade de objetivação.

O índice IMP acima da média e %F⁺ abaixo foram encontrados por Fazzani Neto, Costa e Weis (1996) em pesquisa com toxicômanos e por Casado e Morana (2001) com agressores sexuais. Adrados (1982), em pesquisa com indivíduos apresentando personalidade psicopática, encontrou a %F⁺ rebaixada, indicando reduzida capacidade crítica. Adrados e Figueiredo (1995), com portadores de síndrome de pânico, encontraram o índice IMP elevado no grupo de pacientes femininos.

Coelho, Abade e Fazzani Neto (1993) encontraram, em pesquisa com sujeitos que cometeram crimes de extrema violência e “frieza de sentimento”, a porcentagem de F⁺ com rebaixamento significativo no conjunto de estímulos monocromáticos e ainda mais acentuado no conjunto de estímulos coloridos, em conformidade com os dados aqui apresentados. Encontraram também elevação do índice IMP, assim como Castro e Rocha Junior (2000), em presidiários por delito de assalto, em que IMP foi elevado e o índice de reação afetiva (Af) foi abaixo da média, revelando impulsividade com pouca sensibilidade aos aspectos afetivos mais socializados. Pellini (1999) encontrou IMP = 1,0, muito acima da média, em um estudo de caso com um drogadicto respondendo processo por tentativa de homicídio com uso de arma de fogo.

O RMI não apresentou diferenças significantes entre os três grupos, mas diferiu nos índices que o compõem (%F⁺, %V e %A), tanto no total das respostas quanto para as respostas às pranchas monocromáticas e coloridas. A %F⁺ apresentou-se significativamente rebaixada nos grupos GPA e GPR, enquanto que %A, elevada. A %V foi menor no grupo GPA do que no grupo GC, o que indica uma menor conformidade com as normas e regras sociais no GPA. Uma hipótese para o GPR ter apresentado %V dentro da média é de que os presidiários têm maior conhecimento das regras sociais, a fim de burlá-las.

Embora não tenha sido encontrada diferença significativa entre os três grupos no RMI, é importante verificar a qualidade dessa adaptação. Quando esta ocorre, os três índices que compõem o RMI deveriam estar também dentro da média. Isto não ocorreu na presente pesquisa nos grupos GPA e GPR. Portanto o valor dentro da média do RMI, é obtido nestes grupos por menor objetividade (%F⁺↓) e ligação com o meio mais impulsiva e imatura, por falta de controle ou por tensão emocional (%A[↑]).

Casado e Morana (2001), em pesquisa com agressores sexuais, encontraram a porcentagem de V abaixo da média, indicando a não internalização das regras sociais nessa população, porém a maioria dos sujeitos era capaz de usar as regras sociais desde que em situações sem envolvimento afetivo. Em pacientes com artrite reumatóide, Steiner (1985) encontrou baixa freqüência das respostas V, revelando dificuldades na aceitação das normas e padrões sociais, com pouca espontaneidade.

Souza (1995) encontrou alta freqüência de respostas banais (V, para Silveira) em dependentes de drogas, porém a concordância com o socialmente aceito era apenas formal, intelectual e não afetiva, uma vez que FC se mostrou rebaixado.

Enquanto o grupo controle apresentou %F⁺ dentro da média, nos outros grupos este valor foi rebaixado. Segundo Beck (1960) a forma bem vista é importante na adaptação e no controle dos impulsos, com maior capacidade de agir sob tensão (Beckey, Willian e Hertzman, apud Scheldon e Korschin, 1960). Estes autores referem que a forma é um índice de controle do ego, com adequação no teste da realidade. Isso sugere que os grupos de presidiários e de candidatos ao porte de arma apresentam um prejuízo na adaptação à realidade.

Yazigi, Silva e Neto e Ribeiro (1996) observaram, em estudo de caso com paciente usuário de crack, um número reduzido de respostas de respostas F^+ , o que ocorreu também na pesquisa de Fazzani Neto, Costa e Weis (1996) com toxicômanos com uso freqüente de cocaína e crack.

Estes autores indicaram a relação do F^+ com o nível intelectual, como proposto por Beck (1960), Silva (1987) e Traubenberg (1970). As respostas F^+ estão associadas à atenção, segundo Casado e Morana (2001). Para Coelho (1980), a % F^+ está associada à estabilidade da atenção, dos afetos e construção mental do mundo. Segundo Silveira (1985), o rebaixamento de F^+ significa insuficiência de controle motor e F^+ igual a 100% indica rigidez excessiva.

Para Coelho (1980), a %A exprime a ligação afetiva mais primária com a realidade. É vista no Método de Rorschach pelas respostas de figuras animais, que é uma categoria de conteúdo que reflete um tipo de interesse específico pelo ambiente, mais primitivo e imaturo. O rebaixamento desse índice revela falta de espontaneidade.

A porcentagem de A apresentou-se elevada no GPA e no GPR, indicando a busca de segurança no que é familiar e envolvimento mais intensamente com as situações. Essa porcentagem elevada também foi encontrada por Casado e Morana (2001) junto a presidiários por crimes sexuais (estupro e atentado violento ao pudor), revelando, segundo estas autoras, que os sujeitos mantêm um tipo de controle no ambiente ou lidam com a realidade por meio de elementos afetivos mais individualistas.

Steiner (1985), com portadores de artrite reumatóide, encontrou também a %A elevada, indicando problemas na área de interação social, o que ocorreu

ainda na pesquisa de Castro e Rocha Junior (2000), revelando pensamento estereotipado. Por outro lado, Fazzani Neto, Costa e Weis (1996) encontraram %A abaixo da média, junto a toxicômanos, indicando imaturidade emocional, bem como Pereira et al (2004), junto a alcoolistas, o que sugere dissociação do pensamento.

O Índice Conativo não diferenciou nenhum dos três grupos, seja no total como nos conjuntos mono e color. Isso indica que os três grupos apresentam a mesma disponibilidade para a ação motora e atenção ligada ao controle motor, de acordo com Coelho (1980). É importante, ao avaliar esse índice, considerar a %F e %F⁺ como variáveis independentes. A %F foi elevada somente no grupo de candidatos ao porte de arma, nas pranchas monocromáticas e no total de respostas.

A %F apresentou-se significativamente maior do GPA e não diferiu do GRP, o que está de acordo com os dados de Kahn (1959) que constatou que indivíduos violentos apresentaram maior rigidez no controle intelectual. Schafer (1954) verificou que quando a %F⁺ está abaixo da média e as respostas de F foram “mal vistas” revela capacidade de crítica ineficiente para este grupo.

A porcentagem de F elevada também foi relatada por Silva (1987), afirmando que este dado não torna as respostas mais adequadas, mas sim pobres, comuns e repetitivas, resultando em escasso nível de comunicação. Traubenberg (1970) explica que estas respostas podem revelar uma adaptação ao real, bem como uma atitude intelectual, com menor criatividade e afeto. Podem ainda revelar falta de espontaneidade e medo de manifestar os afetos.

Tonelli (1986) investigou presidiários extremamente violentos e encontrou a %F elevada relacionada à violência intensa. Esses dados confirmam as suposições de Rorschach, quando apresentou seu teste, relacionando a alta %F com dependência exagerada dos fatores externos.

Caires, Morana e Martins (1996) encontraram %F acima da média em sujeitos com transtorno de personalidade anti-social, o que indica percepção da realidade de forma mais superficial. Vaz (1997) relatou %F dentro da média em indivíduos com transtorno de personalidade anti-social, revelando controle do ambiente.

Os determinantes foram analisados em separado e nas relações que se estabelecem nas proporções investigadas. Sua interpretação requer uma visão global dessas relações. Para facilitar essa interpretação, a Figura 2 ilustra a comparação entre as médias para cada determinante, em cada grupo da pesquisa.

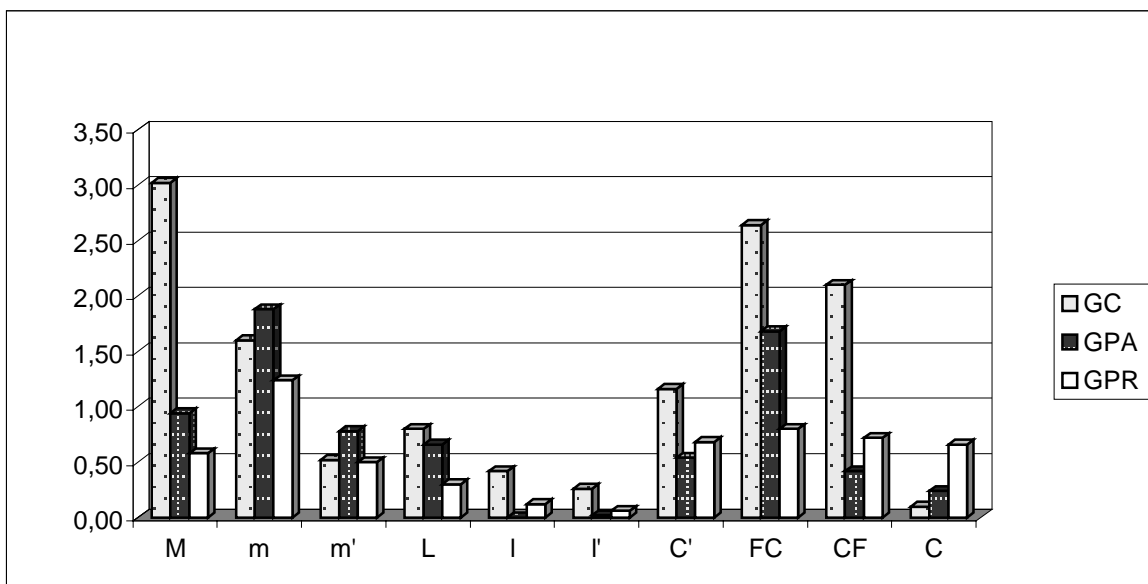


Figura 2. Comparação das médias dos determinantes.

Os determinantes investigados foram as respostas de movimento, as respostas de cor e as respostas de luminosidade, uma vez que estas últimas mostraram resultados relevantes para a interpretação dos dados encontrados. Isso não ocorreu com as respostas de perspectiva e por essa razão não estão sendo apresentadas e discutidas.

Para as respostas de movimento, observa-se que M apresentou-se bastante rebaixado nos grupos GPA e GPR em relação ao grupo controle, o que não ocorreu com os determinantes m e m'. Segundo Coelho (1980), o M revela as concepções objetivas e mais amadurecidas que se desenvolvem a partir das relações interpessoais primárias, o que foi menor em candidatos a porte de arma e em presidiários dessa pesquisa.

Não foram encontradas diferenças significantes entre GPA e GPR na proporção $M > m + m'$, porém houve diferença entre o grupo controle e estes dois grupos.

Pelas respostas de movimento, estando a proporção $M > m + m'$ rebaixada significativamente nos grupos de candidatos ao porte de arma e de presidiários, pode-se inferir que estes não apresentam controle adequado dos impulsos (menor do que o grupo controle), com falta de recursos para lidar com a realidade e as próprias experiências, conforme apontado por Coelho (1980).

Pereira (1987) afirma que se M for menor que m , conforme foi encontrado nos grupos GPA e GPR, isto revela um funcionamento infantil e menos vinculado às exigências da realidade objetiva. Esse dado também foi encontrado na pesquisa de Coelho, Abade e Fazzani Neto (1993), que obtiveram respostas de movimento inanimado ou de bloqueio (m'), junto a homicidas de extrema violência.

Na pesquisa com hipertensos de Vaz, Barros e Conte (1985) foram obtidas respostas de sombreado associadas a baixo número de respostas de movimento humano (respostas de luminosidade acima da média em detrimento de respostas M). Em pesquisa com portadores de artrite reumatóide, Steiner (1985) verificou a ausência de movimento humano e predominância de m e m' . Destacou que a imaturidade intrínseca foi agravada pela ausência de C' em todos os protocolos, indicando dificuldade de adaptação emocional desses pacientes. Houve ausência de L , revelando dificuldade de prudência e cautela ao reagir a estímulos emocionais.

Adrados (1982) encontrou a relação $M < m$ em personalidades psicopáticas, indicando imaturidade psicológica bem como ausência de angústia ou culpa, observada pela falta de respostas de sombreado (RL).

Passalacqua et al. (1996) observaram, em pesquisa com suicidas, poucas respostas de movimento animal (m).

Souza (1995), com sujeitos drogadictos, encontrou um número superior dessas mesmas respostas, indicando um nível mais primitivo de organização da personalidade.

Quanto às respostas de cor, verificou-se que o GPA e o GPR apresentaram rebaixamento em FC e CF e maior média de respostas C puro que o grupo GC. Na proporção $FC > CF + C$, não houve diferenças entre o GC e o GPA, sendo que ambos apresentaram diferenças significantes com o GPR, o qual obteve média baixa desta proporção.

Isto revela imaturidade afetiva, segundo Rorschach (1967), pois esta proporção indica o grau de controle exercido sobre os impulsos emocionais. Isso foi confirmado também por Silveira (1985) e por Coelho (1980), ao indicarem que o aumento de respostas C puro (Rorschach, 1967) revela forte impulsividade, tendência para atitudes reativas imediatas, afetividade egocêntrica e reações instintivas primárias e ainda não socializadas (Coelho, 1980 e Kahn, 1959). Isso poderia explicar o fato dos sujeitos do grupo GPR estarem presos, enquanto os outros dois grupos, não.

No estudo de caso com um usuário de crack, Yazigi, Silva e Neto e Ribeiro (1996) encontraram aumento de respostas de C puro e de CF e apenas duas respostas de F⁺. Passalacqua et al (1996) também verificaram a presença de C puro em suicidas.

A proporção $CF + C > FC$ foi maior no grupo de presidiários nesta pesquisa, indicando egocentrismo, o que também ocorreu no trabalho de Fazzani Neto, Costa e Weis (1996) com toxicômanos. Houve predomínio desta proporção na pesquisa de Coelho, Abade e Fazzani Neto (1993). Isso ocorreu também no estudo de caso de um drogadicto respondendo por tentativa de homicídio com arma de fogo apresentado por Pellini (1999), demonstrando imaturidade afetivo-emocional, com reações instáveis. Steiner (1985) encontrou a mesma proporção em portadores de artrite reumatóide, o que indicou auto-controle diminuído e egocentrismo nesses pacientes.

Souza (1995) verificou junto a drogadictos a presença da mesma proporção, o que indicou que a impulsividade e a labilidade emocional prevaleciam sobre a capacidade de contato e de adaptação. Essa autora observou ainda maior número de respostas esfumaçadas (respostas de luminosidade para Silveira), indicando a existência de certo nível de ansiedade, buscando uma adaptação mais cautelosa. O desenvolvimento afetivo desses sujeitos é marcado pela fixação e regressão a posições primitivas em que prevalece o ódio e a destrutividade, o que favorece a realização de crimes planejados com frieza e cuidado.

O reduzido número de respostas de movimento humano com o aumento de C puro, verificado no grupo de presidiários dessa pesquisa, foi encontrado por Eldstein e Carames (1985) com dependentes de drogas. Esses autores

consideraram que tais sujeitos não apresentaram uma personalidade básica definida, contudo revelaram traços de neuroses graves e psicoses agudas.

Coutinho e Dias (1985), ao estudarem a afetividade de jovens institucionalizados, verificaram baixa incidência ou nenhuma resposta de cor, indicando inibição do afeto, baixa frequência do determinante movimento bem como poucas respostas banais (V), com indicadores de conflitos internos. Concluíram que há embotamento da vida interior e afetiva nesses jovens.

Adrados e Figueiredo (1995), com portadores de síndrome de pânico, encontraram a relação $M > FC$ nos pacientes masculinos comparando-os com os femininos, o que pode ser interpretado como maturidade pela subordinação das necessidades de gratificação imediata a valores mais elevados.

Fadden e Ribeiro (1998) encontraram, em pacientes hipertensos, dinamismos mais imaturos levando os pacientes à retração emocional como defesa diante da inadequação da afetividade, o que foi observado nas proporções: $M < m + m'$, $FC < CF + C$ e $L + C' < I + I'$.

Quanto às respostas de luminosidade, não houve diferenças entre os grupos na proporção $L + C' > I + I'$ porém pode ser constatado que no grupo de presidiários desta pesquisa as respostas de L estão abaixo da média dos outros dois grupos indicando falta de prudência e cautela desses sujeitos no contato emocional com a realidade. As respostas C' foram abaixo da média no grupo GPA e no GPR, revelando a ausência de adaptação emocional de ordem concreta nesses sujeitos.

Vagostello, Silva e Nascimento (2004), em estudo com profissionais que portavam arma de fogo no exercício da profissão, verificaram $FC < CF + C$ em elevada proporção (3 : 10), revelando que tais profissionais também apresentam tendências para ações impulsivas, o que não era o esperado. Nessa pesquisa, os candidatos ao porte arma que eram Guardas Municipais não apresentaram diferença significativa com o grupo controle, o que leva a supor que eles possam ter maior controle do que os profissionais que já exercem a profissão.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi comparar três grupos de sujeitos: um grupo constituído de pessoas que buscam o porte de arma, um grupo de sujeitos que cometeram crimes com arma de fogo e um grupo controle e investigar assim os indicadores do Método de Rorschach para a concessão do porte de arma de fogo. Buscou-se estabelecer critérios para contra-indicar o porte por meio da presença de fatores patológicos ou de uma imaturidade emocional.

A hipótese levantada foi a de que os índices em desvio acima ou abaixo do esperado: Impulsividade (IMP), Adaptação à Realidade (RMI), Índice Conativo (Con), Resposta de Movimento (RM) e Resposta de Cor (RC), obtidos por meio do Método de Rorschach, poderiam servir como indicadores confiáveis deste teste. Esperava-se que os índices em desvio estariam presentes no grupo de sujeitos cumprindo pena e não nos outros dois grupos. Observou-se que isso ocorreu em relação a alguns índices relacionados às respostas de cor. Para os índices: IMP e RM, os desvios estiveram presentes no grupo de presidiários bem como no de candidatos ao porte de arma. Os índices RMI e Con não apresentaram diferenças significantes entre os grupos, mas para os fatores %F+, %A e %V foram encontradas algumas diferenças.

As semelhanças entre o GPA e o GPR talvez sejam devidas ao fato de que existem características de personalidade específicas entre os indivíduos que procuram profissões em que devam utilizar armas de fogo, provavelmente relacionadas ao contato com situações de perigo, que os tornam semelhantes aos indivíduos que cometeram crimes e que também se sentem atraídos para estas situações.

O índice que se mostrou mais significativo para diferenciar esses dois grupos foi a proporção $FC > CF + C$, que indica um amadurecimento psicológico e uma capacidade de controle emocional que não está presente nos indivíduos que cometeram delitos com arma de fogo.

É importante ainda destacar que os três grupos diferiram em termos de nível de escolaridade e que outras pesquisas devem ser feitas para determinar se essa é uma variável que pode influenciar os resultados do Rorschach.

Pode-se dizer que alguns indicadores podem contribuir para identificar contra-indicações para a concessão de porte de arma. Porém a análise do Rorschach não pode prescindir de uma análise qualitativa e global, envolvendo todos os índices. Deve-se ressaltar que a avaliação psicológica não deve ser feita com apenas um instrumento e não pode deixar de considerar o contexto da própria avaliação.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, S. (1998). Gerenciamento público da violência urbana: a justiça em ação. In: P. S. Pinheiro. (1998). *São Paulo sem medo: um diagnóstico da violência urbana* (pp. 229 - 230). Rio de Janeiro: Garamond.

Adrados, I. (1976). *Rorschach na adolescência normal e patológica*. Petrópolis: Vozes.

Adrados, I. (1982). *Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Adrados, I. & Figueiredo, N. (1995). Síndrome de pânico. *Revista da Associação Latina Americana de Rorschach*, 3 (4), 5-12.

Adrados, I. (2004). *A intuição do psicólogo: técnicas de abordagem com o uso do Rorschach* (1ª ed.). São Paulo: Vetor.

Alchieri, J. C. & Cruz, R. M. (2004). *Avaliação psicológica: conceito, métodos e instrumentos* (2ª ed. rev. e ampl.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Alves, I. (2004). Técnicas projetivas: questões atuais na psicologia. In: C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.). *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa*. Porto Alegre: SBRo.

- Anzieu, D. (1978). *Os métodos projetivos*. (Maria Lucia do E. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Campus Ltda.
- Becerra, J. D. (2003). Psicodiagnóstico de Rorschach. Su valor pronóstico. *Revista Cubana de psicología*, 20 (3), 242-247.
- Beck, S. (1960). *The Rorschach Experiment*. Venturis in Blind Diagnosis. New York: Grune & Stratton.
- Bell, J. E. (1992). *Técnicas proyectivas: exploración de la dinámica de la personalidad*. (1ª ed.). México: Paidós.
- Bellodi, P. L. (1999). *Personalidade e escolha de especialidade médica: o clínico e o cirurgião para além dos estereótipos: uma investigação pelo psicodiagnóstico de Rorschach*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bohm, E. (1971). *Manual del psicodiagnóstico de Rorschach*. Espanha: Morata.
- Brasil. (1934). Decreto Presidencial 24.602, de 6 de julho de 1934. Publicado em 11 de julho de 1934. *Diário Oficial da União*.
- Brasil. (1936). Decreto 1.246, de 11 de dezembro de 1936. *Diário Oficial da União*.
- Brasil. (1960). Decreto 47.587, de 4 de janeiro de 1960. *Diário Oficial da União*.
- Brasil. (1961). Decreto 94, de 30 de outubro de 1961. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (1962). Lei 4.119, de 27 de agosto de 1962. Regulamenta a formação e a profissão de Psicólogo. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (1965). Decreto 55.649, de 28 de janeiro de 1965. Revoga o Decreto 24.602. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (1980). Portaria Ministerial 1.261, de 11 de outubro de 1980. Estabelece que cada cidadão deve ser proprietário de no máximo de seis armas de uso permitido. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (1997). Lei 9.437, de 20 de fevereiro de 1997. Institui o Sistema Nacional de Armas – SINARM, estabelece condições para o registro e para o porte de arma de fogo, define crimes, e dá outras providências. Publicada em 25 de fevereiro de 1997. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (1997). Decreto 2.222, de 8 de maio de 1997. Regulamenta a Lei 9437. Publicado em 9 de maio de 1997. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (2003). Lei 10.826, de 23 de dezembro de 2003. Estatuto do Desarmamento. Publicada em 23 de dezembro de 2003. *Diário Oficial da União*.

Brasil. (2004). Decreto 5.123, de 1 de julho de 2004. Regulamenta a Lei 10.826. Publicado em 2 de julho de 2004. *Diário Oficial da União*.

Bueno, L. (2004). *Controle de armas: Um estudo comparativo de políticas públicas entre Grã-Bretanha, EUA, Canadá, Austrália e Brasil*. São Paulo: IBCCRIM.

- Caires, M. A.; Morana, H.C.P. & Martins, S.R.C. (1996). Variantes do transtorno anti-social e suas implicações em perícia: uma contribuição ao estudo do problema dos transtornos da personalidade. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, IX (1), 29-65.
- Carr, A. C. (1984). Pruebas psicológicas de inteligência y personalidad. In: A. M. Fredmann; H. I. Kaplan & B. J. Sodock (Eds.). (1984). *Tratado de Psiquiatria*. (pp. 839). La Habana. Edición Revolucionaria.
- Casado, L.P. & Morana, H.C.P. (2001). Aspectos da personalidade de agressores sexuais através da prova de Rorschach: adaptação ao ambiente. *Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo*, XI (1), 105-122.
- Castro, P.C. & Rocha Jr., A. (2000). Organização intelectual de reeducandos que cometeram o delito de assalto avaliados pelo Método de Rorschach. *Anais do III Congresso Ibero-Americano de Psicologia Jurídica*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Asociacion Iberoamericana de Psicologia Jurídica. Associação Brasileira de Psicologia Jurídica. São Paulo, 290-293.
- Castro, L.R.F. (2001). *A compreensão psicológica de ex-casais periciados em processos de disputa de guarda e regulamentação de visita*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Coelho, L. (1972). *Reações aos estímulos coloridos no Método de Rorschach, em probandos clinicamente impulsivos*. Anais do II Congresso Alar, Brasília, 34-37.

- Coelho, L. (1980). *Epilepsia e personalidade: psicodiagnóstico de Rorschach, entrevistas e anamnese hereditária em 102 examinandos*. São Paulo: Ática.
- Coelho, L. (1989). Perspectivas cognitivas em neuropsicologia. *Psicologia Clínica*, 1(1), 37-48.
- Coelho, L.; Abade, A. & Fazzani Neto, R. (1993). Apreensão e representação de imagens em protocolos de Rorschach de examinandos violentos. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 1, (1) 64-75.
- Coelho, L. (Org.). (2000). *Rorschach Clínico: Manual Básico*. São Paulo: Terceira Margem.
- Coutinho, M.P.L. (2001). Contexto sócio-histórico da avaliação psicológica: psicodiagnóstico e técnicas projetivas. Conselho Regional de Psicologia 13^a região. *A diversidade da avaliação psicológica: considerações teóricas e práticas*. (pp. 47-60). João Pessoa, RN: Idéia.
- Coutinho, M.P.L. & Dias, C.M.S.B. (1985). Estudo sobre a afetividade de jovens institucionalizados. Resumos do VI Congresso Latino Americano de Rorschach e outras técnicas projetivas. *Boletim de Psiquiatria*, 18 (1/2), 46.
- Cruz, R. M. (2002). O processo de conhecer em avaliação psicológica. In: R. M. Cruz; J. C. Alchieri & J. J. Sarda Jr. (Orgs.). (2002). *Avaliação e medidas psicológicas: produção do conhecimento e da intervenção profissional* (pp.15-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Cunha, J. et al. (2000). *Psicodiagnóstico-V*. (5^a. ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dias, C. I. (2002). Legislação para controle de armas leves no Brasil: de Vargas a Lula. Recuperado em 18 jun. 2006, http://www.vivario.org.br/public/media/legislacao_para_controle_de_armas_leves_no_Brasil_de_vargas_a_lula.pdf
- Donadi, D.C. (2000). A resposta de forma no Rorschach: aspectos evolutivos e psicopatológicos. *Mudanças*, 8 (14), 89-96.
- Endacott, J.L. (1941). The results of 100 male juvenile delinquents on the Rorschach ink-blot test. *Journal Criminal Psycho-pathology*, III, 41.
- Eldstein, S. & Carames, M. (1985). Drogadependencia através del psicodiagnóstico de Rorschach. Resumos do VI Congresso Latino Americano de Rorschach e outras técnicas projetivas. *Boletim de Psiquiatria*, 18 (1/2), 18.
- Exner, J. (1995). *Issues and methods in Rorschach research. Rorschach workshops*. New Jersey: Mahwah.
- Exner, J. (1999). *Manual de classificação do Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner, J. (2001). *A Rorschach workbook for the comprehensive system*. (5th. ed.). Asheville: Rorschach workshops.

- Exner, J. (2002). A new nonpatient sample for the Rorschach comprehensive system: a progressive report. *Journal of Personality Assessment*, 78 (3), 391-404.
- Fadden, M.A.J. & Ribeiro, A.V. (1998). Aspectos psicológicos e hipertensão essencial. *Revista da Associação de Medicina Brasileira*, 44 (1), 4-10.
- Fazzani Neto, R.; Costa, G.P. & Weis, A. (1996). Analyse des Protocoles de Rorschach sur lês toxicomanes. *Resumos XV Internacional Congress of Rorschach & Projective Methods*. Boston, MA, 85.
- Gomes, L. F. & Oliveira, W. T. (1998). *Lei das armas de fogo*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Gonçalves, C. M. T. S. (2001). O psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. Conselho Regional de Psicologia 13^a região. *A diversidade da avaliação psicológica: considerações teóricas e práticas* (pp. 39-46). João Pessoa, RN: Idéia.
- Guelli, A.V.; Jacquemin, A. & Santos, M. A. (1996). Análise dos conteúdos de Rorschach de pacientes com distúrbio afetivo bipolar. *Medicina*, 29 (2/3), 269-277.
- Kahn, M.W. (1959). A comparison of personality, intelligence, and social history of two criminal groups. *Journal of Social Psychology*, 49, 33-40.

- Licsw, L.P. (1996). A Rorschach profile of pos traumatic stress disorder. *Resumos XV Internacional Congress of Rorschach & Projetive Methods*. Boston, MA, 59.
- Morana, H. C. P. (2003). *Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: caracterização de dois subtipos de personalidade; transtorno global e parcial*. Tese de doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nascimento, S.R.G.F. (1998). Relações de objeto em pacientes portadores do quadro bipolar, no estado eutímico: um estudo realizado com o Rorschach. *Psicologia Revista* (6), 69-85.
- Nascimento, R.S.G.F. & Günthert, A.E.V.A. (2001). The index of depression in Exner's comprehensive system in the brazilian population: a preliminary study. *Anais IX Congress International Rorschach*. Amsterdã, 121.
- Nascimento, R.S.G.F. & Günthert, A.E.V.A. (2002). O índice DEPI do sistema compreensivo na população brasileira. *Congresso de Rosário da Sociedade Latino Americana de Rorschach – ALAR*, 78.
- Noronha, A. P. P. & Alchieri, J. C. (2002). Reflexões sobre instrumentos de avaliação psicológica. In: R. Primi (Org.). *Temas em avaliação psicológica* (pp.7-16). Campinas, SP: IBAP.

- Passalacqua, A.M.; Echenique, S.; Herrara, M.T. & Orcoyen, D. (1996). Beyonds subjects' response: detecting suicidal inclinations in the Rorschach inkblot technique. *Rorschachiana: yearbook of the International Rorschach Society*, XXI, 75-90.
- Pellini, M. C. B. M. (1999). *Avaliação psicológica para porte de arma de fogo: contribuições da prova de Rorschach*. Dissertação de Mestrado. Universidade São Marcos, São Paulo.
- Pellini, M. C. B. M. (2000a). *Avaliação psicológica para porte de arma de fogo: contribuições da prova de Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pellini, M. C. B. M. (2000b). Técnica de aplicação da Prova de Rorschach. In: L. Coelho (Org.). (2000). *Rorschach Clínico: Manual Básico* (pp. 21-35). São Paulo: Terceira Margem.
- Pellini, M. C. B. M.; Rosa, H. R.; Assumpção, C. N. & Sousa, R. (2005). Estudo de caso de um adolescente que cometeu prática delitiva. [CD-ROM] *Resumos – II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. Gramado, RS.
- Pereira, A. M.T. B. (1987). *Introdução ao método de Rorschach*. São Paulo: EPU.
- Pereira, M.J.M.; Gonçalves, C.M.T.; Socorro, T. C.; Lucas, M.C. & Medeiros, R. N. (2004). Análise quantitativa do alcoolista através do Método de Rorschach. In: C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.). *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa*. Porto Alegre: SBRo,
- Pescor, M.J. (1938). Age of delinquents in relationship to Rorschach test scores. *Public Health Reports*, Washington, 53.

Philips, L. & Smith, J.G. (1953). *Rorschach interpretation: advanced technique*. New York: Grune & Stratton.

Piccinelli, L.M. & Ortiz, M.C.M. (1985). A perícia psicológica: um novo campo de trabalho e pesquisa para os psicólogos e especialistas em Rorschach e outras técnicas diagnósticas. Resumos do VI Congresso Latino Americano de Rorschach e outras técnicas projetivas. *Boletim de Psiquiatria*, 18 (1/2), 34.

Piotrowski, Z. (1957). *Perceptanalysis*, New York: McMillan.

Portuondo, J.A. (1965). El diagnóstico através del test de Rorschach. Algunas consideraciones sobre los tests. *Revista Hospitalar de Psiquiatria*. Habana, 6 (4), 656-675.

Rapaport, D. (1959). *Tests de diagnóstico psicológico*. Bueno Aires: Paidós.

Romaro, R.A. & Loureiro, S.R. (1997). Distúrbios de personalidade borderline – comparação em dois momentos de avaliação, através da técnica de Rorschach. *Boletim de Psicologia*, 47 (106), 73-89.

Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico*. São Paulo: Mestre Jou. (original publicado em 1921).

Rossetto, M.A.C. & Luigi, M.B. (2000). Necrofilia: estudo de caso. *Psikhe*, 5 (2), 14-25.

- Rossetto, M.A.C.; Skawinski, L.S.R.; Coelho, A.C.P.; Rossetto Jr., J.A. & Bolla, K. (2000). Avaliação das características psicológicas dos estudantes de medicina por meio do método do Rorschach. *Psikhe*, 5 (2), 41-51.
- Schachtel, E. G. (1963). *Metamorphosis*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Schafer, R. (1954). *Psychoanalytic interpretation in Rorschach testing*. New York: Grune & Stratton.
- Scheldon, J. & Korschin, S. (1960). Form perception and ego function. In: M.A. Rickers Ovsiankina. *Rorschach Psychology*. New York: Wicwy Sons.
- Schwarz, L. R. (1999). O arquétipo paterno analisado pelo Rorschach-temático e pelo método de amplificação de Jung. *Mudanças*, 7 (11), 69-112.
- Serebrinsky, B. (1941). *El psicodiagnóstico de Rorschach en los homicidas*. Córdoba.
- Silva, J. G. (2004). *A nova lei das armas de fogo: comentários à Lei n. 10.826, de 23 de dezembro de 2003*. Campinas: Millennium.
- Silva, M.D.V. (1987). *Rorschach: uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU.
- Silveira, A. (1970). Impulsiveness and Ways of Mastering it. Rorschach Data With 100 Adults. *Anais do VII Rorschach International Congress*. London, (1968), Rorschach Proceedings. Bern, Huber.

- Silveira, A. (1985). *Prova de Rorschach: elaboração do psicograma*. São Paulo: Brasileira Ltda. (original publicado em 1964).
- Small, S. & Beck, S. (2004). *Qualidade formal*. (tradução adaptada e atualizada das tabelas de localização pela Sociedade Rorschach de São Paulo). São Paulo.
- Sousa, C. C. (1970). *O método de Rorschach* (2ª ed.). São Paulo: Vetor.
- Souza, M. A. (1995). *A compreensão psicológica do drogadicto através do Rorschach e entrevistas (E.D.A.O.)*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Souza, M. A.; Soldatelli, M. I. & Lopes, A. R. (1999). Abordagem intelectual de meninos agressivos através do Rorschach. *Mudanças*, 7 (11), 11-27.
- Steiner, M. H. F. (1985). O Rorschach e o estudo da interação social em pacientes portadores de artrite reumatóide. Resumos do VI Congresso Latino Americano de Rorschach e outras técnicas projetivas. *Boletim de Psiquiatria*, 18 (1/2), 47-48.
- Tomchinsky, R. B. (1966). Reações à prancha IX de Rorschach como repercussão de conflitos conjugais e paternos conscientes. *Boletim Sociedade Rorschach de São Paulo*, IX (1), 23-25.
- Tonelli, J. L. M. A. (1986). *Uma contribuição ao estudo da violência através do psicodiagnóstico de Rorschach*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

- Traubenberg, N. R. (1970). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix.
- Unesco. (2005). *Mortes Matadas Por Arma de Fogo no Brasil: 1979-2003*. Publicado em 06 de junho de 2005. Brasília: Unesco.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139949por.pdf>
- Van Kolck, O. L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.
- Vagostello, L. & Nascimento, R.S.G.F. (2002). Rorschach e porte de arma de fogo: uma revisão segundo o sistema compreensivo do estudo de Pellini. *Anais I Congresso Brasileiro de Psicologia: ciência e profissão*. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>.
- Vagostello, L., Silva, F.F. & Nascimento, R.S.G.F. (2004). Considerações preliminares sobre a avaliação psicológica em situações de porte de arma de fogo. In: C. E. Vaz & R. L. Graeff (Orgs.). *Técnicas projetivas: produtividade em pesquisa*. Porto Alegre: SBRo.
- Vaz, C.E.; Barros, G.P. & Conte, M.P. (1985). O Rorschach em hipertensão arterial. Resumos do VI Congresso Latino Americano de Rorschach e outras técnicas projetivas. *Boletim de Psiquiatria*, 18 (1/2), 46.
- Vaz, C.E. (1997). *O Rorschach: teoria e desempenho*. (3ª ed.). São Paulo: Manole.

- Villemor Amaral, A.E.; Pacheco e Silva Neto, A. C. & Nascimento, R.S.G.F. (2004). O método de Rorschach no sistema compreensivo. *Notas sobre estudos brasileiros*, 1. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wechsler, S. M. (1999). Guia de procedimentos éticos para avaliação psicológica. In: S. M. Wechsler & R. S. L. Guzzo. (1999). *Avaliação Psicológica: Perspectiva Internacional* (pp.133-141). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Yazigi, L.; Silva Neto, A. C. P. & Ribeiro, C.M. (1996). Crack mental deterioration and the Rorschach. *Resumos XV Internacional Congress of Rorschach & Projective Methods*. Boston, MA, 85.